UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERARIA
E LITERATURA COMPARADA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
TEORIA LITERARIA E LITERATURA COMPARADA

BOLIVAR – ARIEL

A construção dos ideais de liberdade para a América Latina

SÃO PAULO

2012

CARLOS TÚLIO DA SILVA MEDEIROS

BOLIVAR – ARIEL

A construção dos ideais de liberdade para a América Latina

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, FFLCH, USP, como requisito à obtenção do título de doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada.

Área de concentração: Teoria Literária

Orientadora: Profa. Dra. Lúgia Chiappini

SÃO PAULO

2012

*O esforço é grande e o homem é pequeno.
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
Este padrão ao pé do areal moreno
E para diante naveguei.*

*A alma é divina e a obra é imperfeita.
Este padrão sinala ao vento e aos céus
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:
O porfazer é só com Deus.
(...)*

Fernando Pessoa - Mar Portuguez

*Para todos os meus amigos dos
Diálogos en Mercosur e da
Internacional del Conocimiento.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, à professora Lígia Chiappini, por ter me recebido em seu seletto grupo de alunos, pelas lições acadêmicas, pelas lições de vida.

Agradeço aos colegas de minha coordenadoria, a COLINC/IFSUL – Campus Pelotas, por terem me permitido voltar ao mundo acadêmico.

Agradeço à Cláudia Lorena, que muitas vezes corrigiu meus textos; ao Gilnei Oleiro, à Mirka Seitz, à Silvia Fridman, ao Luisinho Borges, ao Mogar e a todos aqueles colegas que sempre estiveram disponíveis para conversar a respeito do Sílvio Júlio, do Rodó e da América Latina.

Agradeço aos funcionários do departamento de Teoria/USP, especialmente ao Luiz Mattos, que desde nosso primeiro contato sempre foi irmão e parceiro.

Um “Obrigado” muito especial aos professores Sandra Nitrini, Ana Pizarro e Eduardo Deves, por todo o carinho e palavras de ensinamento durante esse percurso.

Meu “muito obrigado” ao Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq, pelo apoio financeiro durante o período em que fui bolsista. Graças a esse apoio, pude conhecer a América Latina de Sílvio Júlio, Rodó e Bolívar.

Por fim, um agradecimento muito especial à Eliete e ao Bernardo, que navegaram comigo nesse barco.

INDICE

Resumo	6
Abstract	7
Introdução	8
Capítulo I – Primeiras Linhas – O descobrimento	12
I.1. As primeiras formações latino-americanas	12
I.2. O pensador latino-americano e as novas idéias sobre a América	21
Capítulo II – José Enrique Rodó e Sílvio Júlio de Albuquerque Lima à luz da Estética da Recepção	26
Capítulo III – Os caminhos que cruzam Ariel e Bolívar no processo de formação da América Latina	36
III.1. O nacionalismo modernista de Mário de Andrade	44
III.2. A noção de Rede Acadêmica de Sílvio Júlio na América Latina	46
Capítulo IV – Bolívar – sob o olhar de Sílvio Júlio	49
IV.1. Simón Bolívar – sob o olhar de Marx	55
IV.2. O projeto silviojuliano	61
IV.3. Sílvio Júlio e o contexto latino-americano	65
IV.3.1. A estratégia bolivariana de ação político/militar: federalista versus unitarista	70
Capítulo V – Ariel, de José Enrique Rodó	84
V.1. Ariel, através de Próspero	87
V.2. A proposta rodoniana em Ariel	96
Capítulo VI – A Recepção e as Influências que as obras Ariel e Bolívar produziram na intelectualidade latino-americana	104
Capítulo VII – Ariel e Bolívar – O primeiro cinquentenário do século XX	113
Capítulo VIII – Considerações Finais	138
Bibliografia	145
Parte 1. Obras consultadas, citadas e apoio	145
Parte 2. Artigos consultados, citados e apoio	156

RESUMO

Este estudo propõe a análise das obras Ariel e Cérebro e Coração de Bolívar, dos escritores José Enrique Rodó, uruguaio, e Sílvio Júlio de Albuquerque Lima, brasileiro, respectivamente, sob os olhos da Teoria Literária e da Literatura Comparada.

Em Ariel (1900), obra dedicada especialmente para os jovens estudantes e que teve papel preponderante na formação da nova intelectualidade latino-americana, em especial aquela de raiz hispânica, encontraremos as razões que levaram Rodó a preferir as contribuições européias àquelas proporcionadas pelo utilitarismo norte-americano; Em Cérebro e Coração de Bolívar (1931), encontraremos a história e a figura de Bolívar na busca de uma América coesa, fortalecida pela identidade de princípios e objetivos comuns.

Palavras-chave: identidade, formação, América Latina, tradição, liberdade

ABSTRACT

This study has the propose to analyze the works Ariel and Cérebro e Coração de Bolívar, from the writers Jose Enrique Rodó, Uruguayan, and Sílvio Júlio de Albuquerque Lima, Brazil, respectively, under the eyes of Literary Theory and Comparative Literature.

In Ariel (1900), a work dedicated especially for young students with a very important role in the formation of the new Latin American intellectuals, especially that of Hispanic roots, we will find the reasons that guided Rodó to prefer the European contributions to those provided by utilitarianism north American; in Cerebro e Coração de Bolivar (1931), we will find the story and the figure of Bolívar in the pursuit of an America united, strengthened by our common principles and common goals.

Keywords: identity, liberty, Latin America, tradition, Bolívar

Introdução

El nuevo mundo es nuestra patria, su historia
es la nuestra. ¡Queridos hermanos y compatriotas!
Descubramos nuevamente América para
todos nuestros hermanos de toda la Tierra.
(Juan Pablo Viscardo, 1791)¹

Quando se vai produzir um texto, e se empreende uma pesquisa para tanto, é necessário, antes de tudo, aceitar o desafio. Boa vontade, apenas, não é o suficiente para alcançar aquilo que foi esboçado quando das primeiras linhas. Nesse sentido, fica bastante claro, que o objetivo proposto no início, muitas vezes, pode sofrer alterações e podemos tomar outros rumos, visto que as leituras realizadas, as pessoas ouvidas, os conselhos dados ou sugeridos, a própria reflexão que acontece a partir dessa maturação, quer dizer, o próprio crescimento intelectual, batem em nossos ouvidos como um forte sonido, cuja única função é a de manter alerta o pesquisador sobre a rota traçada e seus desvios, sobre suas certezas e incertezas, sobre o que se produziu, ou não, até aquele momento.

Nesse processo de elaboração textual, encontramos os procedimentos internos, os sistemas de inclusão e de exclusão, a classificação, a ordenação, a distribuição, a própria dimensão tomada pelo texto a partir dos acontecimentos lidos e analisados, como também a presença do próprio acaso, se queremos lembrar Foucault (2004). Sem dúvida, ainda nessa etapa de elaboração textual, “muitos textos maiores se fundem e desaparecem, e, por vezes, comentários vêm tomar o primeiro lugar” (FOUCAULT, 2004, p. 23). A primeira recepção da obra a ser pesquisada, conseqüentemente a sua atualização, acontece quando o autor, enquanto produtor-leitor imediato, agrupa o “velho” discurso através da unidade e

¹ Carta dirigida pelo jesuíta Juan Pablo Viscardo aos Españoles Americanos, Peru, em 1792.

origem de suas significações, focando, enfim, na coerência, como produto final do texto, trazendo-a para o seu tempo.

A partir desse olhar, a proposta de analisar as obras Ariel, do uruguaio José Enrique Rodó, e Cérebro e Coração de Bolívar, do brasileiro Sílvio Júlio de Albuquerque Lima, cujas primeiras publicações aconteceram em 1900 e 1931, respectivamente, nos coloca frente a vários dilemas identitários, culturais, sociais, entre outros, os quais, para o latino-americano, parecem continuar evidentes e mais atuais do que nunca, visto que essa análise recepcional, comparativa, teórica ou não, nos possibilita *não* a leitura do pensamento filosófico rodoniano através do olhar arielista, ou o acesso à visão política bolivariana, a partir do olhar intransigente e apaixonado de Sílvio Júlio, mas sim, ao mesmo tempo em que nos posiciona entre a cruz e a espada, permite-nos olhar uma América Latina diferenciada em seu todo. Essa visão *una* se reforça ainda mais quando outro uruguaio, o escritor Eduardo Galeano, ao lembrar em seu livro As veias abertas da América Latina (2011) duas frases fundamentais do proclamado *Libertador de Nações*, o venezuelano Simón Bolívar: “Nunca seremos Felizes, Nunca”, ou, “Para nós, a Pátria é a América”², praticamente obriga o pesquisador-leitor a refletir sobre tudo aquilo que nos tem oprimido enquanto cidadão de um continente localizado nesse ainda Novo Mundo, em especial nos últimos cem anos.

Passado tanto tempo da primeira invasão à América, e de Bolívar e Rodó, continuamos discutindo a respeito de quem queremos seguir, o que queremos fazer, como podemos nos unir enquanto *hermanos*. Continuamos a produzir textos cujo foco é a descoberta ou a invenção e reinvenção da América, permanecendo, no entanto, com o pensamento de Galeano (2011):

o resultado está à vista: na atualidade, qualquer das corporações multinacionais opera com maior coerência o senso de unidade do que este conjunto de ilhas que é a América Latina, desgarrada por tantas fronteiras e tantos isolamentos. Que integração podem efetivar entre si países que sequer se integraram por dentro? Cada país padece profundas fraturas em seu próprio seio, agudas divisões sociais e tensões não resolvidas entre seus vastos desertos marginais e seus oásis urbanos (GALEANO, 2011, p. 365).

Quando se observa o período que separa o momento atual do tempo de Bolívar e o de Rodó, 182 e 95 anos, respectivamente, a desunião e a cobiça, entre tantos outros

² Ambas as frases ditas em carta ao General Rafael Urdaneta, em 1929.

fatores, é certo, continuam à vista e a toda prova, uma vez que os governos da América Latina, em pleno século XXI, e praticamente sem exceção, continuam a não permitir a realização do bem-estar social e a destruir as relações entre as várias fronteiras, que independente da relação diplomáticas, procuram manter a relação de amizade, em nome de um protecionismo nacional. Dessa forma, ao atualizarmos a leitura das obras, percebemos que Ariel e Cérebro e Coração de Bolívar são narrativas que navegam através de histórias, muitas vezes da própria História, indo além de seus protagonistas e narradores. Nesse processo, resgatam valores de outros tempos, encontram a “modernidade” na velha Europa, porém, enquanto obras analisadas, ambas tem um ponto em comum, ou seja: a crítica aos Estados Unidos da América.

A esse respeito, em Ariel, destacamos a seguinte fala de Próspero: “Se foi possível dizer que o *utilitarismo* é o verbo do espírito inglês, os Estados Unidos podem ser considerados a encarnação do verbo utilitário” (ARIEL, 1981, p. 69); já em Cérebro e Coração de Bolívar, encontraremos: “Conheço o monstro, pois vivi em suas entranhas” (SILVIO JULIO, 1931, p. 226), fala de Simón Bolívar, logo depois de cruzar as terras norte-americanas.

Conforme lembrou Antonio Mercader³ (2000), a proposta dos idealistas latino-americanos, particularmente de Rodó, ia muito além da simples crítica, rejeição ou slogan anti-norte-americano. No caso de Bolívar – e este foi o primeiro a dar o impulso a essa consciência de *liberdade* através do fator político – passava pelo *estabelecer e solidificar* as raízes incipientes do continente através de tudo aquilo que unia seu povo, em especial a língua, e, conseqüentemente, *criar* uma *Pátria Grande* independente. Para José Enrique Rodó, que definia o próprio Bolívar como o “el barro de América atravesado por el soplo del genio, que transmuta su aroma y su sabor en propiedades del espíritu” (RODÓ, 1957, p. 551), essa reação consciente às seduções utilitaristas, esse afastamento da própria cultura e dos valores espirituais, deveria acontecer, fundamentalmente, pela ação educadora, em especial, da alma.

Vê-se, no entanto, que se esses objetivos foram alcançados por Rodó ou Bolívar, ou não, se estes tiveram seus ideais desvirtuados por modernas re-leituras políticas, econômicas ou sociais, se foram avaliados positivamente ou de forma contrária, devemos entender que a Recepção de suas obras, e respectivas propostas de uma América Latina para os latino-americanos, condicionada por essa relação dialógica entre leitor e literatura,

³ Ministro da Educação e Cultura uruguaia, quando abre o livro Ariel, com o artigo *A 100 años, Rodó y su Ariel siguen siendo noticia*, 2000.

obra e leitor, provoca, antes de tudo, um forte elo entre os mesmos, cujo grau de continuidade e interação dependerá dos elementos referencias de caráter essencialmente estético-ideológico que os compõem. Mediante a essa natureza dialógica, a obra literária somente permanecerá em destaque se/enquanto houver essa ação recíproca com o seu receptor, consequentemente, com o seu *horizonte de expectativas* em relação à obra em análise, caso contrário, teremos mais um volume esquecido na estante da biblioteca.

O que se deve considerar em uma nova pesquisa sobre obras *fora de nosso tempo* é, justamente, a possibilidade de transformação que as mesmas podem promover no receptor/leitor. Isso justifica o uso da teoria da *Estética da Recepção*, pelos olhos de Jauss, com o objetivo de verificar o quanto Ariel e Cérebro e Coração de Bolívar alcançaram, sob o ponto de vista da análise crítica, junto aos intelectuais, em especial nos primeiros cinquenta anos do século XX, e o quanto tais afirmações e posicionamentos manifestados há tanto tempo continuam reverberando na sociedade moderna.

Vale salientar, ainda, que nesse contexto recepcional, José Enrique Rodó pode ser considerado um precursor, visto que o autor uruguaio já havia noticiado na primeira década do século XX, que “el papel del lector contiene un abanico de potencialidades que en cada caso concreto son objeto de actualizaciones definidas; [...] (que el lector) es capaz de duplicarse psicológicamente durante la lectura” (ROCCA, 2001, p. 9), e era nessa “reprodução intelectual”, sobretudo a partir dos olhos juvenis, que ele depositava a sua esperança de uma América Latina leitora, capaz, educada e livre.

Acredito que descobrir, ou perceber, o desejo de liberdade de um povo, de uma nação ou de um continente sob o olhar de *Ariel* e *Simón Bolívar*, de Rodó e *Sílvio Júlio*, assemelha-se ao sentimento percebido pelo professor Walter Mignolo, em 1991, por ocasião do seminário *Literatura e História na América Latina*, na cidade de São Paulo, coordenado pelos professores Ligia Chiappini e Flávio Aguiar, quando afirmou que, após ter assistido aos vários debates ocorridos a respeito de Ángel Rama e a América Latina, com tantos palestrantes renomados em seus respectivos campos de atuação, sentia-se como se tivesse chegado a uma festa que já havia terminado e que já estavam recolhendo os pratos. Parece que não há muito a ser feito!

No entanto, ao mirar uma América Latina que há tanto tempo se movimenta, que grita, reage, se defende e cria esperanças que o dia seguinte será sempre melhor; a cada dia que nasce ou se publica uma nova obra, a cada dia que se faz a re-leitura das personagens transformadas em mito e de obras latino-americanas, sabemos o quando estamos vivos e podemos ser unidos e fortes.

I – Primeiras Linhas – O Descobrimento

1. As primeiras formações latino-americanas

O descobrimento da América⁴ teve início em 3 de agosto de 1492, com a partida do genovês Cristovão Colombo da cidade de *Palos de la Frontera*, província de *Huelva*, na Andaluzia-Espanha, com três navios e um total de noventa tripulantes. Pelos relatos históricos, Colombo pretendia chegar à China e ao Japão, inicialmente. Não suspeitava, talvez, que terminaria sua viagem no outro lado do mundo, descobrindo um novo continente para a corte espanhola.

Confundido, cree que ha llegado a la India y por eso llama a los apacibles habitantes de las islas del Caribe, “indios”. Más confundido todavía, cree que Cuba es Catay

⁴ Se o “descobrimento” da América acontece em 1492, poucos anos depois, em abril de 1500, os portugueses chegavam à costa litorânea brasileira, sob o comando do navegador Pedro Alvarez Cabral.. Segundo Fausto (2012), Portugal lança-se ao mar em busca dos seguintes objetivos: “perspectivas de bom negócio para os comerciantes; oportunidade de criar novas fontes de receita para o rei; e, para o povo, lançar-se ao mar significou, sobretudo, emigrar, tentar uma vida melhor, fugir de um sistema de opressões” (Fausto, 2012, p. 27). No entanto, a História releva, especialmente nos livros didáticos, que essa chegada representou uma tragédia para os moradores locais, os indígenas. A relação mantida entre ambos não foi amistosa, levando os portugueses a cometerem um verdadeiro massacre contra aquela comunidade. Massacre, porque, se na chegada portuguesa havia uma população estimada de milhões de indígenas, hoje resta uma população reduzida em pouco mais de 250 mil índios em todo o país. Nos primeiros anos do período colonial, o Brasil foi “arrendado por três anos a um consórcio de comerciantes de Lisboa. O consórcio realizou algumas viagens, mas quando o arrendamento terminou, a Coroa portuguesa tomou a exploração da nova terra em suas mãos” (Fausto, op. cit. p 39), dividindo o Brasil em capitânicas hereditárias, num processo amplo de conquista e ocupação. Esse período é classificado por Fausto em três momentos: “o primeiro vai da chegada de Cabral à instalação do Governo-geral, em 1549; o segundo é um longo lapso de tempo entre a instalação do governo-geral e as últimas décadas do século XVIII; o terceiro vai dessa época à Independência” (idem). Ressalta-se que a dita independência brasileira só teve o seu reconhecimento por Portugal em agosto de 1825, a partir da mediação inglesa, que tinha forte interesse em fazer negócios com o Brasil. Como lembra Koshiba & Pereira (1993), “curiosamente, o reconhecimento foi feito mediante a indenização de dois milhões de libra, pagos pelo Brasil, e a concessão do título de Imperador do Brasil, em caráter honorário, a D. João VI” (Koshiba & Pereira, 1993, p. 178). Enquanto a América hispânica vivia outra realidade, com Simón Bolívar, por exemplo, plantando a idéia de uma América una, o Brasil fazia a sua própria política de relações internas e externas, o que o manteve alheio ao que acontecia nos demais países do Continente.

(China), y que Cibao (región de La Española o Santo Domingo) es Cipango (Japón) (RODRIGUEZ/FILER, 1988, p. 11).

Dessa forma, a primeira visita, ou invasão, oficialmente reconhecida pela História com o propósito de descobrir e, posteriormente, tomar posse das terras americanas, estabelecendo como resultado os primeiros registros de violência e barbárie por parte do visitante, agora dominador, ocorreu na manhã de 12 de outubro de 1492, quando Cristovão Colombo, desembarcou na pequena ilha chamada *Guanahani*, batizada por ele, tempos depois, como San Salvador⁵. Naquele momento, tomado pela consciência do *vacio de poder* (ZEA, 1991, p. 8), Colombo, dotado do poder outorgado por seus Senhores, dá início à universalização da história, quando troca o seu projeto mercantil pelo da conquista⁶.

Contudo, pode-se considerar que foi no ano de 1898, quatrocentos e seis anos depois da primeira invasão, que ocorreu um dos momentos mais críticos e decisivos para o continente como um todo. Embora seja considerado por alguns estudiosos da história latino-americana, a exemplo de Eduardo Bacerra⁷, como um momento determinante, um marco histórico e significativo tanto no aspecto cultural quanto no pensamento hispano-americano, que oscilava entre “a busca de modernização ou o reforçamento da identidade” (DEVÉS VALDÉS, 2000, p. 15), foi a questão ideológica que atuou de forma influenciadora nesse processo de (nova) composição desse mesmo pensamento quando os Estados Unidos da América, ao declararem guerra à Espanha, em 25 de abril daquele ano, e consagrarem-se vitoriosos, ocuparam, em definitivo, o *vacio de poder* oriundo da ausência sugerida por Zea e assumiram, de vez, o seu papel de potência-líder e modelo para a América, como também no resto do mundo, querendo seus irmãos do sul ou não⁸.

No entanto, essa resistência a quem quisesse determinar o futuro do continente, fosse acima ou abaixo da linha do Equador, já havia sido iniciada, de certa forma, quando os

⁵ Conforme afirma Guillermo Giucci, em *Visitantes do Maravilhoso* (1992, p. 102). Ainda para o pesquisador Armando Teixeira Primo, podem ser as atuais Watling, Grand Turk ou mais provavelmente Samana Cay, nas Bahamas (PRIMO, 2004, p. 13).

⁶ Zea afirma, ainda que, “así se inicia la conquista y colonización del Caribe y a partir del Caribe del continente bautizado como América. Y, a partir de este continente del orbe entero, del Asia, África y Oceanía. Los que no pudieran hacer los cruzados entre los siglos XI a XIII lo harán los navegantes europeos que seguirán a Colon” (ZEA, 1991, p. 9).

⁷ Universidade Autônoma de Madri.

⁸ A intervenção norte-americana na guerra de independência de Cuba foi determinante para toda uma geração de intelectuais ibero-americanos, pois a partir daquele momento, esses intelectuais sentiram-se estimulados a produzir ensaios a respeito das relações entre as duas Américas e seus respectivos processos de evolução histórica.

nativos⁹ reagiram contra aqueles primeiros *homens brancos* que aportaram por essas bandas no final do século XV, sob o comando do futuro vice-rei e governador perpétuo das Índias, Cristovão Colombo.

Sendo o continente americano formado por um povo diversificado, porém com raízes próprias, é exatamente a partir e através da composição desse *hibridismo* latino, dessa mestiçagem e transculturação, que ocorrem não apenas as primeiras, mas todas as manifestações contrárias aos que viriam a dominá-lo em definitivo, ao longo de sua história.

O venezuelano Simón Bolívar, por exemplo, em um discurso realizado na cidade de Angostura, em 1819, já afirmava:

Não somos europeus, não somos índios mas sim uma espécie intermédia entre os aborígenes e os espanhóis. Americanos por nascimento e europeus por direito, nos encontramos em meio ao conflito de disputar os títulos de propriedade aos nativos e manter-nos no país que nos viu nascer, contra a oposição dos invasores. De maneira que o nosso caso é extremamente extraordinário e complicado. (...) Estamos colocados num grau inferior ao da servidão. Mantenhamos presente que o nosso povo não é nem europeu, nem americano do norte, é antes uma composição de África e América do que uma emanção da Europa... é impossível determinar com propriedade a que família pertencemos (BOLIVAR, 1819).

Evidencia-se, a partir do depoimento de Bolívar, que o fator histórico-social *raça*¹⁰ tem valor significativo no sentido simultaneamente material, étnico e cultural, na avaliação desse processo formativo de identidade latino-americana.

Para Sílvio Júlio (1957),

Na América, as três raças que se mesclaram, após a viagem de Colón, produzindo mestiços de centenas de tipos, não usaram os processos de criação, mas os de adaptação ao *habitat* para o qual vieram já maduros. O branco venceu, com direito multissecular, a religião monoteísta e o idioma elegante, rico, evolucionado. O preto venceu, com sua sentimentalidade pueril. O índio venceu, com seu instinto de liberdade. A questão consistiu na adaptação e não na criação dos ideais, das crenças, da índole de cada grupo (SÍLVIO JULIO, 1957, p. 12).

⁹ De forma geral, a relação inicial com europeu que aqui chegou, fosse ele espanhol primeiramente, fosse ele português, não aconteceu de maneira tão tranquila, visto que o europeu buscou no indígena a força motriz necessária para resolver seus problemas de mão de obra local; porém, optando pelo trabalho compulsório da escravidão, levou o indígena ao extremo de sua energia, provocando, em muitos momentos, a sua fuga. Fausto (2012) reforça que “os índios resistiram às varias formas de sijeição, pela guerra, pela fuga, pela recusa ao trabalho compulsório. [...] Só em 1758 a Coroa determinou a libertação definitiva dos indígenas” (Fausto, 2012, p. 46)

¹⁰ Em seu livro *O espetáculo das raças* (1993), a pesquisadora Lilia Moritz Schwarcz apresenta ao leitor um Brasil definido como um grande laboratório racial, especialmente no final do século passado. Assim, também, podemos considerar a América Latina, ou seja, um mosaico de miscigenação. Segundo Schwarcz, o termo *raça* é “introduzido na literatura mais especializada em inícios do século XIX, por Georges Cuvier, inaugurando a idéia da existência de heranças físicas permanentes entre os vários grupos humanos” (SCHWARCZ, 2011, p. 47).

Salvo o branco e o negro, que chegaram a *posteriori*, não se pode afirmar, como faz Sílvio Júlio, que o indígena só venceu as questões que diziam respeito aos ideais, às crenças, à índole, etc, devido ao seu “instinto de liberdade”; pelo contrário, visto que já viviam no continente há milhares de anos; entretanto, o autor pernambucano está correto quando informa ao leitor que fatores como o *habitat*, o *meio* e a *distância*, em muito, foram barreiras naturais para os novos moradores desse continente, que de forma alguma puderam considerar as novas terras como uma simples extensão do continente europeu, correndo o risco de nunca entendê-la. Dessa forma, frente à necessidade de adaptação ao novo e ainda desconhecido, o *meio* foi domesticado e transformado em questão econômica – quando beneficiaram os frutos locais e o transformaram em moeda local, por exemplo; com a chegada do *novo* homem, furou-se montanhas, rasgou-se estradas e reduziu-se a *distância* entre as cidades. “A este triunfo lento braço contra o universo, da consciência superior contra a inércia do inanimado, da alma contra a matéria, chama-se civilização” (SILVIO JULIO, 1957, p. 11), reflexo natural da nova mentalidade aqui presente.

A partir desse olhar silviojuliano, o ibero aqui instalado, dispondo sempre dessa condição estabelecida de poder, colocou o índio e o negro¹¹ ao seu serviço, sempre com um chefe à frente, resultando em uma combinação física e espiritual, que permitiu progressos numa região totalmente bruta, ou seja, selvagem, inóspita e desconhecida aos olhos europeus.

O meio geográfico em que operou a colonização espanhola impôs uma forma dispersiva, contrária ao aproveitamento acumulado dos esforços que nela se empreenderam. Os espanhóis não ocuparam apenas um só país, mas países numerosos, constitutivos de unidade geográficas muito diferentes. Além disso, todos esses países formam meios não apenas isolados, mas isolantes (PEREYRA apud SÍLVIO JÚLIO, op. cit. p. 19).

Tal condição de isolamento e/ou distanciamento continuava a ser percebida muito tempo depois dos primeiros habitantes estrangeiros fixarem moradia no continente, como mostrou Domingos Sarmiento, em 1882, quase quatrocentos anos após a chegada do espanhol, ao questionar, numa carta escrita a Sra. Horace Mann¹², o porquê de “um milhão de imigrantes se dirigirem ao Norte da América, quando o Sul recebe apenas oito, vinte, quarenta

¹¹ Frente às reações do índio, que não aceitava a condição escrava imposta pelo europeu, o negro passa a ser adotado como solução de mão de obra da colônia, que se estabelecia com pleno êxito. Dessa forma, busca-se na resistência física do negro a solução para resolver do trabalho mais pesado. Em particular no Brasil, “os africanos forma trazidos do chamado ‘continente negro’ em fluxo variável. Os cálculos sobre o número de pessoas transportadas como escravas variam muito. Estima-se que entre 1550 e 1855 entraram pelos portos brasileiros 4 milhões de escravos, na sua grande maioria jovens do sexo masculino” (Fausto, 2012, p. 47), que se pagava em um prazo igual a 30 meses.

¹² Educador e abolicionista americano.

mil no máximo”¹³. Sarmiento lembrava que em dez anos esse número chegou próximo dos setenta mil, apenas.

Apesar da escassez de habitantes, o continente já tinha relativa população, beirando a casa dos “quince a veinte millones de habitantes que se hallan esparcidos en este gran continente de naciones indígenas, africanas, españolas y razas cruzadas [...]” (SÍLVIO JÚLIO, 1957, p. 28), como lembrava Bolívar nos idos de 1815.

Fato é que a minoria era de brancos, que dominavam a comunidade local, determinando que, na América, africanos e autóctones sofressem o inevitável despotismo dos que se denominavam superiores, pensamento defendido até mesmo por aquele chamado de *El Libertador*. Bolívar acreditava que “apesar de estar em menor número, também era certo que aqueles, *los blancos*, possuíam qualidades intelectuais suficientes que lhe davam uma relativa igualdade (numérica) junto aos demais habitantes” (SÍLVIO JÚLIO, op. cit. p. 32).

No entanto, apesar de todas as diferenças, desarmonias e inimizades, claras ou não entre aqueles habitantes, uma tese deve-se defender: independente de como essas raças – branca, vermelha e negra – evoluíram, com todas essas misturas no decorrer do processo de colonização e processo de formação do povo latino americano, essa complexa mestiçagem, que com sua soma de parcelas heterogêneas saiu híbrida, foi um dos fatores determinantes na composição da idéia de independência da América, em virtude do surgimento de novas sociedades interiormente agitadas e ainda desconexas.

Nesse contexto, fez-se urgente a adaptação das massas que haviam de gerar o habitante do Novo Continente: nasce o sentimento de Pátria no homem, agora, (latino) americano. Se no início Colombo procurou relatar em suas *Cartas* a beleza da paisagem nativa, a *docibilidadade* dos indígenas, o clima agradável e a certeza de enriquecimento fácil, enganou-se o europeu que pensou, desde os primórdios, que a *Nova Terra* seria mais uma extensão do Velho Mundo.

Erroneamente ou não, é sob a condição de terra e povo exóticos que as primeiras informações chegam à Coroa a respeito da geografia e dos habitantes no Novo Continente. Inventar-se a América a partir desses incipientes relatos marítimos, religiosos e até literários, que nascem da escritura de homens que acompanhavam os capitães como Colombo no desbravamento das terras americanas.

Dentre essas primeiras escrituras, considerando-se, aqui, apenas os relatos referentes à conquista espanhola, tem-se o relato de Hernán Cortés¹⁴ que, a partir do ponto de vista do

¹³ SARMIENTO, Domingos Faustino. Conflictos y Armonias de las razas en America. Publicado en 1883, ano de sua morte.

conquistador, em documentos escritos a Carlos V, intitulados *Cartas de relación*, entre os anos de 1519 a 1526, oferece a primeira descrição de uma avançada civilização pré-colombiana, referindo-se à civilização Asteca.

Da mesma época, “reclamando contra a glória exclusiva do Capitão Cortés [...] que a entendia coletiva, e como tal, não havia como engrandecer demasiado a figura de Cortés” (JOSEF, 2005, p.15/16), é a obra *História verdadera de la conquista de la Nueva España* (1568), de Bernal Díaz del Castillo¹⁵, na qual o autor descreve como pensava e atuava um soldado durante essa aventura espanhola. “Esta obra confirma la entrada a la literatura del hombre común que se siente autorizado para escribir por haber participado de una hazaña, por haber ganado privilegios y honores con el esfuerzo propio” (RODRIGUEZ & FILER, 1988, p. 4).

Dessa época tem-se, ainda, o poema épico *La Araucana*¹⁶ (1569-1578-1589), do nobre-poeta-soldado Alonso de Ercilla y Zúñiga, cujo enredo consiste em narrar a luta dos antigos americanos na defesa do território, consequentemente de sua cultura, contra os seus invasores, aparecendo ali os primeiros heróis espanhóis e indígenas dignos de respeito e admiração.

Outros autores e registros surgiram ao longo da América Latina: Juan de Castellanos, na Colômbia, Silvestre de Balboa Troya, em Cuba, e Pedro de Oña, no Chile, além de outros poetas, prosadores, sacerdotes, colonizadores, que contribuíram para criar e fixar a imagem da América no Ocidente, especialmente nos campos da cultura e das letras.

No decorrer desse processo inicial de descobrimento, as histórias e experiências vividas pelos navegadores, missionários, militares, entre tantos outros visitantes que chegaram ao Novo Mundo, sempre foram contadas com muito cuidado, fosse com o propósito de atrair ou de afastar outros interessados nas riquezas aqui existentes. Havia a preocupação de como descrever esse novo olhar sem que parecesse irreal; entretanto, é nesse contexto de insaciabilidade mercantil que se chegou às terras da América, descobrindo-a, inventando-a.

¹⁴ Hernán Cortés, explorador espanhol e conquistador que derrotou os astecas e conquistou o México a favor da Coroa espanhola. Também era conhecido como Fernando Cortez, ou ainda Hernando ou Fernando Cortés durante sua vida. Assinava suas cartas como Fernán Cortés. Nasceu em Medellín, na província da Extremadura, no Reino de Castela, terras da Espanha, em 1485. Era parente de Francisco Pizarro, que mais tarde conquistaria o Império Inca (no atual Peru) e que não deve ser confundido com o Francisco Pizarro que ajudou Cortez na luta contra os Astecas. Morreu em Sevilha, Andaluzia, Espanha, em 2 de Dezembro de 1547.

¹⁵ Bernal Díaz del Castillo, da mesma época de Hernán Cortés, foi um conquistador e cronista espanhol, que escreveu um relato da conquista espanhola do México liderada por Hernán Cortés, com quem serviu.

¹⁶ A literatura espanhola considera o texto de Alonso Zúñiga como o primeiro poema épico escrito no Novo Mundo, com características do renascentismo italiano.

No que diz respeito a esse aspecto descritivo, encontramos ainda os autores locais – nativos e mestiços – que passam a apresentar seus próprios pontos de vista, suas concepções, suas denúncias, anseios e cultura, mesclando, frequentemente, as línguas ameríndias à língua que passava a ser dominante, ou seja, o espanhol.

Pode-se citar como a melhor representação desse período inicial da literatura latino-americana, com raízes próprias do novo chão:

O peruano Felipe Guamán Poma de Ayala, cuja obra, *Primer nueva crónica y buen gobierno* (1615), reconstruye con palabras y dibujos el pasado andino a la vez defiende con argumentos del padre Las Casas, los derechos de los antiguos americanos. Sin embargo, fue el Inca Garcilaso de la Vega (1539-1616), mestizo peruano autor de *Comentarios Reales* (1ra parte, 1609; 2da parte, 1617), quien mejor integró concepciones americanas y europeas de la historia y la cultura en una obra magistral. Por esta admirable labor de síntesis y por su interpretación de la conquista del imperio incaico y la colonización española, se lo reconoce como el primer gran escritor hispanoamericano (RODRIGUEZ & FILER, op. cit. p. 5).

Se no início dos anos 1600, os incipientes narradores locais de nossa literatura já demonstravam preocupação com a defesa continental, mesmo evidenciando uma experiência formal deficitária, ou simplesmente nenhuma, por outro lado, já apresentavam as dúvidas inerentes a tal inexperiência, perguntando-se, por exemplo: como descrever esse mundo de maneira diferente? Como relatar a própria participação na conquista e colonização?

Em resposta a essas perguntas, tais escritores resguardavam-se sob duas orientações: 1. Sob a égide da tradição historiográfica medieval; 2. Sob os preceitos definidos pelo movimento renascentista. Assim, Rodriguez & Filer (1988) lembram que, no primeiro caso, o autor podia mesclar a realidade com a fantasia, incluir detalhes raros, etc; no segundo, registrava a visão individualista, a inclusão da paisagem envelhecida, preocupando-se, agora, com a *forma*, a exemplo da poesia, em que muitos preferiam a métrica italiana, centrados nos versos hendecassílabos, por exemplo.

Naquele contexto distante e literariamente discreto, apesar da atenção dos nativos estar voltada para a produção de textos que traduzissem de alguma maneira a *cor local*, o que preocupava aqueles primeiros escritores, muito mais que a forma, a métrica e a composição dos versos, era o vocabulário aplicado, uma vez que o mundo, influenciado pelo domínio espanhol naquele momento, desconhecia as palavras ameríndias. Ficou evidenciado, posteriormente, devido ao uso constante das novas palavras, que esses vocábulos passaram a

enriquecer a língua espanhola em geral, assim como ajudaram a criar um Novo Mundo diferente no imaginário coletivo daqueles que aqui chegavam.

A latinidade ganhava espaço no seio do povo, acompanhada da dúvida entre: nascer e crescer sob a raiz eurocêntrica ou identificar-se com a raiz indianista, uma vez que uma grande parte da população verdadeiramente *americana* era indígena.

Sobre o Novo Mundo, Sílvio Júlio refletia:

[...] a que se chamou **América**, (grifo nosso) o solo do Novo-Mundo, pouco representaria se os seres racionais o não transformassem e, no seu âmbito, o cérebro e as mãos do homem não o submetessem, fazendo-o tema da História. É esta existência de sociedades vencedoras da natureza que permite a valorização histórica do meramente geográfico, e a regra, de tal sorte, encontrou plena aplicação desde o Labrador até a Terra do Fogo, muito antes que o europeu aqui aportasse (SILVIO JULIO, 1961, p. 72).

Se não considerarmos os motivos ideológicos, econômicos e/ou políticos que justificaram o nascimento da *América Latina*, o seu nome, é fato, veio tempos depois, no intuito de rebatizar um continente que havia perdido seu nome original.

Embora seja atribuída aos franceses tal invenção, foram os sul-americanos Carlos Calvo e José Maria Torres Caicedo, argentino e colombiano, respectivamente, os responsáveis por esse batismo, quando em 1864, Calvo publica, na cidade de Paris, a *Antologia completa dos tratados, convenções, capitulações, armistícios e outros atos diplomáticos de todos os estados da América Latina compreendidos entre o Golfo do México e Cabo Horn desde o ano de 1493 até nossos dias*¹⁷, obra que no conjunto forma uma enciclopédia de vinte volumes. Com essa publicação, registrou-se, pela primeira vez, a expressão *América Latina* em um título acadêmico. No ano seguinte, 1865, Caicedo, propondo a criação de uma liga Latino-Americana, publica *Unión Latinoamericana*.

Ambas as obras parecem corroborar a dimensão e o valor do que já havia escrito Francisco López de Gómora¹⁸, quando este, em carta ao rei de Espanha, apresenta o já nomeado Mundo Novo, determinando, ao que parece, também o seu futuro.

La mayor cosa después de la creación del mundo, sacando la encarnación y muerte del que lo crió, es el descubrimiento de Índias; y así llaman Mundo Nuevo. Y no tanto le dicen nuevo por ser nuevamente hallado, cuanto por ser grandísimo y casi tan grande como el viejo, que contiene a Europa, África y

¹⁷ *Recueil complet des traités, conventions, capitulations, armistices et autres actes diplomatiques de tous les Etats de l'Amérique latine compris entre le golfe du Mexique et le Cap Horn depuis l'année 1493 jusqu'à nos jours.*

¹⁸ Gomara, Francisco Lopez de. *História General del las Índias*, Saragoza - Espanha, 1552.

Asia. También se puede llamar nuevo por ser todas sus cosas diferentísimas de las del nuestro (SILVIO JULIO, 1957, p. 16).

Essa dimensão grandiosa tomava conta do coração dos bons e dos ruins que vinham para o continente com o objetivo de dominar e enriquecer, preferencialmente, de maneira fácil. Com a empáfia de dominador, antigo ou atual, aqueles que chegavam se autodenominavam os representantes da *raça latina*, quase sempre impondo todos os mandos e desmandos sobre o sujeito local.

Contudo, conforme afirmou o venezuelano Urbaneja Achelpohl¹⁹,

Quien considere a América como continuación de Europa, nunca comprenderá a América. La idea da continuidad fenomenal que individualmente nos viene de asimilarnos las ideas de Europa no nos deja ver con nuestros propios ojos nuestra propia vida. Étnica y sociologicamente América debe considerarse como un ser nuevo y como tal estudiarla. Su instinto es quien la guía, y de acuerdo con su instinto se plasma (SILVIO JULIO, 1957, p. 13).

Então, como um percurso que necessita atenção contínua e permanente, “un pequeño género humano, un mundo aparte, cercado por dilatados mares, nuevo en casi todas las artes y ciencias, aunque en modo viejo en los usos de la sociedad civil”, segundo Bolívar, a América Latina, uma espécie de Babel singularizada, e toda a sua descendência – americanista, americanólogo, americanidade, americanofilia, americanismo – despertam no seu desbravador-pesquisador o desejo de também conquistá-la, tenha ela gerado, ou não, um Novo Mundo político, um Novo Mundo poético, um Novo Mundo filosófico, um Novo Mundo físico, um Novo Mundo étnico ou um Novo Mundo sociológico.

Nesse contexto plurissignificativo de conceitos e depoimentos, ter uma América unida demonstrava ser condição primordial para todos aqueles que a viam como única, como costumava afirmar José Enrique Rodó:

[...] en los pueblos de la América latina, en esta viva armonía de naciones vinculadas por todos los lazos de la tradición, de la raza, de las instituciones, del idioma, como nunca las presentó juntas y abarcando tan vasto espacio la historia del mundo, bien podemos decir que hay algo aún más alto que la idea de la patria, y es la idea de la América: la idea de la América, concebida como una grande e imperecedera unidad, como una excelsa y máxima patria, con sus héroes, sus educadores, sus tribunos; desde el golfo de Méjico hasta los hielos sempiternos del Sur (RODÓ, 1958, p. 21).

¹⁹ Luis Manuel Urbaneja Achelpohl, escritor e jornalista venezuelano, considerado o introdutor do conto moderno na Venezuela.

Os caminhos são cruzados, esteja o pensador mais ao norte, esteja ele mais sul do continente. A responsabilidade de descobrir, buscar e construir uma raiz a partir das infinitas diferenças, das diversidades de toda ordem que caracterizam o mosaico constitutivo do continente latino americano está(va) latente na veia desse desbravador, o qual sempre teve em mente que, muito mais importante que lutar por uma unidade plural da “futura humanidade, devia-se viver sem a necessidade de um Senhor” (LAPOUJADE, 2006).

Dessa maneira, através de cada história, de cada acontecimento, passo ou tropeço, euforia ou decepção, a composição dos países latino-americanos foi sendo pensada, elaborada, formada, sonhada e idealizada, levando-se em conta, nesse caso, cada fisionomia, cada canto, cada fala, cada cultura particular.

É assim que a América Latina existe, torna-se realidade e configura-se, sem nunca parecer completa, realizada, revelando-se um processo histórico-social e cultural de vastas proporções, com o qual germinam novas e surpreendentes formas de modernidade, promovendo o desencadeamento do mundo; e propiciando o seu reencantamento (IANNI, in IEA/Artigos, p. 41, 2009).

I. 2. O pensador latino americano e as novas idéias sobre a América

Ao longo dos últimos anos, tem-se visto a infinidade de estudiosos, historiadores, sociólogos, literatos, críticos, e até curiosos, que têm se arriscado a discutir a questão que trata do processo de formação e afirmação da identidade e independência latino-americanas nos mais variados setores que contribuem para a composição do continente, elaborando textos profundos, ou também superficiais, conduzidos, muitas vezes, apenas por uma consciência ideológica, não levando em conta a realidade presente a sua volta.

Se tivermos a pretensão de ler, compreender, interpretar, ratificar ou mesmo retificar certos posicionamentos, é preciso conhecer a ideologia de quem escreve, seja ela de esquerda ou de direita, porque teremos naquele novo texto um formador de opinião. Precisamos saber e ter claro, também, que por mais que se tente, manter-se imparcial torna-se uma missão espinhosa, pois ao desprezarmos uma linha ideológica ou uma teoria, estaremos nos deixando conduzir, na maioria das vezes, por uma mais antiga, quase sempre mais retrógrada, como lembra Eagleton (2003).

Dessa forma, compreender o papel que uma *obra*, enquanto *arte*, pode ocupar ou desenvolver sobre o social, e vice-versa, é fundamental para a compreensão desse trabalho, visto que é na produção do que se pode chamar de *arte*, ou a partir dela, e seu papel sobre o social/recepcional, que se desenvolve esta pesquisa. Esta pesquisa terá como foco de estudo as influências que as obras Ariel (1900), do escritor uruguaio José Enrique Rodó (1871 – 1917), e Cérebro e Coração de Bolívar (1931), do brasileiro Sílvio Júlio de Albuquerque Lima (1895 – 1984), tiveram na composição do pensamento intelectual latino-americano, especialmente nos primeiros cinquenta anos do século XX, e como as mesmas foram recebidas pelos intelectuais como instrumentos de luta contra as correntes definidas como imperialistas.

O leitor também deve levar em consideração que estudo sobre essa temática precisa ser enquadrado num tempo determinado, a fim de definir a relevância que as obras citadas assumiram, ou ainda assumem, para os intelectuais latino-americanos, posto que foram escritas em épocas de contínuos questionamentos sobre a nossa origem, nosso desejo de liberdade das pátrias-mãe, nossas posições antiamericanas, antiutilitaristas, antiimperialistas, ou europeizantes.

Lembra-nos Candido que apesar da *arte* não influenciar com tanta energia a sociedade moderna,

houve tempo em que foi novidade e representou algo historicamente considerável. No que toca mais particularmente à literatura, isto se esboçou no século XVIII, quando filósofos como Vico sentiram a sua correlação com as civilizações, Voltaire, com as instituições, Helder, com os povos. Talvez tenha sido Madame de Staël, na França, quem primeiro formulou e esboçou sistematicamente a verdade que a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre (CANDIDO, 2000, p, 18).

De tal forma, questionar a relevância das obras Ariel e Cérebro e Coração de Bolívar e retomá-las para estudo na sociedade latino-americana atual, torna-se muito significativo se considerarmos que: 1. o planeta pouco mudou no sentido de dominação globalizada, em especial pela política norte-americana; 2. os países latino-americanos continuam a se digladiar; 3. os intelectuais continuam utilizando autores como Rodó, Sílvio Júlio, Martí, Oliveira Lima, como modelos, entre tantos outros, para falarem em seus textos e discursos sobre nacionalismo, liberdade, etc, mesmo esquecendo que em países como Cuba, por exemplo, não há, ainda, plena liberdade política; que no Uruguai, país de nascimento do próprio Rodó, a constituição ainda engatinha em seu processo de consolidação, e que falam de socialismo, quando não há um país que se possa chamar de socialista no mundo; 4. os intelectuais falam de integração latino-americana quando os interesses locais falam mais alto sempre; 5. o Brasil, com sua dimensão, sempre esteve e continua com “as costas viradas”²⁰ para os países de língua espanhola, e vice-versa.

Se Rodó escrevia, em 1900, que “Os Estados Unidos podiam ser considerados a encarnação do verbo utilitário. E o evangelho desse verbo se difunde por todas as partes em prol dos milagres materiais do triunfo” (RODÓ, 1900, p. 69 e 80), e Sílvio Júlio, dezenove anos depois, continuava a denunciar a política desenvolvida no Brasil, proclamando: “tudo pelo estrangeiro, nada pelo nacional, eis a fórmula dos nossos presidentes. E assim vemos as levas YANKEES e de europeus gozando a fortuna fácil que lhes proporcionamos, enquanto o brasileiro aí jaz, pobre e abandonado” (SÍLVIO JÚLIO, 1919, p. 250), ratifica-se a necessidade do ato de reunir-se, de discutir, de pensar e repensar a maneira como ainda

²⁰ Segundo Maria Cândida Galvão Flores, “essa percepção, ‘de costas voltadas para a América’, pode-se dizer que já se ouvia por ocasião da implantação da República, quando a política externa se voltou da Europa para os Estados Unidos” (Flores, 2005, p. 58). Galvão flores ressalta, ainda, que “de quando em vez, a conjuntura histórica a atualiza. [...] A última atualização é a da plenitude do interesse despertado pelo Cone Sul, em vista da efetividade de um mercado comum local” (Flores, op. cit, p. 58).

estamos sendo conduzidos, não sob os olhos de um ufanismo exacerbado por parte do ser político, ou do intelectual, mas aos olhos do pensamento e da reflexão atuais.

Ao longo de seu processo de descobrimento, colonização e luta, a América Latina tornou-se uma incógnita para os estudiosos e toda discussão a respeito de sua formação residiu em uma base de informação e conhecimento bastante complexos, cuja teoria, certamente, não compreenderá todos os caminhos percorridos pelo Continente até o momento, muito menos será suficiente para explicá-la, seja do ponto de vista da História, da Sociologia, da Antropologia, da Política, seja da Literatura ou das Teorias Literárias modernas; no entanto, fica evidente, como reforçou Sílvio Júlio ao longo de sua trajetória acadêmica, que o trabalho transdisciplinar será um grande aliado para o pesquisador entender todo o processo histórico de elaboração desse continente. Mirar ou compreender cada pensamento, cada pedaço dessa história, precisa ser considerado tal qual era a realidade daquele período e não sob os olhos da atual modernidade, como afirmamos anteriormente.

Esse *pensar* latino-americano produziu inúmeras discussões ao longo de toda a nossa história, muitas vezes chegando a conclusões sérias, muitas vezes não, uma vez que tanto a corrente filosófica em voga nos muitos momentos em que se discutia esse pensamento, ou até a agência financiadora das muitas expedições e pesquisas, como os Governos ou a própria Igreja, podiam ser determinantes para o pensamento final que se pretendia formar/fomentar sobre o Novo Mundo.

Temos o caso, por exemplo, do embate entre os padres Bartolomeu de Las Casas e Juan Ginés de Sepúlveda, na época da conquista do Novo Mundo. Lembra Navarro (2000) que

Sepúlveda argumentaba que la guerra en contra de los indígenas era permitida porque todos los indígenas eran bárbaros, carente de educación e inteligencia. Cometían pecados contra la naturaleza ya que Dios mismo ordenó según el Viejo Testamento la expulsión de los bárbaros de la Tierra Prometida. La ley Divina y natural, fundamentada en Santo Tomás de Aquino, consistía en llevar a los bárbaros a la fe sin excluir los medios no-pacíficos. Por eso, si los indios no obedecían a los españoles en aceptar la fe y su dominio, había que obligarlos por la fuerza.

Bartolomé de las Casas, contrario a la tesis de Sepúlveda le da otra interpretación al evangelio y a las teorías de San Agustín. Llega a la conclusión que solamente después de la conversión voluntaria al cristianismo de los indígenas, se puede decir que la conquista y la subordinación es legítima. [...]

El debate entre Sepúlveda y Las Casas tuvo un alcance mucho más allá del tema americano. En el fondo la discusión contribuyó al cambio radical de los conceptos vigentes hasta aquel entonces sobre el universo y la historia de la humanidad. Este cambio puso en duda la visión del mundo como una

unidad cultural con respecto al sistema político-espacial, también supuso un cambio respecto a la visión de la conquista y puso los fundamentos jurídico-políticos de la sociedad europea de aquella época (NAVARRO, 2000, p. 1).

Se havia esse tipo de discussão durante o período de colonização, quatro séculos mais tarde teríamos o debate polêmico entre o mexicano Leopoldo Zea e o peruano Augusto Salazar Bondy, ambos filósofos, o qual vem ratificar as idéias opostas entre os pensadores, locais ou não, sobre se já havia, de fato, passado tanto tempo, uma Filosofia Latino-americana²¹.

Dessa forma se fez, inicialmente, entre tantas outras imagens e discursos, a literatura, a sociologia, a antropologia, o pensamento latino-americano, que repassados ao mundo real transmitiam o retrato selvático do Novo Mundo ao Velho Mundo. O desenho da América Latina continuava a ser traçado.

Nessa direção, nota-se que, a partir do final do século XIX, até a primeira metade do século XX, uma nova linha de pensamento latino-americano já se destacava, percebia, criava e recriava uma roupagem diferente, uma nova forma de ver e pensar esse pedaço do mundo, uma nova estética sobre o povo, seus costumes, sua cultura. Segundo Devés-Valdés (2000), é nessa fase que novos conceitos designam âmbitos antes inexistentes, como arielismo, indigenismo; e que novos temas estão em foco, como: o índio, o afro-americano, o feminismo e as idéias feministas, etc.

Com esse quadro de mirada sobre a própria América nasce, ainda, segundo Devés-Valdés (2000), a constituição de um pensamento solidificado por uma rede de contatos acadêmicos formada por um conjunto de fatores como: temas comuns, autores que faziam referências recíprocas, referências a uma história, um estilo peculiar, por exemplo, que acabavam unindo, de alguma forma perceptível, ou não, os laços dos novos pensadores latino-americanos.

Claro que esse conjunto de observações ou avaliações elaborado pelos membros desse grupo vai depender do grau de consenso que cada um terá sobre o pensamento individual, mas, sobretudo, sobre o que os demais titulares desse grupo pensam.

²¹ Conforme Navarro (2000), o debate entre os filósofos Zea e Salazar Bondy travou-se porque Salazar Bondy lançou um livro intitulado *Existe una Filosofía (pensamiento) latinoamericano?* no qual afirmava a necessidade imperante da sociedade latino-americana de ter uma filosofia autêntica capaz de servir ao intelecto da realidade, à busca de vias de desenvolvimento independente e de solução de problemas cardinais de nossa sociedade, todavia, Bondy afirmava que esse pensamento não era definitivamente original, mas imitativo das correntes existentes. Leopoldo Zea contesta Bondy quando critica a visão estereotipada daquela filosofia que exige correspondência com os modelos europeus. Zea discordava, ainda, da idéia de que a existência ou possibilidade de uma filosofia na América Latina acontecia por incapacidade dos latino-americanos para criar seus próprios sistemas.

A solidariedade intelectual que significava imaginar, ou, ainda, re-imaginar uma identidade comum, nascia na América Latina através dos primeiros contatos entre escritores, professores universitários, estudantes, etc, que lecionavam, discutiam, ou já escreviam a respeito de uma temática que compartilhavam, e que se cruzava, e entrecruza, resultando em uma articulação positiva não somente entre os ibéricos, mas entre todos os latino-americanos.

Como resultado final dessas articulações tem-se um saldo bastante favorável, que é a criação de uma rede de contatos que nasce a partir da ação da própria sociedade civil organizada e não da ação governamental, ou de organismos internacionais, independente do juízo que o faça, como ressalta Deves Valdés (2000) e, por isso é valiosa: “La red es una creación de los particulares, sostenida por éstos para sus intereses de conocimiento, de promoción o de [até] turismo académico” (DEVÉS VALDÉS, 2000).

É nesse contexto de aceitação do outro como prática da alteridade intelectual que Hans Robert Jauss, idealizador da teoria da *Estética da Recepção*, teoria esta que norteará este trabalho e será discutida no capítulo seguinte, fazendo uso de uma definição já apresentada anteriormente por Kant, vem explicar o sentido, o significado mais adequado para o conceito de *consenso*, ou a significação para a práxis da ação da conduta produtiva:

O juízo de gosto não postula por si mesmo a adesão de cada um (pois só um juízo lógico universal pode fazê-lo, porque pode apresentar razões); ele apenas atribui a cada um esta adesão como um caso da regra, em vista do qual espera a confirmação, não a partir dos conceitos, mas pelo acordo dos outros. [...] a experiência estética não se distingue apenas do lado de sua produtividade, como criação através da liberdade, mas também do lado de sua receptividade, como aceitação da liberdade (JAUSS, 1979, p. 60).

II. José Enrique Rodó e Sílvio Júlio de Albuquerque Lima à luz da Estética da Recepção

Se considerarmos a produção de trabalhos na América Latina ao longo dos anos, especialmente no decorrer dos primeiros cinquenta anos do século passado, esse intercâmbio realizado em rede entre os pensadores latino-americanos foi (é) salutar e importante, pois isso demonstrou a relevância que as obras publicadas ao longo de toda a América Latina tinham e têm para todos, e que, representando um grupo, estavam, antes de tudo, coesos.

Assim, a literatura aproxima-se da sociedade, como reafirma Jauss em sua teoria da *Estética da Recepção* (1994), uma vez que nesse período reforçou-se o diálogo mais próximo da obra com o seu leitor. Sílvio Júlio relembra os trabalhos que circulavam em 1928:

Lenta, mas profíqua se revela a labuta dos intelectuales ibero-americanos na aproximação dos povos que falam português e espanhol. Cada obra que se edita, feita por um venezuelano, ou por um panamense, relativa a um dominicano, ou a um porto-riquense, é gigantesco passo. Hoje não fanfarroneia quem garante que, acima dos grupos literários, que agem em determinados pontos do Novo Mundo, paira a unidade ideal que torna Sarmiento, Andrés Bello, Santos Chocano, Amado Nervo, Rubén Darío, Guillermo Valencia e Blanco Fombona expoentes de uma única e indivisível mentalidade (SÍLVIO JÚLIO, 1928, p. 14).

No clássico *Ariel* (1900), José Enrique Rodó, até certo ponto renunciado o que assim ele entendia como correto no que se refere à relação autor x leitor, começa a obra com uma saudação direta ao seu leitor, ou ouvinte... “*À juventude da América*” (RODÓ, 1991, p. 13), estendendo-a, ainda, a todos aqueles que sonhavam com uma América livre. Parece ser o melhor exemplo dessa quebra da redoma de vidro em que se encontra o autor, uma vez que, a partir da voz de seu sujeito narrador, *Próspero*, este autor pula o muro e conversa diretamente com o seu objeto-leitor.

A Estética da Recepção reforça, nesse contexto, que “se deve buscar a contribuição específica da literatura para a vida social precisamente onde a literatura não se esgota na função de uma arte da representação” (JAUSS, 1994, p. 57). Então, entende-se que a leitura de qualquer obra cria um intercâmbio de informações que, apreendidas com a experiência vivida e real, resulta numa compreensão plurissignificativa a partir da subjetividade do leitor.

Segundo Iser, esse modelo de interação entre tais elementos, ou seja, leitor x texto, torna-se fundamental para a existência de comunicação entre os mesmos, levando-nos a compreender que “o leitor recebe o texto na medida em que, conduzido pela articulação da estrutura deste, vem a constituir a função como seu horizonte de sentido” (ISER, 1979, p. 374), o que, para Jauss, define-se, analogamente, como *Horizonte de Expectativa*, tornando o texto um objetivo imaginário na consciência desse receptor.

Qualquer obra de arte literária só será efetiva, recriada ou concretizada, quando o leitor a legitimar como tal, relegando para um plano secundário o trabalho do autor e o próprio texto criado. Faz-se necessário, então, descobrir qual o horizonte de expectativa que envolve essa obra, uma vez que todos os leitores investem certas expectativas nos textos que lêem, em virtude de estarem condicionados por outras leituras já realizadas, sobretudo se pertencerem ao mesmo gênero.

Nesse sentido, Zilberman lembra que

cada leitor pode reagir individualmente a um texto, mas a recepção é um fato social – uma medida comum localizada entre essas reações particulares; este é o horizonte que marca os limites dentro dos quais uma obra é compreendida em seu tempo e que, sendo ‘trans-subjetivo’, ‘condiciona a ação do texto’ (ZILBERMAN, 2009, p. 34).

A proposta de Jauss relaciona a percepção, ou seja, a maturidade do observador, neste caso o leitor, com a recepção crítica que este tem sobre a obra literária. Propõe, dessa forma, que se olharmos a *História da Literatura* a partir desse horizonte presente no diálogo entre público-leitor e obra, diálogo este responsável pela construção de continuidade, a oposição entre aspectos históricos e estéticos deixará de existir, podendo restabelecer no decorrer desse processo o elo entre as obras do passado e a própria experiência literária atual, rompido pelo historicismo.

No entanto, como não considerar a história, ou o próprio fato histórico, se Ariel (1900), como afirma Ianni (1991), “é uma contribuição fundamental para a compreensão do europeísmo que impregna o pensamento e o modo de ser de amplos setores sociais das sociedades latino-americanas”?; ou Bolívar (1931), que nos apresenta as andanças de Simón

José Antonio de la Santísima Trinidad Bolívar Palacios y Blanco e seu ideal de unificação de todos os povos do continente latino-americano?

Como deixar de lado a História se os autores, melhor afirmando, seus respectivos objetos, *Ariel* e *Bolívar*, enquanto personagens ficcionais, através da explicação do processo histórico de composição do povo, do continente, conclamam cada cidadão a uma atitude de re-ação contra o utilitarismo imposto pela potência do Norte?

Assim, a relação, a perspectiva, ou, ainda, o próprio horizonte de expectativa sobre o seu leitor é ponto referencial para os autores de *Ariel* e *Bolívar*, uma vez que tanto uma obra, quanto a outra, parece ter um direcionamento certo, ou seja, o próprio povo desse enorme continente.

Dessa forma, leva-se em conta, antes de tudo, o leitor, pois ele é peça fundamental no processo de transformação do próprio pensamento; sua imagem faz parte da linha de raciocínio, da reflexão, da práxis de quem produz – e lê – o texto, como sugere Jauss em sua teoria, cuja primeira tese, num total de sete, diz que a “historicidade da literatura não repousa numa conexão de ‘fatos literários’ estabelecida *post factum*, mas no experienciar dinâmico da obra literária por parte dos leitores” (JAUSS, 1994, p. 24).

Consequentemente, essa *historicidade* a que se refere Jauss coincide, como ainda relembra Zilberman (2009), com a atualização da própria obra, uma vez que essa atualização nada mais é do que o sintoma de que ela está viva, a partir do único sujeito capaz de fazer tal resgate, ou seja, o leitor, o destinatário final da obra literária, único elemento dessa tríade autor x obra x leitor capaz de resgatá-la, quiçá, explicar a re-significação da obra de arte em momentos diversos de realidades históricas diferentes.

Leenhardt (1993) ainda afirma, sobre o valor da obra enquanto arte escrita, que a mesma encontra-se em um registro duplo, ou seja, se por um lado ela será objetiva e simbólica, por outro, o objeto livro “está destinado a ser lido, manipulado, eventualmente destruído; sua eternidade não está, portanto, em sua própria objetividade, mas sim no estatuto que nossa sociedade deseja conceder-lhe, o de literatura” (LEENHARDT, 1993, p. 255).

No caso de *Ariel*, por exemplo, encontraremos o brasileiro Sílvio Júlio de Albuquerque Lima²² apresentando, e ao mesmo tempo resgatando, a obra do uruguaio Rodó,

²² No que diz respeito ao brasileiro Sílvio Júlio, o melhor exemplo desse sentido de resgate da obra, consequentemente revitalizando o próprio autor, dois trabalhos acadêmicos recentes foram apresentados ao país através de dissertações de mestrado: 1. *Sílvio Júlio de Albuquerque Lima: um precursor dos estudos acadêmicos sobre a América Hispânica no Brasil* (2006-UFGM), de Priscila Ribeiro Dorella, cuja pesquisa retrata um Sílvio Júlio voltado para a América Latina e, 2. *A literatura sul-rio-grandense sob os olhos de Sílvio Júlio de Albuquerque Lima* (2007-UFRGS), de Carlos Túlio da Silva Medeiros, que apresenta o pesquisador brasileiro e sua relação com o Brasil a partir das experiências vividas por aquele em solo sul-rio-grandense.

quando publica, em 1954, José Enrique Rodó e o cinquentenário do seu livro Ariel. Sílvio Júlio ressaltava que

Rodó foi um escritor amável e sadio que compreendeu claramente o que outros muitos nem esboçaram: a necessidade de um pensamento americano (p. 16).

[...] Ao completar Ariel cinquenta anos, de vida gloriosa, fixando-se no céu do pensamento continental acima de quase todos os livros americanos, suplicamos a Deus que introduza no Brasil e faça o milagre de realizar os pacíficos votos e os ideais nobilíssimos que José Enrique Rodó defendeu nas páginas daquela obra imaculada (p. 17).

[...] *Ariel*, ao sair do prelo e ao deslumbrar americanos e espanhóis, não foi sabido no Brasil, de maneira nenhuma. Glorioso e triunfante, traduzido e comentado, ficou oculto de nosso país, que não participou de tão justa consagração, visto que vivíamos de costas para o Novo-Mundo e genuflexos a qualquer excrecência francesa. Lembramo-nos perfeitamente de nosso esforço titânico, indescritível, para conseguirmos, de 1912 a 1930, que os intelectuais brasileiros ao menos lessem as páginas americanistas de *Ariel* (p. 9).

Quando empreendemos o ato da releitura das obras em análise, ratificam-se algumas conclusões de Jauss a respeito do valor da obra de arte, ou seja, “a obra literária não é um objeto que exista por si só, oferecendo a cada observador, em cada época, um mesmo aspecto” (JAUSS, 1994, p.25) uma única interpretação.

A leitura é, antes de tudo, atemporal, considerando que a obra é

[...] antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhes a existência atual. [...] É esse caráter dialógico da obra literária que explica por que razão o saber filológico pode apenas consistir na continuada confrontação com o texto, não devendo congelar-se num saber acerca dos fatos. O saber filológico permanece sempre vinculado à interpretação, e esta precisa ter por meta, paralelamente ao conhecimento de seu objeto, refletir e descrever a consumação desse conhecimento como momento de uma nova compreensão (JAUSS, p. 25).

O objeto em estudo, ou em processo de leitura, predetermina a recepção, “oferecendo orientações ao seu destinatário, [...] evocando o horizonte de expectativas e as regras do jogo, familiares ao leitor” (JAUSS, p. 34), como reafirma o autor da *Estética da Recepção*.

Em *Ariel*, por exemplo, quando Rodó personifica em suas personagens mais que uma individualidade, um conceito moral, ético ou cultural, provoca em seu leitor, portador do acontecimento literário a partir da sua experiência (literária), um retorno a si mesmo, pois o que está em jogo não é apenas o seu “eu”, mas o ser humano como um todo, já que surge nesse percurso o desafio a este leitor para tornar-se um elemento de transformação social.

É esse diálogo contínuo entre a obra e o público-leitor que liga o passado à experiência estética do presente, articulando a efetiva relação entre essa história e a própria estética. É esse encadeamento de recepções o que acaba determinando a série da história das artes, obrigando (-nos) a revisar constantemente o cânone consagrado, tornando-o, dessa maneira, vivo.

Assim, os caminhos nos fazem retornar a Ariel, uma vez que Rodó nos conduz a repensar a América Latina a partir de seus temas e dilemas, que constantemente se recriam ao longo do século XX. É um caminho que nos guia, antes de tudo, para o diálogo desta América consigo mesma, a partir de tudo aquilo que a influencia e a instiga.

Outra questão que ainda se precisa considerar é que ao longo do processo histórico a compreensão do texto, ou da obra de arte, varia com o tempo, conseqüentemente seu público. Essa nova apreensão a respeito do texto, contudo, é relevante, uma vez que ela permitirá que se conheça o que Jauss chama de *história de efeito*, ou seja, o modo como o próprio ato dessa compreensão estará abarcado pela história. Assim, “nenhuma obra, por mais canônica que tenha se tornado, poderia sair indene dessa concepção”, como ratifica Compagnon (2001).

Jauss compreende que são equivocadas as interpretações que somente consideram os critérios do passado, ou somente os do momento presente, quando da análise da obra, textual ou não, uma vez que esse processo de interpretação é bem mais complexo e deve *reconstruir* o horizonte de expectativa a partir do qual uma obra foi criada e recebida. Com o intuito de esmiuçar o que afirma, Jauss recorre a um princípio emprestado de Georg Gadamer, qual seja: para efetuar essa *reconstrução* faz-se necessária a aplicação da lógica da pergunta e da resposta à tradição histórica, e cita uma frase de R. G. Collingwood que corrobora seu programa de ação: “só se pode entender um texto quando se compreendeu a pergunta para a qual ele constitui uma resposta” (JAUSS, 1994, p. 37).

Compreendido assim, o texto passa a ser uma resposta a perguntas feitas pelo público, levando-nos a concluir que o texto produzido assume o papel de criação a partir de um conjunto de pressuposições de um público. Como conclusão de tudo isso, Jauss reafirma ser necessária a reconstituição do horizonte de expectativa tanto da obra quanto do público, bem como do processo de comunicação resultante entre eles.

No entanto, quando um leitor atual procura responder a pergunta para o qual o texto seria uma resposta, essa compreensão já representa um processo de assimilação e maturidade a partir de outras interpretações prévias realizadas durante o processo histórico de recepção desse texto. Assim, esse *juízo estético* do leitor frente à obra é definido por Jauss como *potencial de sentido da obra*, que, por sua vez, não estaria presente apenas num *processo*

reprodutivo, já que ela própria tem seu valor, mas no seu *processo produtivo*, isto é, a obra, como um elemento de arte, pode, também, transmitir um conhecimento quando “antecipa caminhos da experiência futura, imagina modelos de pensamentos e comportamentos ainda não experimentados, ou contém uma resposta a novas perguntas” (JAUSS, p. 39), provocando os novos pesquisadores a investigar o porquê de uma obra de arte, ou um texto, provocar reações em comunidades abertas, ou não, da sociedade.

Retorna-se, então, ao clássico Ariel, de Rodó, para explicar essa “provocação” aos novos cientistas sociais e conduzi-los ao ato da pesquisa, uma vez que Bolívar, de Sílvio Júlio, continua(va) a ser um documento desconhecido do público leitor.

Em trabalho recente, o pesquisador argentino Osvaldo Emilio Prieto, da Universidad Nacional de Rio Cuarto – Argentina, publicou o artigo *La recepción del arielismo en Rio Cuarto* (2003), o qual demonstra o quanto o autor uruguaio desempenhou papel fundamental na América Latina como um todo, em especial na comunidade daquela região argentina, a partir das idéias e ideais arielistas. Prieto cita que

[...] nos interesan ciertas recepciones de Rodó que agregaron a su arielismo original distintos contenidos sociales, tendencias que se fueron manifestando, mediante distintas fusiones, a medida que avanzaba el siglo; precisamente como complemento de un arielismo clásico más espiritualista y culturalista (si se quiere afrancesado). El mismo Rodó, en el marco de su Americanismo Literario, expresaba: “llegamos en América a tiempos en que la actividad literaria ha de manifestar clara y enérgicamente conciencia de su función” [...] Entre diversas expresiones de una nutrida producción en la prensa crítica riocuartense de principios del siglo XX, la *Revista Ariel*, de efímera duración pero de significativas connotaciones en el contexto planteado, es una de las manifestaciones del socialismo local asociada, como señalamos, a perspectivas arielistas. Ella se nos presenta como exponente de esa tarea vinculada a pensarnos desde nuestra ‘universidad situada’ y sus necesarias proyecciones. [...] La revista tenía destinatarios específicos: los obreros, la mujer y, siguiendo perspectivas arielistas clásicas, la juventud (PRIETO, 2003, p. 1,2).

Dessa forma, apresenta-se ao leitor a relevância de se mostrar que a *história da literatura* deve considerar um entendimento progressivo da literatura associada à sua função produtiva para compreensão dessa mesma literatura. O exemplo mostrado é um desses caminhos, já que a ação de uma obra produzida no passado continua a produzir efeitos tanto em sua época, quanto tempos depois, seja no leitor imediato e direto, localizado no ‘passado’, seja no pesquisador atual.

Nesse passo de investigação da literatura, Jauss indica três caminhos para o pesquisador: a. o caráter diacrônico, relativo à recepção das obras literárias ao longo do

tempo; b. o caráter sincrônico, que apresenta o sistema de relações da literatura num determinado período e a sucessão desses sistemas; c. a relação entre literatura e vida prática.

Jauss constata que não vale a pena reler a história literária apenas como uma sucessão de obras que tenham alcançado um clímax estético no interior de um sistema como pregavam os formalistas, por exemplo, muito embora reconheça o projeto de história literária proposto por estes, naquele momento, o que havia de avanço, mas não deixa de observar o seu principal limite, isto é, que seus aspectos histórico e estético eram baseados no mesmo critério: a inovação da obra literária.

Em sua obra A história da literatura como provocação à teoria literária (1994), Jauss propõe que “as mudanças da série literária somente perfazem uma seqüência histórica quando a oposição entre a forma velha e a nova dá a conhecer, também, a especificidade de sua mediação” (JAUSS, 1994, p. 43). Tal *mediação* é compreendida como aquilo que uma obra pode colocar e legar como leituras possíveis para os públicos posteriores.

O filósofo e professor chileno Eduardo Deves ratifica a afirmação de Jauss, quando apresenta o artigo intitulado *Vigência de Rodó*, ao afirmar

El siglo XX se inicia en el pensamiento latinoamericano con el Ariel de José Enrique Rodó, publicado el último año del siglo XIX. Esta obra es la manifestación de un cambio, de un quiebre, en varios sentidos: a nivel de las ideas establece una demarcación tajante entre aquello que retrata (caricaturiza) como filosofía de fin de siglo y la que sostiene como alternativa. A nivel de las sensibilidades, Ariel es un manifiesto antiutilitario que apunta a la cultura, a la razón y al sentimiento por sobre un "calibanismo" positivista y norteamericano que achataría a los seres humanos. A nivel etario, es claramente un llamado a la juventud para transformarse en protagonista de una cruzada que envuelve y supera el afán "positivista porque la humanidad va renovando de generación en generación su activa esperanza y una ansiosa fe en un ideal, correspondiendo al espíritu juvenil la iniciativa audaz y la genialidad innovadora. A nivel del proyecto, y ello es lo que define con mayor fuerza el texto, se traía de la formulación de un modelo identitario de reivindicación, defensa y Incluso exaltación de la manera propia de ser, latina, por valores, idiosincrasia, cultura y incluso etnia diversa a la defendida por la generación finisecular que se definía por la "nordomanía", identificación con un modelo extraño.

La posición identitaria de Rodó, consolidada desde muy temprano –sin menoscabo de acentuaciones, articula las diversas dimensiones de su ideario. Estas son espiritualismo, lucha contra el utilitarismo, sus reservas respecto a cierta forma de democracia y a la inmigración, su crítica a la imitación, su exaltación de las humanidades y la latinidad (DEVÉS VALDÉS, 2008, p. 5).

A Estética da Recepção sugere, então, que uma obra de arte não pode, nem deve ser determinada apenas em razão de sua primeira recepção, logo, baseando-se somente no contraste entre o que é novo ou velho. Tudo dependerá da *história das recepções* de um texto, uma vez que essa ‘distância estética’ entre o horizonte de expectativa dessa obra e o do público “pode ser tão grande que um longo processo de recepção faz-se necessário para que se alcance aquilo que, no horizonte inicial, revelou-se inesperado e inacessível” (JAUSS, 1994, p. 44).

Se na discussão a respeito do *aspecto diacrônico*, deve-se considerar que o critério recepcional de uma obra não é linear, nem perde seu poder de ação ao transpor o período em que é lançada, mesmo porque ela pode se tornar um cânone, o que, consequentemente, determinaria a revisão das épocas passadas em relação à percepção suscitada por ela no presente, no *aspecto sincrônico*, as obras devem ser lidas, ou analisadas, levando-se em conta a sua *história de recepções*, articulando a leitura da própria obra no momento de seu aparecimento.

A contemplação puramente diacrônica [...] somente alcança a dimensão verdadeiramente histórica quando rompe o cânone morfológico, quando enfrenta a obra importante do ponto de vista da história das formas com os exemplos historicamente falidos, convencionais, do gênero e, além disso, não deixa de considerar a relação dessa obra com o contexto literário no qual ela, ao lado de outras obras de outros gêneros, teve de se impor (JAUSS, p. 48).

Jauss reafirma que a *historicidade da literatura* apresenta-se nos pontos de interseção entre os aspectos diacrônico e sincrônico. Dessa forma, a dimensão histórica da literatura deve considerar as sucessivas recepções de um texto (aspecto diacrônico), mas também relacionar essas etapas do processo recepcional ao longo da história à recepção da obra a partir de um determinado ponto, ou seja, da sua recepção inicial. Relacioná-la a esse determinado ponto, ao seu momento inicial, significa fazer a reconstituição do horizonte de expectativa justamente do momento em que a obra foi recebida “como atual ou inatual, como em consonância com a moda, como ultrapassada ou perene” (JAUSS, p. 48).

Contudo, reforça ZILBERMAN (2009), devemos considerar que “o trabalho de reconstrução do passado impede que os juízos do crítico interfiram na avaliação da obra: esta é considerada na relação com o horizonte dentro do qual apareceu, e não a partir das preferências e critérios pessoais de quem a estuda” (ZILBERMAN, 2009, p. 36).

Ruben Tani²³ corrobora essa afirmação quando afirma que

Con *Ariel* nos situamos culturalmente con una voz propia. Es por ello que debemos realizar el esfuerzo de comprender la producción de una mente creadora, es decir, la producción de un legado de doble perspectiva, que refiere al *propio* y a lo *diferente* al mismo tiempo. En esa diferencia que se va generando a través de la historia se articula una «identidad» cambiante, tal como la postulaba Rodó a principios de este siglo (TANI, 2002, p. 2).

O terceiro aspecto considerado por Jauss trata dos efeitos da literatura na vida prática de seus receptores. “A função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social” (JAUSS, 1994, p. 50).

A idéia é avançar no horizonte de expectativa do leitor quanto ao papel, ou relação, que a obra de arte pode exercer sobre este mesmo leitor, produzindo nele outros efeitos que vão muito além do estético, como o ético, o social, o psicológico, etc, levando-o a uma nova percepção de seu universo.

Ariel, de José Enrique Rodó, é um exemplo da dimensão que uma obra de arte pode alcançar e provocar no leitor. Muito mais que um simples livro dedicado à juventude,

Fue el *Ariel* de Rodó, el libro representativo de esa corriente poderosa de la ensayística hispanoamericana de los dos últimos siglos, que tuvo más impacto, el que logró más ampliamente captar la atención del lector de América hispana, el que al ser un llamado a nuestra juventud, cargado de espiritualidad, saturado de cultura, impregnado de un profundo mensaje ético, despertó y todavía despierta más ansias de superación de todo un continente (BUFFILL, 2008, p. 9).

Por fim, considerando que a experiência da leitura significa um envolvimento intelectual, sensorial e emotivo entre os elementos leitor versus obra, Jauss proclama que essa mesma experiência logra libertar o seu protagonista, o leitor, sujeito principal de sua teoria, “das opressões e dos dilemas de sua práxis de vida, na medida em que o obriga a uma nova percepção das coisas” (JAUSS, p. 52). A respeito disso, Eco (1979) afirma ainda que, “um texto pretende deixar ao leitor a iniciativa interpretativa, ainda que habitualmente deseje ser interpretado com uma margem suficiente de univocidade. Um texto quer que alguém o ajude a funcionar” (ECO, 1979, p. 55).

²³ Professor uruguaio da Universidad de la República e da Multiversidad Franciscana de América Latina, Uruguai.

Assim, considera-se como sendo o resultado final de tudo isso a transformação deste *leitor* em um modelo de ação social, o qual, segundo Compagnon (2006), “tem uma boa responsabilidade nessa teoria, pois graças a ele, a história literária parece novamente legítima”, uma vez que este leitor faz a revitalização da obra deixada em algum momento no passado, tornando-a ativa, revitalizada.

III – Os caminhos que cruzam Ariel e Bolívar no processo de formação da América Latina

As obras Ariel (1900) e Bolívar (1931) são escritas por profissionais da Literatura. No entanto, Rodó e Sílvio Júlio foram intelectuais influenciados, antes de tudo, pelas ciências sociais, com olhos no literário. Nessa relação interdisciplinar, lembramos de Antonio Candido, que valoriza, por exemplo, uma análise sistemática acerca da contribuição das ciências sociais para com o estudo literário, sem esquecer de atribuir a relevância da crítica pura e simples. Candido sugere que “se efetue a operação difícil de chegar a um ponto de vista objetivo, sem desfigurá-la de um lado nem de outro” (CANDIDO, 2010, p. 13). Propõe uma interatividade entre as áreas divergentes, analisando a relação entre a obra e o ambiente, sem desconsiderar a análise estética do relato literário.

Em seu clássico Literatura e Sociedade (2010), o autor ressalta que a obra literária deve ser vista e analisada como um conjunto de fatores sociais que atuam sobre a formação da mesma, além da influência que esta exerce no meio social a que pertence, mesmo depois de concluída. O fator social não só disponibiliza o objeto a ser pesquisado, como também atua na constituição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte. Assim, devemos perceber a literatura como um resultado dos “elementos responsáveis pelo aspecto e significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel” (CANDIDO, op.cit, p. 15), resultado de um tecido formado pelas características sociais distintas, no entanto, complementares.

Todavia, o produtor textual, o poeta, percebe e transforma tudo aquilo que lhe cruza a frente, combinando a realidade e a própria percepção, devolvendo ao mundo uma interpretação única e própria, entretanto, subjetiva. Dessa forma, deve-se considerar a influência exercida pelo meio social sobre o produto final do artista, assim como a influência que a própria obra exerce sobre o meio. A obra de arte passa a ser, logo, uma expressão da

sociedade, não deixando de considerar o teor de seu aspecto e valor social, ou seja, o quanto ela está envolvida por estes problemas sociais que são, conseqüentemente, retratados pelo artista e refletidos no público, que

dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. [...] A obra, por sua vez, vincula o autor ao público, pois o interesse deste é inicialmente por ela, só se estendendo à personalidade que a produziu depois de estabelecido aquele contacto indispensável. Assim, à série autor-público-obra, junta-se outra: autor-obra-público. Mas o autor, do seu lado, é intermediário entre a obra, que criou, e o público, a que se dirige; é o agente que desencadeia o processo, definindo uma terceira série interativa: obra-autor-público (CANDIDO, 2010, p. 48).

Da relação proposta por Candido, obra-autor-público, surge a admiração de Sílvio Júlio de Albuquerque Lima por José Enrique Rodó. Muito mais que se tornar amigo íntimo do autor uruguaio, Sílvio Júlio assume para si toda a influência *arielista* proposta na obra de um dos maiores prosadores do Modernismo latino-americano.

Toda essa estima nasce quando o autor e pesquisador brasileiro, ainda muito jovem, nos idos de 1915, vai ao Uruguai pela primeira vez para participar do Congresso Iberoamericano de Estudantes, na condição de um dos representantes da Faculdade de Ciencias Jurídicas e Sociaes do Rio de Janeiro. Ali, é apresentado a José Enrique Rodó, Juan Zorrilla de San Martín, Ángel Falco, Maria Eugenia Vaz Ferreira, Manuel Gálvez, Carlos Octavio Bunge, José Ingenieros, Ariosto González, entre outras figuras ilustres do meio acadêmico platino, configurando, nesse momento, o início de sua rede de contatos latino-americana.

A partir desse encontro com a elite intelectual platina, o jovem estudante pernambucano torna-se, como já afirmado, *arielista*, defensor e expoente das idéias rodonianas e da América espanhola no Brasil. O empenho de Sílvio Júlio torna-se tamanho que, assumindo a condição de pregador-mor sobre o que ocorria nessa América espanhola, lança, em 1924, o livro Estudos Hispanoamericanos.

Inicia desta forma o seu definitivo caminho que cumpre religiosamente e civicamente, de 1924 até os nossos dias, de estudar com método, consciência e autonomia a vida intelectual de todos os povos iberoamericanos. Afirmado e reafirmado fica que Sílvio Júlio tem sido o nosso primeiro pugnador e o mais assíduo doutrinador em matéria de hispanoamericanismo literário e histórico. Ninguém como ele foi pioneiro e apresenta tão longa continuidade e dedicação a esses estudos (PIZARRO, p. 6, 1977).

Corroborando o que afirma Pizarro, em outro depoimento a respeito do trabalho prestado pelos estudiosos e pesquisadores brasileiros – Oliveira Lima, Sílvio Romero, Manuel Bonfim, Varnhagen, Múcio Teixeira, José Marques Lisboa e Manuel Bandeira – sobre a América espanhola, encontramos a fala de José Honório Rodrigues²⁴, que afirmava ser Sílvio Júlio, “modernamente, quem mais tem trabalhado pela divulgação da cultura hispano-americana no Brasil, com seus trabalhos” (RODRIGUES, 1956, p. 301-2).

Na mesma linha, encontramos o depoimento de Gabriela Mistral, poeta chilena, que em entrevista ao Jornal *O Globo*, no ano de 1962, dizia que “D. Sílvio Júlio ha absorbido todos los jugos españoles: él es, a estas alturas de su hispanismo, un hombre de misión cultural perpetua que había por vosotros y da testimonio constante en medio de vosotros por España y por la Amerindia castellanizada”²⁵.

Ao longo da carreira de magistério, Sílvio Júlio foi um dedicado estudioso e um fiel escudeiro de tudo que dizia respeito à América espanhola. Em 1915, publica o poemeto Ave Uruguai! A seguir, publica a obra Pampa, de 1919, na qual apresentava o *gaucho* pampeano, contradizendo as afirmações de autores sul-rio-grandenses como Moisés Vellinho, por exemplo, que negavam a influência platina nessa formação do gaúcho nacional.

Posteriormente, sobre as Américas, publicou Estudos hiapanoamericanos (1924), já citado, Apostolicamente (1926); Idéias e Combates (1927); Historia e Localismo (1928); Cérebro e Coração de Bolívar (1931/1942/1957/1981), obra esta premiada como a melhor obra estrangeira sobre a figura do *Libertador das Américas*; Toda a América (1939); Venezuela (1940); Escritores da Colômbia e Venezuela (1942); Escritores Antilhanos (1944); Literatura, História e Folclore da América Espanhola (1945); José Enrique Rodó e o cinquentenário do seu livro Ariel (1954); Centenário de nascimento de Zorrilla de San Martin (1956); Artigas (1960); Ensaio sobre a história dos povos americanos (1961); Nótulas de literatura espanhola para brasileiros (1962); El estilo en la historia (1969); Folclore e dialectologia do Brasil e hispanoamérica (1974); Aproximações folclóricas em português e espanhol (1975); Achegas peruanas à literatura de Iberoamérica (1983); e, Sobre história, arqueologia e lingüística (1983).

Pode-se afirmar que todas as obras *silviojulianas* foram produzidas num período em que o Brasil, pelas conveniências culturais e, sobretudo, políticas, continuava a não se

²⁴ José Honório Rodrigues (1913-1987), professor, historiador e ensaísta carioca. Era membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de Institutos Históricos estaduais, da Sociedade Capistrano de Abreu, da Academia Portuguesa da História, da American Historical Association (EUA), da Royal Academy of History (Inglaterra) e da Sociedade Histórica de Utrech (Holanda).

²⁵ MISTRAL, Gabriela. In: O Globo, em 1962.

importar com aquilo que acontecia na América Latina. Seu primeiro exemplo sobre essa condição veio quando, no ano de 1915, ao visitar Montevideu, encontrou-se com o poeta uruguaio Ariosto González e ouviu que, “em regra, os nomes de Machado de Assis, Euclides da Cunha, Joaquim Nabuco e Ruy Barbosa se pronunciam nas rodas de pessoas cultas. Apenas os nomes. É raro, raríssimo o intelectual que já lhes leu um livro” (SÍLVIO JÚLIO, p. 8, 1928).

Por outro lado, a produção literária silviojuliana foi determinante e fundamental para a compreensão da formação identitária, tanto latina quanto brasileira. Sílvio Júlio defendia a idéia de que o Brasil não poderia desconsiderar os cidadãos latino-americanos, nem o contrário, uma vez que todos os países estavam numa única América, muito embora a intelectualidade nacional desejasse voltar seu olhar unicamente para os valores “tupiniquins”, em detrimento do que ocorria na América hispânica.

Conforme Pizarro Drummond (1977), Sílvio Júlio divulgou, praticamente sozinho, autores e obras como: Miguel de Unamuno, Silveira Lanza Joaquim Costa, Angel Ganivet, Pio Baroja, Antonio Azorín, Gabriel Alomar, Pérez de Ayala, Ortega y Gasset, Menéndez y Pelayo, José Maria de Pereda, Ramon Del Valle-Inclan, Gabriel Miró, entre outros, porém, não se viu durante essa pesquisa que Sílvio Júlio tenha feito o contrário, o que, de certo modo, contribuía para o desconhecimento dos autores nacionais no exterior, em especial na América Latina.

Leva os louros por ter apresentado aos brasileiros, sobretudo no centro do país, nos idos de 1917, o desconhecido *Martin Fierro*²⁶, do poeta argentino José Hernandez. Divulgou as obras dos amigos-escritores Manuel Ugarte, argentino, e Eduardo Acevedo Diaz, Angel Estrada e Pedro Erasmio Callorda, uruguaios, entre outros, em um país onde a literatura era fortemente influenciada pela literatura *parisiense*.

Ao escrever sobre o cinquentenário da obra Ariel, de Rodó, comentava a respeito dessa influência de final de século; no entanto, lembrava também que, nesse período, a influência americana havia dominado por completo o planeta, afirmando:

[...] da França, pulamos aos Estados Unidos. Causa piedade investigar, hoje, a novelística macaqueada e a poética anárquica do nosso país, que agora vivem à cauda do mau gosto ianque. É que sempre oscilamos: de um lado, subservientes, entregamo-nos ao tacão de um feitor; de outro, pretensiosos, pensamos que, salvo nossos inspiradores, só nós valemos na Terra. Este vício nos arrastou a julgarmos selvagem, baixa, desprezível a América espanhola. O colônato lusitano e a dinastia bragantina insistiram na

²⁶ Publicado pela primeira vez em 1872, com o título “El gaucho Martin Fierro”, e teve sua continuação com “La vuelta de Martin Fierro”, em 1879.

propaganda de tão sórdida calúnia, de 1500 a 1889 (SÍLVIO JÚLIO, 1954, p. 6).

Crítico da intelectualidade nacional, Sílvio Júlio procurou mostrar aos seus colegas que, se não tínhamos uma relação positiva de troca de conhecimento com os intelectuais hispânicos e com o que se havia produzido até então pelos demais países da América espanhola, isso ocorria devido à exacerbada atenção que nossos intelectuais davam à questão nacional e à literatura dominadora-utilitarista, ou européia, desconsiderando, por essa razão, o que se produzia na América em nossa volta.

A respeito de Ariel, quando este sai do prelo, deslumbrando americanos e espanhóis, por exemplo, o Brasil quase não tomou conhecimento. Traduzido e comentado nos países latino-americanos, Estados Unidos da América e Europa, Sílvio Júlio afirma “que ficou oculto em nosso país, que não participou de tão justa consagração, visto que vivíamos de costas para o Novo Mundo e genuflexos a qualquer excrescência francesa” (SÍLVIO JÚLIO, 1954, p. 9).

Ao que parece, sua voz só ganha força efetivamente no meio acadêmico quando em 1947 assumiu a cátedra de História da América, na Faculdade Nacional de Filosofia, hoje integrante da atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ali, em 1952, orienta a primeira tese de doutoramento em História defendida por uma mulher, a professora Eulália Lobo, cujo tema era *a Administração colonial luso-espanhola nas Américas*.

Com uma vasta rede de contatos na América Latina, Sílvio Júlio viajava, na medida do possível, aos países amigos: Argentina, Uruguai, Paraguai, Colômbia, Equador, Venezuela, Chile Panamá, Peru e Cuba, participando de congressos, fazendo palestras sobre a literatura, folclore e cultura nacional, assim como sobre temas relacionados àqueles países, sendo inúmeras vezes homenageado, tornando-se membro honorário de muitas instituições acadêmicas, justamente por esse conhecimento latino-americano.

Patrocinado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, cumpriu missão cultural em Lima-Peru, cujo objetivo maior era a promoção de intercâmbio entre o Brasil e o país vizinho, proporcionando a Sílvio Júlio a possibilidade de residir em Lima, tempos depois, por treze anos. Na condição de professor convidado da *Universidad Mayor de San Marcos*, lecionou História da América; lecionou, ainda, na Universidade Católica de Lima, Universidade Nacional Frederico Villa Real de Lima, Universidade Católica de San Martín de Porres, Universidade de Huanuco e Universidade de Ica.

Nesse ínterim, Sílvio Júlio idealizou, como também o fizeram Bolívar, Rodó, Martí, entre outros, uma América livre e, antes de tudo, unida. Foi um sonho, uma utopia vivida em conjunto com muitos outros intelectuais espalhados ao longo desse grande continente.

A rede de contatos criada por Sílvio Júlio era composta por intelectuais de toda a América Latina e tinha como proposta a troca de informações, artigos, livros, etc, atualmente tão em voga. Sílvio Júlio desejava, antecipando-se ao que hoje afirma Devés Valdés (2007, p. 7), “um desenho versátil de comunidade acadêmica, científica ou intelectual, como uma expressão cultural em busca de uma utopia, cuja meta era a busca de neo-utopias”.

A partir dessa concepção silviojuliana de rede (1928), todo e qualquer material produzido ao longo do continente, fosse ele um jornal ou uma cartilha, serviria para aproximar os povos constituintes de nossa América, independente de sua origem, uma vez que o objetivo era fazer com que essa América, principalmente, se conhecesse.

De acordo com o que pregava Silvio Julio, o jornalista Jacinto Lopes, da *La Reforma Social/New York*, afirmava que

[...] la América Latina existe. Es una única desde el Rio Grande hasta el Rio de la Plata. No hay diferencia entre mejicanos y argentinos, o entre estos y Los venezolanos, o entre estos y los peruanos. En idiomas, en religión, en historia, en costumbres, en puntos de vista, en sentimientos, en gustos, en tradiciones, en todo, en todo, en todo, somos un solo pueblo, dividido apenas por fronteras políticas (SÍLVIO JÚLIO, 1928, p. 15).

Embora nomes brasileiros raramente, ou nunca, tivessem sido lembrados nessas listas, Sílvio Júlio compartilhava da opinião de seu colega de rede, por esse motivo o citava, reproduzindo seu pensamento de forma bastante cômoda, sobretudo contra aqueles que pregavam “o não existir” de uma cultura, de uma literatura e um folclore latino-americanos. Na sua arbitrária concepção, somente uma forte dose de má fé e ignorância sustentaria o argumento dessa ausência. Com essa visão, Sílvio Júlio voltou-se para o trabalho de uma América Latina viva, procurando reunir o maior número de intelectuais, das diversas áreas do conhecimento, para, juntos, formá-la.

Pensando assim, reunia em Bolívar o maior nome-modelo na luta contra os interesses do estrangeiro, em especial aqueles oriundos dos americanos²⁷, pois afirmava que o herói

²⁷ Em Pampa, obra de 1919, Sílvio Júlio chega a comenta: “O problema da colonização é capital [...]. Tudo pelo estrangeiro, nada pelo nacional, eis a formula dos nossos presidentes. E assim, vemos as levas YAKEES e de europeus gozando a fortuna fácil que lhes proporcionamos, enquanto o brasileiro aí jaz geralmente pobre e abandonado” (SÍLVIO JÚLIO, 1919, p. 250).

venezuelano, mais que um sonhador, buscou a união entre os povos latinos, sacrificou-se pelo próximo e pregava a filosofia da *América espanhola para os americanos espanhóis*.

Definia-se Sílvio Júlio como “um brasileiro e ibero-americano simultaneamente”, e repetia, de acordo com seu biógrafo: “tudo que faço ou escrevo (que em mim é o mesmo) deriva da circunstância natural deste duplo acontecimento” (VASCONCELLOS, 1985, p. 2).

Nesse percurso de conceitos e definições, o termo ‘América Latina’ é sempre lembrado, assim como também o são os termos ibero-americano, pan-americano, hispano-americano, latino-americano. Segundo Hector Bruit²⁸, o nome ‘América’ surge quando Martin Waldssemuller o coloca em seu mapa em 1507, designando o Novo Mundo, ou seja, a parte sul do continente descoberto. No entanto, esse substantivo próprio foi arrebatado no século XIX pelo único país no mundo que não tinha nome, ou seja, os Estados Unidos de Norte América.

Conforme Bruit,

Com a doutrina Monroe, esse nome de tanto sucesso passou a designar o país no norte, enquanto a primeira América, a de Colombo, Cabral, Vespuccio e Montezuma, passou a ser chamada de América Latina marginalizando as populações indígenas e negras. E este nome também teve muito sucesso não obstante as resistências da Espanha que no fundo sempre se sentiu mais visigótica, fenícia, vândala, moura e judia que latina (BRUIT, 2000, p. 1).

Humboldt, entretanto, em seu Ensaio político sobre a ilha de Cuba, no ano de 1826, já chamava atenção aos observadores de plantão que era uma tremenda injustiça histórica chamar de *americanos* apenas os nascidos nos Estados Unidos da América do Norte. Dessa forma, o substantivo ‘América Latina’, “independente das razões ideológicas e políticas que envolveram seu nascimento, veio para rebatizar um continente que tinha perdido seu nome originário”, como lembra Bruit (2000).

Sílvio Júlio, cem anos após a afirmação de Humboldt, quando trata da questão americanista, ao verificar a transformação da nomenclatura ao longo do tempo, procurou explicar os mais variados conceitos e termos surgidos no decorrer desse período, os quais foram aplicados na referência ao continente como um todo:

Pan-americanismo – tese de fundo geográfico que agrilhoa oficialmente, e contra a índole popular, as nações do Novo Mundo, onde são falados o castelhano e o português, ao imperialismo econômico e militar dos Estados

²⁸ Professor do Departamento de História e Centro de Memória – Unicamp.

Unidos; *Hispano-americanismo* – tese de fundo lingüístico que põe num bloco os países cujos filhos usam o idioma de Cervantes; *Ibero-americanismo* – tese de fundo racial que irmana os povos que descendem dos da romana Hispania e possuem identidade de raízes glotológicas, de códigos de direitos, de votos religiosos e de tradições familiares; *Latino-americanismo* – tese de fundo político que corresponde ao plano de adicionar a França e a Itália e a Portugal, mesmo violando a exigência de homogeneidade que essas reuniões não dispensam na obra de conquista e colonização do continente de Colón (SÍLVIO JÚLIO, 1928, p. 27-28).

No entanto, o que se observa ao longo do processo histórico é que o próprio termo parece ter servido mais para afastar que para unir os povos latino-americanos, foi causa de preconceito e consequente estigmatização de algumas nações. Esqueceu-se a alteridade, o respeito ao outro, ficando cada país à procura da construção e busca de sua própria identidade, esquecendo-se de suas raízes primeiras.

Sílvio Júlio acreditava que o que levava o latino-americano ainda não envolvido nas próprias questões do continente: identidade, literatura, cultura, política, etc, em especial o brasileiro, a desconsiderar o “vizinho ao lado” era o desconhecimento desse outro, a falta de informação tanto do cidadão comum quanto dos ditos intelectuais. Em *Considerações sobre o americanismo no Brasil*²⁹ (1944), lembrava que “a falta de informações costuma os apressados daqui, a rebentar de vaidade infantilmente localista, juntar o desprezo cruel e absurdo da obra dos maiores heróis, estadistas, sábios e literatos da América Espanhola”.

Segundo o crítico pernambucano, é dessa forma que age Mário de Andrade, por exemplo, quando em *O banquete*³⁰, obra de 1944, afirmava que

(...) nossa cultura nacional ainda é demasiado frágil para não sofrer consequência funestíssimas si se ianquizar. É engraçado: há culturas cuja influência é perigosa, e outras não. Por exemplo, eu acho a cultura espanhola muito perigosa para nós, porque desvirtua os caracteres íntimos da língua nacional (ANDRADE, 1977, p 108).

²⁹ In *Escritores antilhanos*. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1944, p. 6.

³⁰ Em *O banquete* (1977), Mário de Andrade atravessa e transita a tênue linha fronteira entre a ficção e a realidade. Nela, elabora cinco personagens principais que vivem no espaço dessa dicotomia. Esses personagens possuem características que podem corresponder a um plano da realidade, apesar do exagero com que são descritos e apresentados e é com base nas descrições e no posicionamento de cada tipo que o escritor introduzirá questionamentos particulares sobre a arte e a interpretação como um todo.

III. 1 – O nacionalismo modernista – de Mário de Andrade

Sem dúvida, é inevitável, e necessário, diríamos, abrir aqui um parêntese para afirmar que, no período de que tratamos, o modernista Mário de Andrade vivia a plenitude de sua fase mais nacionalista. Já havia participado, entre os anos de 1919 e 1924, da Caravana Modernista, na qual recolheu material suficiente para elaborar o trabalho etnográfico a respeito de Aleijadinho e a nova “cor local” brasileira.

Em busca das raízes nacionais, Mário de Andrade realiza as seguintes viagens: entre os meses maio e agosto de 1927, vai ao norte brasileiro; nos dois anos seguintes, participa de nova caravana, agora com olhos voltados para o nordeste. Nesse período, viaja, ainda, por alguns países da América Latina.

Revelli (2009) afirma que

A consciência com que Mário de Andrade pesquisa os sentidos contidos na tradição oral, buscando posteriormente exprimi-los em seu projeto estético-literário, nos induz a crer que ele foi o primeiro brasileiro a fazer um levantamento sistemático e rico em detalhes do imaginário brasileiro, na primeira metade do século XX (REVELLI, 2009, p. 72).

Reconhecia Andrade que a primeira fase moderna, denominada como “fase heróica”, por trazer em seu bojo características como “a libertação do academicismo, dos recalques históricos, do oficialismo literário; as tendências de educação política e reforma social; o ardor de conhecer o país” (CANDIDO, 2000, p. 114), além da incorporação da cultura popular, havia assumido um papel relevante na solidez do movimento modernista. Entretanto, no período seguinte aos anos 20, frente ao que o Brasil vivia politicamente, o aspecto ideológico assume um espaço significativo na vida dos intelectuais, em especial na do próprio Mário de Andrade.

Referindo-se ao modernismo, Lafetá lembra que

“(…) inserindo-se dentro de um processo de conhecimento e interpretação da realidade nacional, [o movimento] não ficou apenas no desmascaramento da estética passadista, mas procurou abalar toda uma visão do país que subjazia à produção anterior à sua atividade” (LAFETA, 2000, p. 21).

Envolver-se, inconformar-se ou engajar-se nas questões nacionais era uma necessidade premente para aqueles envolvidos na formulação dos novos rumos do país. Apesar de Sílvio

Júlio não ter feito parte, nem de longe, do quadro de intelectuais idealizadores/realizadores da Semana de Arte Moderna, em 1922, seu engajamento acontecia no campo político. Um exemplo a ser dado, e que poderia seduzir o leitor, refere-se à sua participação ativa em um grupo de civis e oficiais do Exército Brasileiro que em julho do mesmo ano tentou depor o presidente Epitácio Pessoa³¹. Ao mesmo tempo, continuava com sua pesquisa e com seu olhar voltados para a América hispânica. Outros brasileiros, em um sentido inverso aos modernistas, contribuíram para o bom relacionamento com os co-irmãos latinos: João Ribeiro, Sílvio Romero, Elísio de Carvalho³², Manoel Bomfim, entre outros famosos da intelectualidade nacional.

Contudo, não se pode radicalizar a respeito do amor ou da atenção nacional para com a América espanhola, como muitas vezes Sílvio Júlio o fizera. O pesquisador pernambucano viveu historicamente um período de muitas mudanças para o Brasil, em especial para a história e para a literatura nacionais, e pode constatar, *in loco*, o que ocorria tanto no país quanto na América hispânica. Viu a indiferença e o preconceito entre os povos, sentindo na própria pele a condenação ao ostracismo intelectual, fato causado unicamente por sua forma de pensar, imposição de pensamento e “arrogância” acadêmica.

Uma questão relevante a ser reforçada sobre a ‘não’ atenção de nossos intelectuais para o que ocorria na América espanhola, pelo menos não como aspirava Sílvio Júlio, é o fato de se estar vivendo uma época na qual a discussão a respeito da “nacionalidade” estava sendo retomada com muita força pelos novos protagonistas da cultura brasileira. O próprio Mário de Andrade, escrevendo à amiga Tarsila do Amaral, então na Europa, dizia: “Tarsila, Tarsila, volta para dentro de ti mesma. [...] Vem para a mata virgem, onde não há arte negra, onde não há também arroios gentis. HÁ MATA VIRGEM” (ARACY, 1975, p. 369).

Era a época do novo, do Modernismo, como já frisado anteriormente, de tal forma que toda influência modernista ao longo dos cinquenta anos seguintes, em todos os campos da sociedade civil e cultural brasileira, fizeram com que os olhos intelectuais, desenvolvimentistas e acadêmicos estivessem sim no estrangeiro, sobretudo naquilo que vinha da América do Norte ou da Europa, a exemplo do final do século.

³¹ Revolta Tenentista ou A Revolta do Forte de Copacabana, deflagrada em 5 de julho de 1922.

³² O Historiador e intelectual chileno Eduardo Deves Valdés escreve em seu livro Redes Intelectuais en América Latina (2007, p. 72) que foi o brasileiro Elísio de Carvalho, o pioneiro na integração e difusão de informações, assim com a promoção de contatos durante as primeiras décadas do século XX, entre Brasil e hispanoamérica. Entretanto, segundo o próprio Sílvio Júlio, os autores citados, assim como outros, contribuíram nessa relação, porém enfocando alguns aspectos somente relativos à cultura latino-americana; que nunca persistiram na pesquisa e meditação do total de feições da problemática novo-mundista.

Seja durante os anos 20, quando os intelectuais do centro do país elaboraram um novo modelo de linguagem que pudesse expressar as raízes nacionais a partir de então, seja na década seguinte, quando os novos pensadores nacionais, ocupantes até mesmo de cargos públicos em nível estadual e nacional, esboçaram uma blindagem da cultura nacional a fim de fazê-la reconhecida como elemento identitário, buscou-se, antes de tudo, estabelecer o que os modernistas definiram como *brasilidade*, ou seja, todos os possíveis elos que unissem aquelas representações sociais, o imaginário popular, tradicional, entre outros, que visassem o diálogo com o meio a que pertencessem.

Como conclusão a propósito da característica nacionalista de Mário de Andrade e seu papel no modernismo, pode-se afirmar que seu envolvimento e atuação foram de fundamental importância para o sucesso do próprio movimento. Se lutou entre o estético e o ideológico foi uma luta sã, consciente, uma vez que isso só veio a enriquecer a própria literatura.

III. 2 – A noção de Rede Acadêmica de Sílvio Júlio na América Latina

É possível que Sílvio Júlio não tenha entendido o que o país vivia naquele momento de rupturas acadêmicas, culturais, literárias, etc; primeiro, por não fazer parte da elite acadêmica que iniciou o movimento modernista, como, talvez, gostaria de ter feito; segundo, apesar de conhecê-los, manteve-se distante, justamente pelo fato de estar mais preocupado com a história hispano-americana, com a ampliação e fomento do que hoje se conhece por *rede* de contatos.

No entanto, se Sílvio Júlio dedicou tanto trabalho na busca dessa articulação acadêmica entre os intelectuais latino-americanos, fato é que também não tivemos uma América espanhola preocupada ou voltada para o que acontecia no Brasil. Apesar desse distanciamento notório, houve uma imensa, longa e profunda rede acadêmica em toda essa América que colocou seus intelectuais, inclusive alguns brasileiros, em contato permanente tanto antes quanto depois de Ariel, de Rodó.

Quando o chileno Eduardo Deves Valdés comenta sobre o sentido de rede realizada na época de Rodó, Sílvio Júlio e outros intelectuais, lembra que

fue una red que contribuyó a la configuración de un campo intelectual continental al fomentar contactos, circular obras, poner en relieve semejanzas, pero que no logró ni crear una institucionalidad ni medios de comunicación ni generar una ampliación del número de personas comprometidas en este proyecto [...] (DEVES VALDES, 2007, p. 72).

No que se refere ao Brasil, Deves Valdés lembra, ainda, que isso ocorreu devido a “incapacidad casi total de establecer contactos con brasileños o con intelectuales de territorios francos parlantes de América Latina” (DEVES VALDES, 2007, p. 72).

A afirmação do filósofo chileno demonstra, até certo ponto, seu desconhecimento a respeito da existência do intelectual brasileiro Sílvio Júlio de Albuquerque Lima, mesmo tendo o autor pernambucano assumido, ao longo de toda a sua trajetória acadêmica, a condição de viajante e mensageiro nacional por terras hispano-americanas, mais precisamente desde os idos de 1914, inclusive no próprio Chile, país no qual morou e casou-se.

Vale ressaltar que, de fato, Eduardo Deves só tomou conhecimento a respeito da existência de Sílvio Júlio, quando enviamos a ele um artigo intitulado Prólogo sobre um certo Dr. Sílvio Júlio³³, inicialmente publicado em um jornal local, na cidade de Pelotas – RS, no ano de 2009.

Em uma certa oportunidade, questionamos o escritor Eduardo Deves sobre o motivo que o havia levado a citar em seu livro *Redes Intelectuais en América Latina – Hacia la constitución de una comunidad intelectual* (2007), o nome do geógrafo e escritor Alisio de Carvalho, cujo pseudônimo era Elysio de Carvalho, como o único brasileiro conhecido ao longo da América hispânica, especialmente nas primeiras décadas do século XX. Naquele momento, Eduardo Deves comentou que havia recebido das mãos de acadêmicos brasileiros essa informação, embora conhecesse e citasse nomes famosos em seu livro, como Eduardo Prado, Manuel Bomfim, Alberto Torres, Euclides da Cunha e José Veríssimo, entre outros. Entendemos que isso não o torna culpado, já que o próprio processo histórico incumbiu-se de tornar o Sílvio Júlio um ilustre desconhecido nessa difícil tentativa de integração latino-americana.

³³ Capítulo de minha dissertação de mestrado, intitulada A Literatura Sul-Riograndese sob os olhos de Sílvio Júlio de Albuquerque Lima, UFRGS, 2007.

Praticamente isolado, o crítico pernambucano pregava que as raízes brasileiras tinham mais a ver com a cultura ibérica que com a lusófona. Por isso afirmava que

A América espanhola é católica. O Brasil é católico. A América espanhola é ibérica. O Brasil é ibérico. A América é de cultura latina. O Brasil é de cultura latina. A América espanhola e o Brasil estão no mesmo sentido do hemisfério ocidental e no mesmo continente. A América espanhola e o Brasil adotam a república e a democracia. A América espanhola fala castelhano e o Brasil fala o português, dois idiomas quase iguais e que se entendem naturalmente por quem os ouve e os usa todos os dias, sem necessidade de prévio estudo. Nas Américas espanhola e portuguesa os fatores unitivos estão em maioria e, além disso, favorecem a civilização de todos os países continentais (SÍLVIO JÚLIO, 1944, p. 33).

Sílvio Júlio re-forçava, ainda, que “os contatos, simpatias e igualdade das duas línguas presentes no continente permitem que, às vezes, as confundamos, e noutras oportunidades, consigamos favorecer-lhes relações” (SÍLVIO JÚLIO, 1944, p. 43). Essa proposta silviojuliana acabava provocando uma situação bastante desagradável no meio acadêmico, uma vez que o escritor pernambucano não levava em conta, ou preferia deixar de lado, principalmente, características como a cultura própria de cada país, e as barreiras fonéticas naturais existentes e comuns entre dois idiomas.

Nessa perspectiva, utópico, idealista e, muitas vezes, intransigente, Sílvio Júlio buscou, a partir de solo brasileiro, aproximar o seu país de uma América que vivia sua própria luta, que buscava descobrir sua identidade, sua raiz; de uma América que pretendia livrar-se de seus pesadelos, guerras e Senhores, heróis e anti-heróis.

Quando encontrou na figura *del Libertador* a possibilidade de resgate do sonho de conciliação para uma América que continuava em conflito, levou em conta, somente, a postura de homem forte, viril e determinado do militar venezuelano. Esqueceu-se de mostrar o lado fraco do homem Bolívar, que certo dia escreveu ao amigo Juan José Flores e admitiu: “a América é ingovernável para nós (...) cairá infalivelmente nas mãos da multidão desenfreada, para depois passar a pequenos tiranos imperceptíveis, de todas as cores e raças” (BOLIVAR, 1830).

Apesar dessa frase negativa e pouco motivadora por parte do ídolo, Sílvio Júlio repetia:

“Avancemos! Juntos, compenetrados do nosso papel na história da humanidade, havemos de vencer. Eis porque, senhores, ousa pedir-vos que ergamos, unânimes, um viva ao Brasil! E um viva à América Latina! E um viva à Ibéria!” (SÍLVIO JÚLIO, 1919, p. 264).

É a partir de suas palavras que passamos a analisar e discutir a obra denominada Bolívar, ou Cérebro e coração de Bolívar, obra esta que contou com quatro publicações: 1931, 1942, 1957 e 1981, respectivamente.

IV – BOLIVAR, sob os olhos de Sílvio Júlio

Pode-se afirmar que foi Sílvio Júlio quem apresentou ao público nacional o primeiro trabalho mais profundo e organizado a respeito da vida de Simón José Antonio de la Santísima Trinidad Bolívar Palacios y Blanco.

Segundo Maria Ligia Prado,

Quando se pensa em letrados na América Espanhola, desse período, o primeiro nome a ser mencionado é sempre Bolívar. Além de grande líder do movimento da independência, deixou muitos escritos, entre eles uma extensa correspondência, que foi cuidadosamente organizada no século XIX. Era um homem que conhecia as idéias liberais e que se apoiou nelas para dar forma a suas propostas políticas. Para Bolívar, a liberdade, como um deus, seria capaz de transformar a América, oprimida por séculos de colonização, em um mundo novo (PRADO, 2002, p. 3).

O pesquisador venezuelano Pascual Mora³⁴ afirma que Bolívar permanece no imaginário venezuelano. A figura do herói é constantemente lembrada, a marca é indelével.

en ese sentido no es el que murió en 1830 sino el que vive en el corazón de todos los venezolanos y latinoamericanos. [...] En el umbral del tercer milenio Bolívar sigue cabalgando en el espíritu del pueblo. Bolívar se nos sigue manifestando en lluvia; llovió cuando nació a las tres de la madrugada del siglo diecisiete, llovió con la Independencia, y desde entonces no ha dejado de llover. Anteanoche llovió de nuevo, para recordarnos con Pablo Neruda que ‘despierto cada cien años cuando despierta el pueblo [...] El Bolívar que habita en el imaginario colectivo es el que alimenta el imaginario político. Ese Bolívar al que el pueblo le canta, ese Bolívar que acompaña al pueblo en sus marchas, ese Bolívar que llora con el pueblo, ese Bolívar al que el pueblo le reza, ese Bolívar que se alegra con el pueblo, ese

³⁴ Docente da Universidad de los Andes.

Bolívar que el pueblo lleva en procesión; ese Bolívar es el Bolívar que permite conectar al pueblo con el ideal político. Bolívar devenido en imaginario político es el héroe salvador que le devuelve la soberanía popular [...] (MORA, 2002, p. 105).

Se considerarmos a obra silviojuliana, essa visão de herói, pensador, entre tantas outras que fazem parte do imaginário coletivo a respeito de Bolívar, não pertence apenas aos venezuelanos, mas, de certa forma, a todo latino-americano.

Sílvio Júlio, que se especializava cada vez mais sobre América, especialmente sobre a espanhola, a cada leitura que fazia, a cada nova personagem que conhecia, analisou Bolívar dentro do seu tempo e a partir do tempo do próprio Bolívar; porém, não foi capaz de analisar o militar venezuelano de forma crítica. Embora Bolívar tenha se tornado objeto de investigação não apenas de Sílvio Júlio, mas de uma geração inteira de intelectuais, como líder político, viveu alguns dilemas, como, por exemplo: aceitar ou não para si a condição de *Libertador*; embora ele próprio reconhecesse que aquilo lhe fazia bem, ou, carregar a imagem de unificador das divergências; ser inspiração para outros *mártires* do continente, etc. Com tal visão, verificou-se que, às vezes, temia pelo resultado (negativo) de todo o seu empenho.

Em um trecho de uma das muitas correspondências que produziu, intitulada *Carta de Jamaica*, escrita em 6 setembro de 1815, Bolívar já evidenciava seus conflitos:

Es una idea grandiosa pretender formar de todo el mundo nuevo una sola nación con un solo vínculo que ligue sus partes entre sí y con el todo. Ya que tiene un origen, una lengua, unas costumbres y una religión, debería por consiguiente tener un solo gobierno que confederase los diferentes Estados que hayan de formarse; mas no es posible porque climas remotos, situaciones diversas, intereses opuestos, caracteres desemejantes, dividen a la América. ¡Qué bello sería que el Istmo de Panamá fuese para nosotros lo que el de Corinto para los griegos! Ojalá que algún día tengamos la fortuna de instalar allí un augusto congreso de los representantes de las repúblicas, reinos e imperios, a tratar de discutir sobre los altos intereses de la paz y de la guerra con las naciones de las otras tres partes del mundo. Esta especie de corporación podrá tener lugar en alguna época dichosa de nuestra regeneración; otra esperanza es infundada; semejante a la del abate St. Pierre que concibió al laudable delirio de reunir un congreso europeo para decidir de la suerte de los intereses de aquellas naciones (BOLIVAR, 1815, p. 12).

No entanto, apesar da impressão negativa de Bolívar em relação à concretização do sonho de uma América *una* e dele próprio como *um todo* para o continente, o projeto dos ibero-americanistas vai em outra direção, uma vez que, ao longo do tempo, intentaram difundir cada vez mais a figura histórica desse Libertador e criar o mito – que forma e ordena o comportamento humano – que servisse, antes de tudo, como referência para uma integração dos países formadores da América.

Simón Bolívar, considerado libertador de cinco países sul-americanos - ou seis, se levamos em conta o Panamá, que anteriormente fazia parte da Colômbia, era, antes de tudo, um homem inteligente, um estrategista capaz de observar e analisar a conjuntura em torno com uma rapidez, indo além dos seus companheiros de patente e subalternos. Fazia projeções, oferecia soluções, fossem elas carregadas de esperança ou desafios.

Bolívar viveu uma época cujo processo de formação ideológica, política, econômica, foi determinado pelo poderio militar que, muitas vezes, decidia o que era bom ou não para as nações e seus povos. No entanto, mais que um herói, deve-se lembrar que Bolívar foi considerado por muitos estudiosos um déspota perigoso.

El Libertador parece não ter levado em conta que a melhor maneira de evitar aquilo que mais temia, ou seja, as alianças desiguais e a sublevação étnica e classista contra à elite *criola*, teria ter sido a pregação do Estado de Direito, e não o caudilhismo ilustrado e autoritário. Como resultado, o herói venezuelano personificou o pecado original das repúblicas latino-americanas caracterizadas pelo elitismo, pelo autoritarismo, contribuindo dessa forma, na verdade, para a estratificação social no continente.

Apesar disso, Bolívar foi um soldado inteligente e classificado por muitos estudiosos como um gênio da arte militar, até porque tinha uma formação intelectual bastante sólida. Sua audácia estratégica, associada a um talento para eleger bons conselheiros, a exemplo de seus fiéis amigos Francisco de Paula *Santander* – que com o tempo dele se foi distanciando, defendendo cada vez mais a legalidade republicana – e Antonio José de *Sucre* – que, instituído como presidente vitalício da Bolívia, foi deposto tempos depois pelos próprios inferiores – fizeram-no um dirigente quase invencível.

Seu desejo pela guerra era tanto que chegou a afirmar, certa vez, que havia dentro de si um ‘demônio da guerra’ que lhe consumia e provocava a determinação de vencer, a qualquer preço, sempre.

Viajó unos 120.000 kilómetros (más que Colón o Vasco da Gama) a través de picos y valles, aprendiendo de sus derrotas, siempre contraatacando, reclutando soldados y reuniendo recursos como fuera posible, explotando las debilidades de sus enemigos y empleando la velocidad para doblegar a fuerzas superiores. Tras dos tentativas fallidas -- en 1810 y 1813 -- de establecer una república venezolana independiente, regresó de su exilio en Haití en diciembre de 1816 para intentarlo de nuevo. Hacia finales de 1819, Bolívar había liberado a Venezuela y Colombia (por entonces llamada Nueva Granada) y creado una república que comprendía a esos dos países más Ecuador, que todavía se encontraba en manos españolas. En 1822, liberó a Ecuador, eclipsando a José de San Martín, que había liberado a Argentina y Chile, declarado independiente a Perú y puesto los ojos en Guayaquil. En 1824, Bolívar siguió adelante para completar la liberación de

Perú antes de sellar la independencia de Bolivia el siguiente año (LLOSA, 2006, p. 2).

Para Sílvio Júlio, pesquisador da cultura e da história ibero-americanas, não importava o que diziam a respeito de Simón Bolívar. Considerava o militar venezuelano, antes de tudo, um homem-símbolo. E, exagerado na forma de descrever esse herói, afirmava em seu livro a ele dedicado:

Haja rigor na escolha do termo, sujeite-se a critério inflexível a concepção da genialidade, caia na figura de ser simultaneamente pensador, criador, executor e transformador a do tipo representativo, ninguém ousará negar que a vida e caráter de Bolívar o colocam acima de quase todas as personagens e que ele cabe no idealismo de Carlyle, Emerson, Nietzsche (SÍLVIO JÚLIO, 1957, p. 129).

A professora Eulália Lobo³⁵, comentando a respeito de seu orientador de doutoramento, afirmava que Sílvio Júlio era, principalmente, um sujeito bastante radical em suas posições, especialmente no que dizia respeito aos portugueses e ao papel destes no processo histórico nacional; era um cidadão passional, e defendia, de maneira extremada o mundo hispânico. Bolívar era seu herói máximo e, assim, ele o descreve ao longo de toda a sua obra dedicada à maior personagem venezuelana.

Quando publica a obra Bolívar pela primeira vez, no ano de 1931, o autor pernambucano tinha em mente a apresentação do ídolo ibero-americano ao leitor brasileiro, a partir de dois aspectos: 1. Destacar a relevância da figura de Simón Bolívar no processo de formação e independência dos países hispano-americanos; 2. Apresentar ao público brasileiro o valor histórico de Bolívar.

No entanto, quando ocorre o lançamento da obra Bolívar, o Brasil já enfrentava a primeira *Era Vargas*. O gaúcho Getúlio Dornelles Vargas assumiu o poder após comandar a denominada Revolução de 1930, que derrubou o governo de Washington Luís. Seus quinze anos de governo seguintes caracterizaram-se pelo nacionalismo e populismo³⁶.

Muito embora a intelectualidade brasileira vivesse aquele momento com grande preocupação, uma vez que o governo nacional demonstrava forte interesse em manter relações com os regimes nazi-fascistas³⁷ que ora começavam a surgir no continente europeu,

³⁵ Entrevista com Eulália Maria Lahmeyer Lobo. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 9, 1992, p. 84-96.

³⁶ José Garcia Hamilton, pesquisador argentino, autor do livro Simon, vida de Bolívar, considera que o líder venezuelano foi um ditador consistente, inventor do populismo militar na América Latina.

³⁷ Segundo Koshiba & Pereira (1993), os “fascistas – ou nazi-fascistas – criticavam igualmente o Estado liberal e seus pressupostos: a liberdade e a democracia. Mas isso não significava que os fascistas desejassem a supressão

certamente não consideravam relevante abrir espaço para figuras desconhecidas, ou até déspotas, que atuavam ou haviam surgido no continente latino-americano ao longo do período de dominação e colonização, como o próprio Simón Bolívar, que já não era um total desconhecido da política brasileira.

Em 1826, quando acontece o congresso do Panamá, pretendeu-se criar uma liga de países latino-americanos, da qual participaram somente delegados da Colômbia, Peru, México e América Central. O Brasil, juntamente com o Chile e Argentina, já havia demonstrado certa hostilidade à proposta bolivariana, uma vez que não via a unificação com bons olhos, especialmente sob o comando único de Simón Bolívar. A esse respeito, Sílvio Júlio pregava que

Neste escuríssimo tempo de nefandos comunismos e fascismos, neste abominável tempo de assassinios e brutalidade cavernárias, neste abjeto e triste tempo de invasões e desrespeitos, temos que defender as doutrinas de Bolívar e salvar a América da corrupção européia e da destruição que ameaça o mundo (SILVIO JULIO, 1957, p. 160).

Para corroborar seu argumento, buscava em José Rodó as razões para convencer-se ainda mais a respeito de Bolívar. Segundo Rodó, o líder latino era

Grande en el pensamiento, grande en la acción, grande en la gloria, grande en el infortunio, grande para magnificar la parte impura que cabe en el alma de los grande, y grande para sobrellevar, en el abandono y en la muerte, la trágica expiación de la grandeza (SILVIO JULIO, p. 130).

Foi dessa forma que Sílvio Júlio produziu sua obra Bolívar, ou Coração e Cérebro de Bolívar, entendendo a figura humana do líder latino-americano, antes de tudo, como um fenômeno único, capaz de servir de modelo aos habitantes do continente. Afirmava que toda conquista exigia formidável esforço e que seu herói havia disponibilizado, ao longo do tempo, todo o seu empenho, sua arma, e seu braço forte à espada para libertar a América dos ‘tiranos’, muitas vezes, seus próprios aliados.

O crítico pernambucano via e lia Bolívar como um ser sem erros, um homem que encantou a todos, principalmente por seu poder de comando. O que via como negativo, contemporizava. Um desses exemplos é citado em sua obra, que diz:

do capitalismo. Ao contrário, eles preconizavam o Estado totalitário (o culto ao Estado) e se utilizavam do terror contra seus inimigos”. (KOSHIBA & PEREIRA, 1993, p. 23)

Bolivar, el cruel Nerón,
Este Herodes sin segundo,
Quiere arruinar este mundo
Y también la Religión.
Salga todo chapetón,
Salga todo ciudadano,
Salga, en fin, el buen cristiano
A cumplir con su deber,
Hasta que logremos ver
La muerte de este tirano
(SILVIO JULIO, 1957, p. 136-7).

Para Sílvio Júlio, assim como para muitos que admiravam e ainda hoje admiram Bolívar, se este cometeu erros, se foi acusado por seus defeitos, estes se reduziam frente à figura imaculada *del Libertador*, mesmo porque algumas de suas medidas, reforça o pernambucano, foram justas, como, por exemplo, a abolição do tributo ao índio, malgrado isso tenha significado, para os próprios indígenas, apenas o pagamento de mais impostos, agora como cidadãos comuns.

Karl Marx³⁸ (2008), em correspondência escrita nos idos de 1858 a Friedrich Engels, afirmava que “seria ultrapassar os limites querer apresentar como Napoleão I o mais covarde, brutal e miserável dos canalhas” (MARX, 2008, p. 7). Sob esse ponto de vista, as mesmas palavras talvez pudessem ser aplicadas a Bolívar.

Se o sonho era uma América *solo*, única, tendo como regra principal a construção solidificada a partir da imagem de Bolívar, o cérebro e coração de todo esse processo, especialmente na visão silviojuliana, esse objetivo tornou-se, ao longo da trajetória de Bolívar, um *vir-a-ser* distante, uma vez que o sentido esperançoso associado a uma realidade difícil tornava esse projeto de re-construção do passado frente a um presente extremamente hostil, quase utópico.

³⁸ MARX, Karl. Simon Bolívar por Karl Marx. Martins Fontes, 2008.

IV. 1. Simón Bolívar – sob o olhar de Marx

Frente ao que se expôs anteriormente, e como contribuição à análise da imagem de Simón Bolívar, trazemos o texto Simón Bolívar por Karl Marx³⁹ (2008) produzido por Marx, entre os meses de setembro de 1857 e janeiro de 1858, quando este prestava serviços à editoria do *New York Daily Tribune*⁴⁰. Convidado por seu editor, Charles Dana, Marx colaborou também na elaboração de biografias, verbetes militares e outros temas da *New American Cyclopedia*⁴¹.

Segundo o escritor venezuelano Vicente Pérez Silva (2005), a respeito da obra em questão, a infelicidade de Marx foi ter analisado *Bolívar y Ponte* apenas pelo lado negativo da história, classificando-o, definitivamente, como um homem oportunista, covarde, traidor, fanfarrão, desertor, inconstante, irresponsável, vingador, ditador, incapaz, indolente e, finalmente, ambicioso.

O próprio Pérez Silva apontou duas razões para o insucesso desse texto: 1. As fontes históricas de Marx - o autor alemão sempre recorria às bibliotecas públicas londrinas, dessa forma, seu ensaio biográfico baseou-se nos trabalhos encontrados no Museu Britânico, concentrando-se somente em alguns escritores: o general francês H.L.V. Ducoudray Holstein⁴², o coronel Gustavo Hipsley⁴³, William e John Miller,⁴⁴ britânicos, por sua vez. Sobre os autores, Pérez Silva lembra que estes jamais deveriam ter recebido a atenção de Marx como fontes de pesquisa ou informação, já que eram três ex-militares que não possuíam crédito algum no exército britânico, inimigos declarados de Bolívar, especialmente os dois primeiros. 2. No momento da produção do referido texto, Marx já iniciara a elaboração de sua maior obra, *O Capital*, e a pesquisa desse enfadonho trabalho biográfico sobre Simón Bolívar lhe tomava mais tempo que o esperado, sendo necessário fazê-lo, porém, para fins de subsistência.

³⁹ Desconhecido até 1934, veio à tona nas edições em russo das obras de Marx e Engels e apresentado aos leitores de língua espanhola pelo escritor e pesquisador argentino Aníbal Ponce, quando o publicou na revista *Dialética*, em março de 1936.

⁴⁰ Para o *Tribune*, Marx produziu 487 artigos: 350 dele próprio, 125 elaborados por Engels e 12 conjuntamente com este. O vínculo se manteve entre os anos de 1851 a 1862.

⁴¹ Segundo Néstor Kohan, a NEA publicou 67 artigos de Marx e Engels, sendo 51 destes escritos por Engels, com investigação de Marx no Museu Britânico e sua coleção compreendeu 16 volumes e mais de 300 colaboradores.

⁴² Autor de 1. *Memorias de Simón Bolívar, Presidente Libertador de la República de Colombia y de sus principales generales – Historia secreta de la revolución y de los hechos que la precedieron, de 1807 al tiempo presente*, 1829;

⁴³ Autor de *Memorias del general Miller al servicio de la República del Perú*, 1828 e 1829, dois volumes;

⁴⁴ Autor de *Una narración de la expedición a las riberas del Orinoco y Apure, en Suramérica*, 1817.

Sabe-se que a superficialidade do texto, apontada especialmente por autores latino-americanos, e o juízo de valor apresentados por Marx a respeito da figura de Bolívar, lhe renderam uma repreensão por parte do editor da Enciclopédia Americana, pois este, atento ao trabalho encomendado e à produção jornalística em si, notou que o texto havia se afastado da linguagem imparcial e assumido um caráter estritamente preconceituoso: “Marx no escribe así respondiendo a una demanda de su empleador – como suele suceder en el periodismo comercial – sino por decisión propia, incluso contrariando la opinión de su editor, quien se queja y le reprocha dicho ataque” (KOHAN, 2011, p. 11). E ratifica seu posicionamento, quando comenta, em carta escrita a Engels:

Dana tem-me feito críticas por causa de um artigo mais longo sobre ‘Bolívar’, que estaria escrito em tom preconceituoso, e exige conhecer minhas fontes. Estas eu lhe posso fornecer, naturalmente, embora a exigência seja estranha. No que concerne ao estilo preconceituoso, certamente saí um pouco do tom enciclopédico. Seria ultrapassar os limites querer apresentar como Napoleão I o mais covarde, brutal e miserável dos canalhas. Bolívar é o verdadeiro “Soulouque”⁴⁵ (MARX, p. 60, 2008).

Independente das pretensões bolivarianas, megalômanas ou não, o fato é que Marx observa Bolívar como aquele cidadão que participou sim do processo de independência, porém defendendo, antes de tudo, os interesses da parte de cima da pirâmide. “Bolívar pertenecía a una de las familias mantuanas⁴⁶, que constituían la nobleza criolla en la época de la dominación española en Venezuela” (MARX, 1959, p. 21), repete Marx em seu texto.

Em *Simón Bolívar por Karl Marx*, o militar venezuelano é visto sobretudo como um homem mau, sugerindo o autor da obra como um dos exemplos de sua crítica, o tratamento dispensado por Bolívar aos mestiços, negros e índios, os quais, segundo o próprio Bolívar, representavam uma ameaça ao povo latino americano, já que poderiam tomar o poder de Estado e transformar a América Latina em uma república de pardos, por exemplo, definida pelo militar venezuelano como *pardocracia*.

Se analisarmos a partir desse ponto de vista, torna-se evidente que Bolívar transforma-se em um verdadeiro monstro aos olhos dos historiadores, dos pesquisadores afins e, principalmente, aos olhos do autor alemão, visto que a história registra inúmeros fatos que depõem contra o próprio título de *libertador* dado a Bolívar. A essa altura, sua imagem está

⁴⁵ Carta Escrita a Engels, in: Pedro Scaron, “Marx, Karl y Engels, Friedrich: Materiales para la historia de América Latina”, cuadernos de Pasado y Presente (Buenos Aires, n. 30, 1975), p. 94.

⁴⁶ As mulheres pertencentes às famílias ricas eram as únicas que podiam fazer uso de um manto comprido, razão da origem do nome “mantuanos”.

mais associada a de mantenedor do poder da aristocracia local, do que a de salvador da pátria mais humilde.

John Lynch (2006) exemplifica tal fato quando faz referência a Bolívar, a partir da seguinte orientação:

A great volcano lies at our feet and its stirrings are not poetic or imaginary but very real! Who shall reconcile minds? Who shall restrain the oppressed classes? Slavery will break its yoke, each shade of colour will seek mastery, and the rest will fight on to victory or death. Latent hatreds between the different classes will break out again, each opinion will want to be sovereign (LYNCH, 2006, p. 224).⁴⁷

Contudo, com respeito ao que foi registrado por Marx, o que se deve considerar não é o texto em si, visto como uma produção irresponsável, cheia de preconceito político e sem nenhum compromisso com a história desse continente, segundo alguns autores, a exemplo do próprio Dana, editor do *Tribune*, de Aníbal Ponce, responsável pela descoberta do texto; de José Aricó, autor de *Marx e a América Latina* (1980), ou, ainda, de um nome mais recente, o venezuelano Néstor Kohan, autor de *Simón Bolívar y la “manzana prohibida” de la revolución latinoamericana* (2011). O que vale para a crítica, em especial para os autores citados, é buscar saber o que pode ter levado Marx a adotar tal posicionamento, contrariando, inclusive, o que o seu próprio materialismo histórico recomendava, quando agiu de forma arbitrária, especialmente na escolha de suas fontes.

Na visão de Aricó, a avaliação de Marx pode ter sofrido influência, ao revés, a partir do que pregava Hegel, por exemplo, especialmente sobre as questões que tratavam da existência, ou da ausência, da historicidade dos povos, e do papel/relação do “Estado-sociedade civil” junto a estes mesmos povos.

Na concepção hegeliana, a existência de um povo está consignada à existência da figura do Estado, preservando tudo aquilo que une “a política ao político-institucional, os sujeitos sociais à esfera estatal”⁴⁸. Entretanto, contrariando Hegel, Marx negava o Estado como centro produtor da sociedade civil, estendendo, conseqüentemente, tal juízo a Bolívar, o qual, na sua concepção, era modelo de herdeiro arbitrário e despótico da tradição político-estatal.

⁴⁷ “Um grande vulcão está sob nossos pés e seus tremores não são poéticos ou imaginários, mas muito reais. Quem deve reconciliar as mentes? Quem deve reprimir as classes oprimidas? A escravidão vai quebrar o seu jugo, cada tom de cor vai buscar supremacia, e o resto vai lutar com vitória ou morte. Ódios latentes entre as diferentes classes vão aparecer de novo, cada opinião vai querer ser soberana.”

⁴⁸ GIACOMO, Marraño. *Lo político y sus transformaciones*. Cuadernos de Pasado y Presente (Buenos Aires, no. 95, 1982), p. 25.

De ningún modo podía Marx aceptar la legitimidad de un sistema político basado en la presencia omnímoda de un dictador, ni tampoco admitir el principio hegeliano sobre el que parecía basarse: "El pueblo - dice Hegel en la *Filosofía del derecho* -, tomado sin sus monarcas y sin la articulación del todo que se vincula necesaria e inmediatamente con ellos, es una masa carente de forma que no constituye ya un estado y a la que no le corresponde ninguna de las determinaciones que únicamente existen en un *todo formado* y organizado: soberanía, gobierno, tribunales, autoridades, clases, etc.". Tampoco podía Marx admitir las referencias positivas a la clase militar, en cuanto que "clase de la universalidad", hechas por Hegel. Como es obvio, resultaban difícilmente compatibles para un cuerpo de pensamiento que, como el marxiano, ubicaba la densidad económico-social como instancia fundante de la historia y la centralidad de la clase como sujeto de la misma (ARICO, 2008, p. 7).

Dessa forma, conclui-se que é provável que Marx não tenha compreendido que Bolívar intentou duas propostas básicas de composição do continente latino-americano: a primeira, de criar uma única nacionalidade geograficamente extensa, uma nação andina, na qual se defenderia e promoveria o esperado progresso econômico não somente diante da ex-matriz, a Espanha, como também diante das demais potências européias; a segunda, de estabelecer um sentido de ordem política e social, cujo propósito seria o de evitar uma anarquia generalizada, típico do processo independentista, com o objetivo de proteger o progresso ascendente da economia local, neste caso, não tão local, já que o Libertador compreendia exatamente esse 'local' como todo o continente latino-americano.

Se foi o "azar" ou a visão "eurocêntrica" que conduziu Marx a criticar a imagem e as ações de Bolívar, em algum momentos, inclusive, comparando o processo de colonização da América Latina com o ocorrida na Índia, por exemplo, o fato é que a crítica não somente aconteceu, como também ficou registrada contra *el libertador*.

Se Marx, em definitivo, deixou-se influenciar pela ideologia local da época (eurocêntrica), pela necessidade de sobrevivência ou desconhecimento a respeito da América Latina, a verdade é que seu escrito foi verdadeiro e proposital, já que o Novo Continente não podia mais ser considerado desconhecido, àquela época, para a velha Europa.

Apesar disso, o que se observa é que, com o passar do tempo, Bolívar tornou-se um mito e modelo entre os cidadãos latino-americanos, fato que não passou despercebido nem mesmo ao próprio Marx. "A força criadora de mitos, característica da fantasia popular, provocou sua eficácia em todas as épocas, inventando grandes homens. O exemplo mais

notável desse tipo é, sem duvida, o de Simon Bolívar”, disse o autor alemão em carta⁴⁹ enviada a Engels.

Se analisarmos as ponderações de Marx à época de sua criação, pode-se considerar que as mesmas não chegaram a provocar grande alarde, uma vez que Bolívar estava distante do continente europeu e a América, para muitos estudiosos, continuava a ser algo intangível, não presente naquela realidade e, ainda, sob a tutela da Matriz Espanha. Entretanto, considerando-se outros pontos de vista, alguns inclusive bastante atuais, a imagem de Bolívar é intocável, especialmente na Venezuela, onde o herói é “considerado mítico, e qualquer crítica à história oficial do Libertador pode e será interpretada como um repúdio à pátria” (ROSENMAN & CUADRADO, 2008, p. 61).

Ao produzir seu texto e colocar o mito em xeque, Marx coloca em xeque, também, a biografia do militar venezuelano, uma vez que até aquele momento, e mesmo depois dele, provavelmente ninguém havia ousado criticar de maneira tão ferrenha a figura máxima do Libertador da América, para muitos, um verdadeiro Deus.

Germán Carrera Damas, em *El Culto a Bolívar* (1973), avaliando a mitificação de Bolívar, afirma:

En términos de segunda religión, cívica, ejemplarizante, el Bolívar del culto ha de constituir el modelo universal de los venezolanos, pero el endiosamiento anula su funcionamiento como tal. Mal puede pensarse en un creyente que sea 'como Dios'. De allí que hayan nacido dos tendencias en el culto. Una, la más intransigente e irracional, se resume en el concepto del Dios que rige. Para ella el culto es cuestión de fe. La otra tendencia se resume en el concepto de paradigma, con un punto de contacto con la primera puesto que ese paradigma es por definición inalcanzable, pues si no se puede ser como Dios, tampoco se puede ser 'igual a Bolívar' ni mucho menos superior. De allí que por virtud del culto a Bolívar, en consecuencia de ambas tendencias, el venezolano sabe que su actuación vital tiene un límite infranqueable (DAMAS, 1973, p. 212).

Dessa forma, para os pesquisadores e estudiosos bolivarianos, Marx, de fato, ousa quando aniquila a imagem que muitos latino-americanos, sobretudo os venezuelanos, tinham e têm de Bolívar. Os atos de “barbárie” cometidos pelo herói ao longo de sua atuação enquanto líder supremo de seu exército encontram justificativa, aos olhos da história latino-americana, aos olhos de José Martí (2010), que comentava: “Aonde vai Bolívar? Ao respeito do mundo e

⁴⁹ Carta Escrita a Engels, in: Pedro Scaron, “Marx, Karl y Engels, Friedrich: Materiales para la historia de América Latina”, cuadernos de Pasado y Presente (Buenos Aires, n. 30, 1975), p. 94.

a ternura dos americanos!”⁵⁰. Vai aos olhos do povo, aos olhos de Sílvio Júlio, seu maior fã brasileiro, por exemplo.

Se Marx inicia seu texto sobre Bolívar comentando a respeito do ato de fuga e traição que o mesmo comete contra o parceiro e oficial-superior Francisco Miranda quando o entrega ao exército espanhol⁵¹, o faz com a intenção de demonstrar, com ênfase, ao leitor da *New American Cyclopedia*, que o herói é terreno e está sujeito à desgraça humana, por isso, sem medir conseqüências, qualifica-o como um ser “covarde, brutal e miserável”.

No entanto, outros têm por objetivo levantar e, principalmente, preservar a imagem do Libertador. O acadêmico venezuelano Rafael Yepes Trujillo, por exemplo, na obra *El libertador: civilista i héroe* (1972)⁵², o reconstrói a partir da seguinte fala:

Entre el grupo – refiriéndose a Casa, Peña y Bolívar –, Bolívar es el primero: fue ésta siempre condición ineludible de su destino. Al trasmitirle la orden de arresto, el generalísimo, acostumbrado a la disciplina militar, entrega la espada, y consecuentemente con su concepto de desdén para aquellos oficiales, exclama enérgicamente: 'esta gente no sabe hacer bochinchas'...Bolívar no tomó parte en la prisión de Miranda para entregarlo al monstruo monárquico personificado en Domingo Monteverde. El futuro Libertador obedecía a un imperativo de patria. Con Miranda se iba la independencia, y todo republicano de cepa tenía que reaccionar en violencia y agresión contra el símbolo de desintegración de la libertad nacional... En aquella hora, para Simón Bolívar, Monteverde y Miranda eran igualmente enemigos de la república. Ambos, aunque por distintas causas, se hacían delito común en el efecto. Merecían castigo... Era que el alma de la República, encarnada en Bolívar, no meditaba en obstáculos para arrollarlos, en su ascensión de martirio y de gloria (YEPES, 1973, P. 72-3).

Fica evidente a disposição de ambos, Marx e Yepes, em relação à imagem de Bolívar. O primeiro a destrói, enquanto o segundo a exalta, glorificando-o. Para os venezuelanos, a opção torna-se evidente, uma vez que

El héroe, por lo tanto, es el hombre o la mujer que ha sido capaz de combatir y triunfar sobre sus limitaciones históricas personales y locales y ha alcanzado las formas humanas generales, válidas y normales. De esta manera las visiones, las ideas y las inspiraciones surgen prístinas de las fuentes primarias de vida y del pensamiento humano. De aquí su elocuencia, no de la sociedad y de la psique presentes y en estado de desintegración, sino de la fuente inagotable a través de la cual la sociedad ha de renacer. El héroe ha muerto en cuanto hombre moderno; pero como hombre eterno-perfecto, no

⁵⁰ Discurso pronunciado em atividade da Sociedade Literária Hispanoamericana em honra de Simon Bolívar, em 28 de outubro de 1893.

⁵¹ Em Simón Bolívar por Karl Marx (2008), p. 34.

⁵² Ano de seu falecimento.

específico, universal- ha vuelto a nacer. Su segunda tarea y hazaña formal ha de ser volver a nosotros transfigurado y enseñar las lecciones que ha aprendido sobre la renovación de la vida (CAMPBELL, 1997, p. 26).

Dessa forma, fez-se o homem, fez-se o mito, fez-se a história. A dúvida que pode ainda persistir diz respeito unicamente ao porquê de Marx ter produzido um texto tão insosso a respeito de Bolívar, pois, fosse com foco em uma questão política, fosse com foco em uma questão teórica, o fato é que tal texto o qualifica não como mártir ou herói americano, mas como um homem vil, que colocou os interesses da classe dominante sempre em primeiro plano, classificando os demais “pares criollos” como inferiores, inaptos e incapacitados para o poder.

Para Marx, ainda em uma última observação, “por trás das palavras ‘constituição’, ‘federalismo’ e ‘democracia internacional’, [Bolívar] queria apenas conquistar a ditadura, mesclando a força e a intriga. Separatista, sim; democrata, não” (ROSENMAN & CUADRADO, 2008, p. 74). Contudo, “la utopia del libertador, aquella que lo llevara a soñar una América libre, consolidada politicamente y unida, esto es, sin escisiones internas y sin luchas intestinais, nos muestra la grandeza del pensamiento bolivariano y la importancia de su mirada integradora”, como relembra a argentina pesquisadora Zandanel de Gonzalez (2000, p. 177).

IV. 2. O Projeto Silviojuliano

O projeto silviojuliano de trazer a figura de Bolívar e sua história ao público nacional foi importante, pois ele tinha como objetivo principal aproximar o Brasil dos demais países latino-americanos através de sua cultura, de seu povo e, especialmente, de sua literatura, embora fossem discutidos, no período entre 1930 a 1950, outros temas, como o nacionalismo, o comunismo e, antes de tudo, o próprio desenvolvimento brasileiro.

Sílvio Júlio foi um pesquisador insistente na defesa da presença hispano-americana tanto em nossa história quanto na literatura nacional. Pensando dessa maneira, acreditava na pesquisa que ventilasse a compreensão das identidades americanas, sobretudo as que rodeavam o Brasil. Fosse esse elo através da publicação do trabalho acadêmico, do poeta, do escritor, do teatro, o crítico pernambucano via, quase sempre, a identidade hispano-americana

como um contraponto ao que vinha da Europa, ou, ainda, da cultura utilitarista norte-americana.

É importante ressaltar que, fazendo uma defesa ferrenha dos vários pensadores da América Latina, como José Maria Baralt, José Maria Heredia, Francisco José de Caldas, José Martí, Esteban Echeverría, José Hernandez e, evidentemente, Simón Bolívar, entre outros tantos, o Quixote brasileiro relevava qualquer crítica a esses mesmos intelectuais, que se dedicavam, muitas vezes, quase que exclusivamente a aspectos voltados para a cultura nacional de seus países. Sílvio Júlio, no entanto, voltava a sua crítica para os críticos nacionais que, por aqui, faziam o mesmo.

No que diz respeito a esse aspecto, por exemplo, criticava o autor sul-rio-grandense João Simões Lopes Neto e seu principal interlocutor *Blau Nunes*, na obra Contos Gauchescos (1912), mas enfatizava o valor da personagem *Martin Fierro*, figura criada pelo argentino José Hernandez, na obra El gaucho Martín Fierro, publicada, pela primeira vez, em 1872.

Se o Martin Fierro fosse apenas o quadro da existência do gaúcho platino em forma popular, que noção íntima nos causaria? E a um inglês? E a um italiano? O caso é diferente. Não obedece a simples interesse de colorismo. Acima do exótico paira o humano. A versificada história que conta o trovador argentino encerra alma, sentimento, tragédia eterna, tão fecunda quanto a de um Cid Capeador ou um Rolando (SÍLVIO JÚLIO, 1944, p. 40).

Criticando ou não, apoiado ou não pelas instituições acadêmicas, ou pelos amigos, Sílvio Júlio manteve seus olhos voltados apenas para o que vinha da América espanhola, louvando Bolívar e seus feitos.

Na concepção silviojuliana, embora Bolívar fosse um homem rico – algo que sua biografia não esconde – abandonou a comodidade em que vivia, desprezou os interesses particulares e saiu em busca de realizar a independência do denominado Novo Mundo. Dessa forma, consciente do que buscava, reverberava em seu peito muitas aspirações, todas justas e nobres aos olhos de Sílvio Júlio, que afirmava, em suas anotações, que o venezuelano viveu dois momentos importantes em sua vida.

O primeiro desses momentos, entre 1812 a 1821, foi um período de ascensão. A revolução contra o domínio espanhol teve início em 1810, na Venezuela, e a representação governamental, naquele momento, é deposta. Uma declaração formal de independência foi proclamada em 1811 e, no mesmo ano, Simon Bolívar tornou-se oficial do exército revolucionário. Contudo, em 1812 as tropas espanholas retomaram o poder na Venezuela,

resultando na prisão do líder da revolução venezuelana, Francisco Miranda. Bolívar, então, deixou o país.

Nos anos seguintes, diversas guerras aconteceram. As vitórias venezuelanas eram seguidas por derrotas esmagadoras. Finalmente, em 1819, Bolívar lidera seu pequeno exército ao longo de rios, vales e trilhas dos Andes, para atacar as tropas espanholas situadas na Colômbia. Na *Batalha de Boyaca*, em 7 de agosto de 1819, saiu vitorioso e a República da Colômbia foi proclamada em dezembro do mesmo ano. Em 1821, na *Batalha de Carobo*, Bolívar consegue libertar a Venezuela. No ano seguinte, Antonio José de Sucre, um de seus oficiais mais fiéis, libertou o Equador na *Batalha de Pichincha*.

O segundo momento, entre 1821 a 1830, Sílvio Júlio considera a fase de agonia de Bolívar. Tendo enfrentado tantas lutas e batalhas e libertado a Venezuela e outras nações do domínio espanhol, o militar venezuelano planejou em ser um líder maior e estender seu poder a toda a América Latina.

Impressionava a Bolívar o processo de formação norte-americano, cujos estados haviam se unido para formar uma só nação. A partir dessa constatação, idealiza uma federação *una*, na qual as nações da América do Sul também se uniriam para formar um só Estado, mesmo porque, tal processo já havia sido iniciado por ele quando uniu a Venezuela, a Colômbia e o Equador na República da Grande Colômbia. Ressalte-se, porém, que esse processo de independência, que se desenvolveu no século XIX, já havia tido início bem antes de Bolívar.

Segundo VILABOY (2003), tal processo de busca pela independência pode ser dividido em três etapas:

la primera tuvo lugar entre 1790 y 1804, y en ella se consolidó la Revolución Haitiana; la segunda se desarrolló entre 1808 y 1815, dio lugar a la formación de juntas de gobierno autónomas en las principales ciudades de Hispanoamérica y llegó a su fin con la exitosa contraofensiva realista desatada entre 1814 y 1815; la tercera y última tuvo su inicio en 1816 y significó la emancipación de la América continental antes española, con las campañas libertadoras de Simón Bolívar y José de San Martín, así como la *sui generis* independencia de Brasil (VILABOY, 2003).

Apesar do passado histórico de guerras e intenções independentistas⁵³ ocorridas inicialmente no período entre 1790 – 1824, os precursores dessa proposta não intentavam

⁵³ Ressalte-se que à época, Pablo Olavide, teólogo peruano, chegou a organizar o grupo das “Cidades e Províncias da América Meridional”, que realizava ações secretas com o intuito de pregar a autonomia do Novo Mundo; Juan Martínez de Rosas, independentista chileno, divulgava entre seus pares a necessidade de cooperação entre as nações latino-americanas.

romper com a ordem colonial; tudo nasceu como um movimento autônomo, porém ainda de forte fidelidade ao rei da Espanha, Fernando VII. Contudo, percebia-se que naquele momento incipiente, justificava-se tal manifestação como uma necessidade real e imediata de se obter uma maior autonomia em relação à própria matriz, além de uma relação de livre comércio com outras nações.

Passado o tempo e as intempéries, o sonho bolivariano de unificação do continente seguia como uma tônica em sua carreira, fosse como militar, fosse como senhor de terras ou, simplesmente, como latino-americano. Numa última tentativa de unificação hispano-americana, Bolívar convoca o *Congresso das Nações da América Hispânica*, no ano de 1826, com o objetivo de discutir a continuidade da união hispano-americana, mas somente quatro países se fizeram presentes: México, Peru, Grã-Colômbia (Venezuela, Equador e Colômbia) e Províncias Unidas de Centro-América. Para surpresa *del Libertador*, quando este esperava pela adição de mais nações à Grande Colômbia o oposto acontece, quando países como os Estados Unidos da América e Brasil⁵⁴ refutaram a proposta bolivariana de unificação dos exércitos e defenderam a manutenção do processo escravagista no continente. Ali, parecia ser o início da queda de Bolívar y Ponte, uma vez que a República começava a se repartir.

Se naquele momento a América estava se repartindo ou não, o que importava para Sílvio Júlio era observar o papel desempenhado por Simón Bolívar durante aquele processo histórico; logo, “catar papéis nos arquivos era um trabalho mecânico” (SÍLVIO JÚLIO, 1957), mas de fundamental relevância para o estudioso, visto que ali, possivelmente, se encontraria os traços do herói. Sílvio Júlio reforçava que para o pesquisador desatento, aquele que não esmiuçasse a história a fundo, restaria a visão superficial desse herói.

A concepção do crítico pernambucano a respeito do papel do pesquisador chegava ao absurdo de criticar aqueles que, definitivamente, falavam mal de Bolívar. Contra Mitre, Ciro Bayo e Perú de Lacroix disparou: “os três agiram de má fé. Um, mentindo para colocar San Martín acima de Bolívar; outro, caluniando para colocar os espanhóis acima dos americanos; e, o último, envenenando tudo para vingar-se de Nova-Granada e de seus filhos” (SÍLVIO JÚLIO, op. cit., p. 206). No entanto, Sílvio Júlio, em nenhum momento em seus escritos, comenta a cerrada e feroz opinião de Karl Marx contra seu maior ídolo, levando-nos a crer que o pernambucano não tomou conhecimento do texto, ou o omitiu, o que nos remete a

⁵⁴ As tratativas para que o Brasil participasse das sessões do Congresso do Panamá teve início ainda no ano de 1825, quando o governo da Grã Colômbia convidou o governo brasileiro, naquele momento, ainda sob a regência de D. Pedro I. Foi nomeado como representante nacional junto ao Congresso o comendador Theodoro José Biancardi. No entanto, segundo ALEIXO (2000), ao tomar conhecimento da agenda do congresso, que tinha em pauta discutir formas de governo, D. Pedro I sentisse-se desmotivado a enviar, de fato, seu representante, visto que éramos uma nação monárquica. .

Compagnon (2006), e as suas palavras a respeito do papel da própria história, consequentemente, ao papel da Literatura:

história é uma construção, um relato que, como tal, põe em cartaz tanto o presente como o passado; seu texto faz parte da literatura. A objetividade ou a transcendência da história é uma miragem, pois o historiador está engajado nos discursos através dos quais ele constrói o objeto histórico (COMPAGNON, 2006, p. 222-3).

IV. 3. Sílvio Júlio e o contexto latino-americano

Em sua tentativa constante de trazer Bolívar e sua história para a leitura nacional, Sílvio Júlio não percebia o momento que o Brasil vivia, distanciando-se, até certo ponto, da própria realidade, uma vez que vivíamos com olhos em um novo mundo de expectativas, o que deixava a todos, evidentemente, com estes mesmos olhos distantes dos heróis estrangeiros, em especial, dos heróis hispano-americanos.

Prado (2007) comenta que, nesse sentido,

é possível encontrar os que defendiam que o Brasil devia se esforçar para construir uma ordem liberal e democrática, enquanto outros buscavam ressaltar os aspectos materiais da modernidade, defendendo que a busca pela modernização não deveria ocorrer entrelaçada ao estabelecimento de uma sociedade caracterizada pela implantação do modelo liberal democrático. Os que defendiam esse último posicionamento acentuavam as particularidades da sociedade brasileira que dificultavam a implantação do modelo liberal (PRADO, 2007, p. 75).

Essa conturbação intelectual, com indecisões a respeito do que era bom ou não para o Brasil e, a partir da visão nacional, do que era bom para a América Latina, provocava ondas positivas e negativas em todas as camadas pensantes. Prado reforça que, “a imensa maioria dos intelectuais ibero-americanos – e brasileiros, em especial – não se fechava em torres de marfim” (PRADO, op. cit., p, 77). Estavam, a exemplo de Sílvio Júlio, adiante de seu tempo, formando cultura ou opinião pública.

Essa era uma das razões que motivava Sílvio Júlio a, de certa forma, resgatar Bolívar. O problema residia justamente na questão da recepção dessa figura junto aos leitores nacionais, pois, conforme afirma Jauss, para haver a recepção positivamente fundamental, o leitor necessita estar presente nesse triângulo formado pelo autor x obra e público; este último

não é um agente passivo, ou elemento sem valor de uma cadeia de meras reações, mas parte integrante da energia da própria obra.

Quando pensamos na recepção de Bolívar pelo público nacional, devemos recordar que Jauss reforçava, sob os olhos da Estética da Recepção, que a historicidade da arte pode ser compreendida a partir de sua recepção ativa e da troca permanente de horizontes de expectativas que se supõe, e não como mero efeito. Tal diálogo contínuo entre obras e público, em um círculo de perguntas e respostas, é o elo entre as obras do passado e a experiência estética do presente, articulando a história e a estética.

Talvez resida aí o grande problema para Sílvio Júlio, se levarmos em conta que o interesse do público leitor pela literatura latino-americana, como era de seu conhecimento, era quase inexistente. No entanto, o pesquisador brasileiro insistia nessa inserção de obras que pouco significavam para a intelectualidade local-nacional, pelo menos naquele momento, uma vez que o próprio país vivia outra realidade.

Muito embora se tenha discutido ao longo da história a respeito do papel do intelectual, seja na esfera pública, seja na literária, sabe-se que sua marcação de espaço é relevante quando este resolve agir, uma vez que, como formador de opinião, pode influenciar o leitor de forma decisiva.

Sílvio Júlio apostava nessa divulgação através de colegas docentes da academia. Entretanto, frente à situação política que o Brasil vivia, inclusive de perseguições por parte do Governo da época, procurava-se evitar, antes de tudo, problemas para si. Tanto que, certa vez, durante o período do Estado Novo, sob o comando do então presidente Getúlio Vargas, o crítico pernambucano ficou preso por vários dias na Penitenciária de Niterói, no estado do Rio de Janeiro.

Sobre esse quadro histórico, o autor relata, em um depoimento ao seu biógrafo, o historiador carioca Francisco Vasconcellos, para o livreto Sílvio Júlio, Um clarão na América (1975), um fato bastante interessante, uma vez que, mesmo tendo sido preso pelo governo getulista, assumiu a cátedra de História da América, da Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro.

Eu não ia ser nomeado. Ao contrário. O dr. Getúlio Vargas, que me conhecia do Rio Grande do Sul, que lá em São Borja presidira conferência minha, não me ia nomear. Quando se fundou a Faculdade Nacional de Filosofia, o primeiro convidado para a cátedra de História da América, foi o grande e extraordinário jornalista Costa Rego. Era ele contra a ditadura e fazia uns belíssimos artigos irônicos. Getúlio, com a velha tática herda de Borges de Medeiros, gostava de atrair os adversários, para depois humilhá-los. [...]

Costa Rego, entretanto, foi ao Palácio, agradeceu a deferência, mas declinou dela, alegando jamais ter sido professor. De ante disso, resolveu o Presidente procurar outro elemento. Recaiu a escolha sobre meu ex colega de Colégio Militar e de Faculdade de Direito, Edmundo da Luz Pinto. [...] Não obstante é chamado a falar com o ditador. Getúlio ofereceu-lhe a cadeira de História da América, pelo fato dele ter sido um dos representantes do Brasil na conferência de Paz entre o Paraguai e Bolívia. Edmundo foi surpreendido, porque ia pedir uma coisa grandiosa e polpuda – tinha a pretensão de ser advogado do governo junto à Itabira Iron⁵⁵ - e acabou recebendo aquilo que em terras brasileiras representa quase uma ofensa – professor catedrático da faculdade, ofensa não pelo valor intrínseco do cargo mas pela remuneração típica de furriel. Edmundo pelejou para sair do embaraço e acabou fugindo à nomeação. Getúlio, não escondeu seu espanto e desabafou: “É curioso, todas as outras cátedras tem três, quatro candidatos que brigam por consegui-las, só essa ninguém quer. Edmundo, cauteloso afirma: mas Presidente, não há problema. O Senhor conhece o Rio Grande do Sul e nosso americanista mais dedicado, aquele que toda a vida dedicou à geografia, à história, à antropologia, à literatura justamente das Américas. Trata-se do dr. Sílvio Júlio. Getúlio obtemperou – mas ele não é simpático ao Estado Novo. Edmundo, com habilidade: “Mas seria um belíssimo gesto de sua parte nomear, não um adversário, porque Sílvio Júlio não faz política ativa, mas uma pessoa sem lhe perguntar as doutrinas. Seria um gesto nobre. Getúlio calou e mandou me chamar. Ofereceu-me a cadeira. [...] Aceitei e agradei. Fui então nomeado interinamente, quando outros, por mero pistolão, foram de imediato efetivados. [...] Prestei ditos exames na época própria, conquistei definitivamente a cadeira com notas muito altas. Assumi o lugar já em 1947, no governo do Marechal Dutra (VASCONCELLOS, 1975, p. 28-30).

Sílvio Júlio assim se via, e assim via Bolívar: antes de tudo um guerreiro que não se entregava nunca. Era antes de tudo um inconformado e não aceitava contrariedades, fossem elas políticas ou acadêmicas. Vivía como se a própria vida fosse uma missão (solitária):

Certos adamados e pelintras nos censuram o tom combativo de nossos livros, artigos, conferências e discursos. Acham eles que o melhor de uma propaganda está em não discutir. Aconselham que exponhamos apenas e nos consagremos à tradução. Querem, portanto, que reduzamos o trabalho intelectual à bio-bibliografia e ao pacifismo suspeitíssimo das versões. Esses macios e gelatinosos sujeitos ignoram a verdadeira situação nacional do problema. Ajuntam-no a seu modo. Incapazes de reações, covardes por natureza, despersonalizados, pretendem acorrentar o pensamento às regrinhas acadêmicas ou a ridículas hipocrisias da sociabilidade dos miméticos. Não suportam moluscos que voem águias (SÍLVIO JÚLIO, 1944, p. 6).

⁵⁵ Em 1910, no XI Congresso Geológico Internacional, realizado em Estocolmo, na Suécia, revelou-se que no centro do Estado de Minas Gerais, no Brasil, estavam localizadas as maiores jazidas de minério de ferro do mundo. Então, em junho de 1911, Itabira Iron Ore Company, sucessora da Brazilian Hematit Syndicate, foi criada e autorizada a explorar e exportar minério de ferro das jazidas de Itabira por concessão do Governo Federal, sendo, naquele período, o Presidente da República Hermes da Fonseca.

Outro idealizador de Bolívar, que certamente só corrobora o pensamento silviojuliano, foi o escritor e crítico espanhol Miguel de Unamuno, que via o líder latino-americano numa única imagem, que englobava o poeta, herói, o criador, o intelectual e um personagem envolvido, antes de tudo, socialmente, chegando a identificá-lo como a figura de Quixote da América Hispana livre. Para felicidade do autor pernambucano, Unamuno dizia, ainda, que “puede y debe decirse que hasta hoy la América ha producido más hombres de acción que contemplativos de pensamiento puro; sus Aquiles superan a sus Homeros” (UNAMUNO, 2007, p. 251).

Reforçava o autor espanhol que,

el mismo Bolívar decía en 1822 que ni ellos ni la generación que les sucediese verían el brillo de la Republica que estaban fundando; que la América era una crisálida, que era menester una *metamorfosis* mediante la formación de un nuevo tipo gracias a la fusión de razas, y en 1824 añadía que los pueblos americanos no podrían prosperar en cien años y que era menester fomentar la inmigración de europeos y yanquis. [...] Y vuelvo a lo que decía al principio, y que es uno de mis más repetidos estribillos: a la necesidad de que todos los pueblos de lengua castellana se conozcan entre sí. Porque no es sólo que en España se conozca poco y mal a la América latina, y que en ésta se conozca no mucho ni muy bien a España, sino que sospecho que las repúblicas hispanoamericanas, desde Méjico a la Argentina, se conocen muy superficialmente entre sí (UNAMUNO, p. 255).

Sílvio Júlio admirava de maneira exacerbada a América de colonização essencialmente ibérica, e esse ibero-americanismo defendido pelo pesquisador brasileiro, conjuntamente com outros pensadores latino-americanos que ratificavam e compartilhavam as mesmas idéias e identidades, era posto em contraste com o que já se pregava nos Estados Unidos da América, acalorando, assim, o debate entre aqueles intelectuais que já se associavam ao pensamento norte americano, supervalorizando o que vinha do Norte, com aqueles que o criticavam.

Na obra Bolívar, o autor destaca o primeiro possível comentário *del Libertador* a respeito dos Estados Unidos, nos idos de 1800:

tendo cruzado os Estados Unidos, a república de Washington ainda não assombrava ninguém. Aos vinte e três anos, adivinhou Bolívar, entretanto, o imperialismo dos Estados Unidos e o denunciou sem temores. Como um dos maiores prosadores do Novo Mundo, não esteve longe de antecipar o aviso: - Conheço o monstro, pois vivi em suas estranhas⁵⁶! (SILVIO JÚLIO, 1957, 226).

⁵⁶ Em 1806, após a perda da esposa e após ter assistido à coroação de Napoleão Bonaparte, Bolívar traça o seguinte roteiro de viagem: Em setembro daquele ano, retorna à Europa, visita França, Itália, Holanda e

Dorella (2006) ratifica que Sílvio Júlio, assim como José Martí, possuía uma perspectiva crítica com relação aos Estados Unidos e uma enorme admiração por Bolívar. Mais que isso, percebe-se na produção silviojuliana que trata da América Espanhola uma forte resistência à cultura européia e à norte-americana, sem evidenciar, contudo, uma postura xenófoba, uma vez que sua intenção era unicamente de valorizar as identidades ibero-americanas no continente americano.

Segundo Carvalho (1997), uma possível razão de tamanha fragmentação

reside na própria história do desenvolvimento das nações latino-americanas, pois como a crítica concorda, as distintas implantações coloniais das quais nasceram as sociedades latino-americanas coexistiram sem conviver, ao longo dos séculos. Cada uma delas se relacionou sempre diretamente com a metrópole colonial. Na verdade, a não convivência histórica das origens se reproduziu no conjunto das novas nações que passaram a viver como arquipélagos de ilhas que, com mais frequência, voltavam-se para fora, para os grandes centros econômicos mundiais, do que para a realidade interna do continental. Daí a expressão elucidativa que alguns usam para caracterizar a atitude de relacionamento entre os países latino-americanos que fazem fronteira: são eles uma espécie de ‘vecinos de espalda’. Isto é, em lugar de olharem uns para os outros, os povos latino-americanos esquecem o que está perto e manifestam desinteresse por aquilo que é, em aparência, parecido, para se voltarem ao exterior, tomando como estrelas-guias Paris, Nova York e outras cidades-referência de civilização e cultura em um mundo globalizado (CARVALHAL, 1997, p. 179).

No caso brasileiro, Sílvio Júlio afirmava que a nossa dificuldade para a integração com os países co-irmãos era reforçada pelo próprio Brasil, quando este fazia questão de demonstrar a sua hegemonia e a superioridade nacionais. A partir desse contexto, enquanto a fama de seu herói era indiscutivelmente estudada em todo o Mundo Novo, Sílvio Júlio percebeu o tamanho da dificuldade para trazer a imagem e o pensamento de Bolívar para os leitores e intelectuais brasileiros.

Apesar do sentimento contrário e quase hostil do leitor nacional, ao escrever a obra *Cérebro e Coração de Bolívar* (1957), Sílvio Júlio procurou reforçar que nenhum general, nem patriota algum, conjecturava com tamanha precisão o plano político-militar para a coesão hispano-americana como Bolívar. Para este general, tudo nasce com a publicação do *Manifesto de Cartagena*, cuja proposta baseava-se em três idéias básicas: 1. A centralização e o fortalecimento do governo de todos os territórios que se emancipassem; 2. A formação de

Alemanha. Logo a seguir, em outubro, embarca para os Estados Unidos, onde visita vários Estados: Massachusetts (Boston), Nova York (NY), Filadélfia e Carolina do Sul. Da cidade de Charleston, retorna com destino a cidade venezuelana de La Guaira.

um poder militar que, em água ou em terra, conseguisse manter a ordem pública e destruir os exércitos inimigos; 3. A adoção da ofensiva rápida e eficaz que, partindo de Nova Granada, exterminasse os espanhóis da Venezuela. Ali, sua voz repercutiu em todos os possíveis cantos e os neograndinos acreditaram que ele os salvaria da opressão do colonizador, emancipando, em definitivo, a América.

IV. 3.1. A estratégia bolivariana de ação político/militar: federalista versus unitarista

Na obra Bolívar, Sílvio Júlio discorre sobre a ação político-militar de Simón Bolívar afirmando que, com o apoio popular em alta e a obediência militar ao seu lado, a dualidade entre uma ação bélica *federalista* versus uma ação *unitarista* passa a ser o ponto de discussão pelo alto comando militar de Bolívar. Na concepção bolivariana, devia-se reprovocar o modelo federalista e agir a partir do estabelecimento de uma ação *unitarista*, uma vez que esta provocava uma ação-reação imediata contra os inimigos, não permitindo sua contra-resposta.

Com essa perspectiva, Bolívar desenhava o caminho para a coesão das províncias e compreendia que a guerra necessitava de componentes como a rapidez e a surpresa. Sem tais elementos a derrota seria inevitável, pois a lei do federalismo não as consente, não faz parte de seu esboço, visto que a mesma sugere uma ação mais lenta, com uma discussão democrática exacerbada de todos os pontos possíveis da ação; já para o unitarismo, basta uma única cabeça a decidir pelos vários membros do corpo político-militar, para permitir qualquer medida surpreendente e rápida no campo de batalha.

Embora não se posicionasse efetivamente contra o ‘federalismo’, Bolívar compreendia que tal sistema, mesmo sendo o mais perfeito e o mais capaz de proporcionar a “felicidade humana” em sociedade, não obstante, era o modelo que mais se opunha aos interesses dos estados nascentes no continente. Seletivo e preconceituoso, afirmava, ainda, que os seus concidadãos não estavam aptos ao exercício amplo do próprio direito, porque careciam das virtudes políticas que caracterizam o verdadeiro republicano, ou seja, as virtudes não adquiridas nos governos absolutos, onde se desconheciam os direitos e os deveres do cidadão.

Observa-se que durante todo esse processo de pesquisa e conhecimento a respeito de Simón Bolívar, o pesquisador brasileiro Sílvio Júlio deixava passar em branco esse tipo de fala ou comportamento de seu herói, não levantando nenhum questionamento sobre tais ações.

Assim, o líder político venezuelano passava a fazer parte do imaginário coletivo, tanto de seus comandados, como do povo. Era interiorizado no inconsciente coletivo, na mentalidade do latino-americano, transformando-se, conseqüentemente, em um mito

fundamental para o processo de independência. “En ese sentido no es el Bolívar que murió en 1830 sino el que vive en el corazón de todos los venezolanos y latinoamericanos. En el umbral del tercer milenio Bolívar sigue cabalgando en el espíritu del pueblo” (MORA, 2002, p. 104). Tal posição nos remete a Jauss e à sua teoria, quando este afirma que “a função social – da obra – somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social” (JAUSS, 1994, p. 50).

Para Borba (2006), “a imagem é capaz de, por si só, suscitar uma espécie de *gestalt*, em que a produção e recepção tornam-se cúmplices na arte. [...] Nenhum poeta, nenhum artista, tem sua significação completa sozinha” (BORBA, 2006, p. 1-2). Com sua perspicácia, Bolívar parecia acreditar que era um homem nascido para existir historicamente e, em consequência disso, converter-se em um gênero, quiçá, literário, pois se constituiu, ao longo do tempo, em um espaço idealizado na lente de todos os cidadãos que sonharam com uma América, antes de tudo, livre.

Quando Sílvio Júlio nos apresenta a obra Bolívar, o seu texto literário é um fato e tem sentido intencional dirigido a um certo mundo, procurando ajustes e correções. Entretanto, o leitor brasileiro, especialmente aquele que estava em ambiente universitário, vivia um outro momento, mais que isso, sentia-se vigiado pelo sistema político presente e procurava enfatizar não a literatura hispano-americana, mas a literatura nacional, com olhos voltados para a Europa, como de costume.

Enquanto isso, focos de pesquisas surgiam ao longo da América Latina e inúmeros trabalhos eram lançados, indo muito além do simples recontar de sua própria história, pois passavam agora a analisar, discutir e avaliar o papel de seus países nessa História, nesse processo de formação identitária da América Latina.

Os argentinos, por exemplo, no período entre 1818-1923, publicavam os ensaios filosóficos sobre a evolução da Cultura do Prata, segundo os quais um sistema era concebido para estudar a literatura como uma função da sociedade. Ocorriam, ainda, as pesquisas sobre Pedro Henrique Ureña, Alfonso Reyes, Arturo Torres Rioseco, e outros tantos mais.

Percebe-se, quando olhamos as demais literaturas nacionais, um forte interesse em compreender a influência das demais literaturas produzidas nas raízes de países formadores de nossa América, o que configura(va) um trabalho pré-comparatista natural, que parece sempre ter buscado a integração do universalismo com as demais notas dominantes de cada literatura

nacional, a exemplo do “criolismo no Chile, a vanguarda na Argentina, a definição do ‘nacional’ no México, ou a tradição filosófica na Colômbia” (ZULETA, 1996, p. 73).

É importante considerar que a literatura produzida nas primeiras décadas do século XX tinha características épicas, contudo, ainda não estava preparada para um salto mais amplo, como afirmava o uruguaio Benedetti (1972), embora tenham surgido obras do calibre de Nuestra América (1891), de José Martí, Seis ensayos en busca de nuestra expresión (1928), de Pedro Henrique Ureña, Ariel (1900), de José Enrique Rodó, Canto general (1950), de Pablo Neruda. Somam-se nesse contexto as obras Las Lanzas Coloradas (1931), do venezuelano Arturo Uslar Pietri e El General en su labirinto (1989), do nobel colombiano Gabriel Garcia Marques, entre tantas outras, que tornaram essa América viva enquanto tema para seus produtores intelectuais. “América, a nossa, vibra detrás de cada criador, às vezes como uma presença peremptória; outras, como uma sombra inquietante” (BENEDETTI, 1972, p. 367).

Parece ser esta última indicação de Benedetti o destino da obra silviojuliana Bolívar, quando é trazida e apresentada para reflexão do público nacional pelo intelectual brasileiro, ou seja, mais que ser uma sombra inquietante, Sílvio Júlio pretendia, entre tantas outras propostas de pesquisa, oferecer uma leitura da América em seus cânones, em seus desafios e em sua própria história.

Contudo, os cânones por ele destacados eram aqueles autores situados no século XIX e início do século XX, o que revelava a sua preferência pela narrativa romântica e moderna hispano-americana; por outro lado, Sílvio Júlio demonstrava uma exacerbada resistência a nomes que estavam a sua volta e já se faziam importantes, como Alejo Carpentier (1904-1980), Jorge Luís Borges (1900-1986), Octavio Paz (1914-1998), Gabriel García Márquez (1928-), Mario Vargas Llosa (1936-), para citarmos apenas alguns, que fizeram sucesso durante a existência do autor pernambucano e que nunca, ou raramente, foram lembrados por ele

Envolvido pela figura de Bolívar, Sílvio Júlio o apresentava continuamente como herói e salvador, sempre o colocando como o único capaz de re-unificar o que exista de continente sul-americano antes, durante, e até mesmo depois da existência d’*el Libertador*, que, com uma posição severa e enfática contra os Estados Unidos da América, repetia que o sistema político desenvolvido naquele país não servia como modelo para a América, especialmente a hispânica.

É preciso que o governo se identifique, por assim dizer, com o caráter das circunstâncias, dos tempos e dos homens que o rodeiam. Se estes são prósperos e serenos, ele deve ser doce e protetor; mas se são calamitosos e turbulentos, ele deve mostrar-se terrível e armar-se de uma firmeza igual aos perigos, sem atender a leis, nem constituições, até que se restabeleçam a felicidade e a paz. [...] Durante sua existência, Bolívar foi coerente com este modo de pensar. Em 1815, 1819, 1826, 1828 e 1830, ao manifestar-se de novo sobre o problema, pede que não se aventurem os habitantes da América do Sul a copiar o federalismo dos Estados Unidos, porque só um governo central bastante prestigiado é útil a povos sem educação cívica. [...] Bolívar atacava o federalismo na América do Sul também por sua falta de caráter democrático (SILVIO JÚLIO, 1957, p. 282/3/4).

Por tamanha força de presença e impacto imagético, Simón Bolívar tornou-se *el mito bolivariano popular* e Sílvio Júlio de Albuquerque Lima percebia isso como leitor, como estudioso e latino-americano. Como defensor, celebrava o feito do venezuelano de, ao longo de sua vida, tentar unificar a América espanhola, transformando-a em apenas uma América, estando ela sob o poder da espada, ou não. Como crítico, preferiu fechar os olhos.

No entanto, muito mais relevante que o desempenho de Bolívar como político ou militar foi, primeiramente, a figura que ficou do *mártir pleno*, construída, até certo ponto, por ele próprio; segundo, toda a estratégia desenvolvida por seus seguidores converteu seus inimigos em uma versão precoce de conspiração reacionária do século XX contra a revolução dita progressista; pior que isso, e frente a tal situação, não se percebeu que o seu verdadeiro problema residia exatamente em algumas de suas grandes metas, cuja principal era a de unir os diferentes países, fato ilusório, uma vez que Bolívar subestimou o poder do interesse faccional, bem como o comportamento e anseio político daqueles homens que lhe rodeavam..

Na visão de Lynch (2006), criticar o líder latino-americano por não ser um democrata liberal em vez de um conservador absolutista implicava em deixar as condições sem argumentos. Bolívar esperava gerar uma ordem completamente nova na sociedade e na economia hispano-americana, dado que as raízes destas estavam fundadas em um passado que se perpetuava, bem como o contexto e o próprio povo. Quanto a este último, ele sabia que não podia ser desafiado facilmente por mero emprego da legislação; por isso, sempre procurou mantê-lo junto de si, pois era a única maneira de continuar seu sonho utópico de unificação. Além disso, uma questão que não pode ser deixada de lado, em todo o contexto bolivariano é, ainda, que “Bolívar no intentó realmente establecer un Estado de Derecho. Sus acciones contribuyeron a ese *caos* general del cual foi victima el propio”, como recorda Llosa (2008).

Quando Sílvio Júlio enxerga a história pelo seu lado belo, louvando um Bolívar antes de tudo bravo: “este, só este, super-homem e herói, pairava sobre tantas mesquinhas e

crimes de lesa-pátria” (SÍLVIO JÚLIO, 1957, p. 303), omite, por outro lado, o parecer sobre um Bolívar que foi se distanciando do segmento que mais lhe sustentou ao longo de suas vitórias e, conseqüentemente, contribuiu para as suas derrotas, ou seja, o próprio povo.

Assim, o grande líder, que começou a lutar por uma independência latino-americana em 1810, morre em 1830, solitário, repudiado pelas mesmas nações que ele havia libertado, governado e, até, desgovernado.

Outro fato a ser considerado é que, malgrado o seu currículo de vitórias e derrotas, pode-se afirmar que, na memória histórica dos setores populares, Bolívar, *el libertador*, pôde representar e permaneceu sendo aquele que libertou os escravos, além de liderar os hispano-americanos contra o imperialismo nortista e contra os unitaristas que já se sobrepunham.

Nesse contexto quase contraditório de ações e “desações”, a imagem de Bolívar passa a representar uma esperança de liberação, buscando através de um processo nostálgico um desejo social mais justo. Tudo isso resulta em um amálgama de justiça, igualdade e internacionalismo latino-americano, em uma clara relação com a realidade social e política, hoje, definitivamente, globalizada.

Na direção do que pregava Sílvio Júlio ao longo de toda a sua obra, a propósito da relevância de Bolívar, outro autor conterrâneo, Ayala (2006) recorda a declaração de um venezuelano a respeito do mito bolivariano: “El hombre fue un segundo Jesucristo, porque nadie es capaz de hacer lo que hizo Bolívar”. Com tal pensamento por parte do povo, reforçando o que já falamos a respeito da influência no inconsciente coletivo venezuelano e latino-americano, cria-se e reforça-se a ascendência mítico-religiosa em torno da figura de Bolívar, contribuindo cada vez mais para a estabilidade da memória social em torno, por sua vez, do mito criado, que, como ele mesmo afirmava em muitos discursos, era “un hombre de las dificultades”.

Vendo por esse lado, a escritura documental – aos olhos do Romance Histórico, como talvez devêssemos classificar a obra Bolívar, de Sílvio Júlio, e a partir desse argumento, considerá-lo uma obra de ficção – passa a ter um papel fundamental nessa necessidade de registrar na memória, ou nesse in-consciente coletivo geral, a relevância da figura de um ser como Simón Bolívar.

Foi com todas as dificuldades que Bolívar, durante os anos de 1826 a 1830 agonizou. Desesperado, assistiu ao desmoronamento de seu ideal e à vitória daquilo que definiu de “desordem e da anarquia” por toda a América.

Crítico severo dos dogmas liberalistas que margearam seu poder ao longo desse período, sua ira a Rousseau e ao federalismo *yankee* aumentaram com o passar do tempo. Em

meados de janeiro de 1830, já debilitado e totalmente desiludido com o poder, e muito mais com o que havia acontecido com o seu sonho utópico de unificação de todo o continente sul-americano, disposto a exilar-se para não sofrer nas mãos de antigos amigos, agora inimigos, proclama:

Compatriotas! Escutai minha derradeira palavra, ao terminar minha carreira política: em nome da Colômbia, peço-vos, rogo-vos que permaneçais unidos, para não serdes os assassinos da pátria e vossos próprios verdugos (SÍLVIO JÚLIO, 1957, p. 317).

No final daquele ano, próximo da morte, precisamente no dia 10 de dezembro, sete dias antes de seu falecimento, Bolívar escreve o *Manifesto aos povos da Colômbia* e afirma:

Colombianos, haveis presenciado meus esforços para implantar a liberdade onde antes reinava a tirania. Trabalhei com desinteresse, abandonando minha fortuna e mesmo minha tranqüilidade. [...] Não aspiro a outra glória senão a consolidação da Colômbia. [...] Colombianos! Meus últimos votos são pela felicidade da pátria. Se minha morte contribui para que cessem os partidos e se consolide a união, eu descerei tranqüilo ao túmulo (BELLOTTO & CORREA, 1983, p. 192).

O sonho bolivariano de reunir os povos americanos a partir das relações internacionais-militares sob um só teto e criar um órgão permanente de justiça universal, no qual o Novo Mundo se apresentasse sob um único poder, pretensão criticada pelo governo brasileiro, por exemplo, evidenciou a visão do militar venezuelano para o povo latino americano.

É uma idéia grandiosa (continuava) pretender formar de todo o Novo Mundo uma só nação, com um só vínculo que ligue suas partes entre si e com o todo. Já que tem origem, uma língua, costumes uniformes e uma religião, deveria, por conseguinte, ter um só governo que confederasse os diferentes Estados que hajam de formar-se; mas não é possível, porque climas remotos, situações diversas, interesse opostos, caracteres dessemelhantes dividem a América. Que belo seria que o istmo do Panamá fosse para nós o que o de Corinto foi para os gregos! Oxalá que algum dia tenhamos a fortuna de instalar ali um augusto Congresso dos representantes das repúblicas, reinos e impérios, a tratar e discutir sobre os altos interesses da paz e da guerra com as nações das outras três partes do mundo! (SÍLVIO JÚLIO, 1957, p. 331).

Idealizador de uma *Liga das Nações*, quando apresenta a Carta de Jamaica, em 1815, Bolívar assume a condição de fenômeno fascinante e, ao mesmo tempo, por que não afirmar, apavorante, no continente latino-americano. Se Sílvio Júlio o reconta em forma de literatura através do relato histórico, deve-se compreender, ou ter claro, que o papel do historiador é o

de confirmar a existência do passado, sem ambiguidades, bem como possibilitar o seu resgate, algumas vezes o reconstruindo; em outras, apenas o observando, através dos *olhos fechadura*, através dos vestígios, pistas que a História deixa pela estrada.

Segundo Compagnon (2006), “hoje em dia, a própria história é lida cada vez com mais frequência como se fosse literatura, como se o contexto fosse necessariamente texto. Que pode vir a ser a história literária, se o contexto nunca é senão outros textos?” (COMPAGNON, 2006, p. 222).

Sílvio Júlio produz um livro de história, que é, sem dúvida, conhecimento concreto de uma vida passada. Cérebro e Coração de Bolívar, ou, simplesmente, Bolívar, acaba sendo, aos olhos da Literatura, uma novela verídica. O autor pernambucano é, ele próprio, um historiador novelista do ato, do fato, do verdadeiro, uma vez que, além de trazer a figura de Bolívar ao leitor nacional, apresenta-o como uma realidade. O líder latino-americano, definitivamente, não foi uma ficção.

Ao longo da transcrição biográfica de Bolívar, o autor, através de um ofício metódico, apresenta um tratado extenso a respeito *del Libertador*, com suas substâncias, seus feitos, sua prática erudita, sua disciplina, e até mesmo sua disciplina imaginativa. O resultado de tudo isso foi uma produção literária, cultural, que enquadrava elementos como os acontecimentos e eventos, as fases e ciclos, os períodos e as épocas acerca de alguém que significava ser um mito para um continente inteiro.

Transformando a imagem bolivariana em literatura, Sílvio Júlio transforma a história em literatura, ou, se assim o quisermos, coloca a história na literatura, ou para estar no contexto globalizado, a participação multidisciplinar da história e da literatura, o que corrobora, exatamente, o que ele pregou ao longo de toda a sua vida acadêmica.

A história dos historiadores não é mais uma nem unificada, mas se compõe de uma multiplicidade de histórias parciais, de cronologias heterogêneas e de relatos contraditórios. Ela não tem mais esse sentido único que as filosofias totalizantes da história lhe atribuíam desde Hegel. A história é uma construção, um relato que, como tal, põe em cena tanto o presente como o passado; seu texto faz parte da literatura (COMPAGNON, 2006, p. 222).

Na concepção silviojuliana, fazia-se *mister* a busca por essa identidade, que se resumia, até certo ponto, em compreender o papel e a relevância de Simón Bolívar para a América hispânica e para os brasileiros, mesmo que estes últimos estivessem sempre com seus olhos voltados para a influência européia, fosse ela portuguesa ou francesa. Sílvio Júlio insistia que a América hispânica precisava ser trazida e investigada pelos profissionais

acadêmicos brasileiros, uma vez que esse *corpus* era vasto e permitia a elaboração de numerosas reflexões, contraditórias ou não.

Distintamente do que ocorreu em outras regiões do globo, onde as nações foram constituindo identidades nacionais a partir de elementos como a língua, valores e outras práticas comuns, levando-as à criação de seus estados nacionais, a América Latina trabalha(ou) de maneira inversa, uma vez que por aqui o processo de independência colonial e posterior fragmentação dos países formou, primeiramente, os Estados Nacionais, para, somente depois, pensar em identidade, por exemplo. “Na história oficial desta região do globo, o que distingue as nações – que, em geral, falam a mesma língua, possuem composições étnicas e crenças semelhantes, mais identidades do que diferenças – é a demarcação territorial”, como afirma Mance (1995), não suas semelhanças ou características identitárias.

Para Carvalho (1997), “somente uma vontade de articulação será capaz de ultrapassar a eventual divisão em blocos, criando um conjunto que, sem neutralizar suas diferenças, se expresse de maneira uníssona sobre certos temas e assegure ao continente uma posição forte no conjunto ocidental” (CARVALHAL, 1997, p. 185).

Desde 1914, Sílvio Júlio buscava essa articulação sugerida por Carvalho, essa relação com os países vizinhos. Abrir os olhos dos pesquisadores da época para o que ocorria em terras não brasileiras não foi um trabalho fácil. Em discurso realizado no ano de 1938, na cidade de Bogotá – Colômbia, ele iniciou a sua fala afirmando: “Soy el único escritor que en el Brasil ha tratado en libros, en conferencias, y como catedrático, sobre la literatura de Hispanoamérica” (SILVIO JÚLIO, 1938, p. 99).

Na composição de sua obra *Bolívar*, procurou ir além da teoria. Ao juntar o fato histórico ao literário, produziu algo que acabou se aproximando daquilo que viria a ser posteriormente chamado de *romance histórico*, gênero bastante difundido, sobretudo na América de colonização hispânica.

De acordo com Bella Jozef (2005), em 1979, “Angel Rama, em debate com Tomás Eloy Martínez, considerava que se havia esgotado na América hispânica o romance histórico, mas as produções dos anos 80 mostraram a vitalidade dos novos rostos do gênero” (JOZEF, 2005, p. 252).

É evidente que a produção de romances com tom histórico foi presenciada pelo leitor latino-americano, leitor este que “já não é um fator alheio, uma marginal da literatura” (Benedetti, 1972). O leitor, reforça o autor uruguaio, “não só se sente tema como cúmplice desse processo de ressurgimento da literatura local” (BENEDETTI, 1972, p. 369).

Conforme ressalta Bella Jozef:

A escrita contemporânea é a tentativa de resgatar o que ficou marginalizado pelo discurso da História. Integra a literatura, manifestação do imaginário e da História, enquanto manifestação do “real”. [...] A arte narrativa confere uma voz ao que a História omitiu, negou, silenciou ou perseguiu. [...] Não se volta à História apenas para interpretá-la ou reconstruí-la, mas para recuperá-la como acervo cultural. [...] História e ficção partem de um mesmo tronco, são ramos da mesma árvore e unem-se ao mito. Ambas são formas de linguagem. Os fatos, na verdade, não falam por si. Só adquirem significado depois de selecionados e interpretados, provocando uma desfamiliarização do cotidiano (BELLA JOZEF, 2005, p. 253).

Sílvio Júlio cruza essa fronteira ao (des)escrever Bolívar. Sai da História e o traz para a literatura. Recontando os fatos reais, ou não; criticando indistintamente a todos que se colocaram contra Bolívar e elogiando de maneira exacerbada a figura *del libertador*, o autor brasileiro, sempre deixado de lado pelos críticos da época em que trabalhou, procurava não se importar com as críticas internas, porque a certeza da vanguarda lhe tomava conta como um vento que leva o barco ao mar aberto em dia de sol, ou de chuva. Sabia da responsabilidade que tinha nas mãos quando trazia para a leitura/literatura nacional os autores hispano-americanos.

Assim o fez quando escreve Folclore e dialectologia do Brasil e Hispanoamerica, no ano de 1974, e apresenta o escritor colombiano Juan Rodríguez Freile, colombiano, autor da obra El Carnero, cujo enredo “retém, arquiva, imortaliza e tempera com sal, pimenta e alho as sujeiras e intimidades de senhoras e cavalheiros que aparentemente respeitáveis, cometiam ações edificantes em Nova Granada, durante o primeiro século da existência de Santa Fé de Bogotá” (MEDEIROS, 2007, p. 105).

A recepção não aconteceu em ‘tom maior’ porque os leitores nacionais não eram “educados” para tal leitura, afirmava Sílvio Júlio. Faltava-lhes a base do conhecimento. Considerando que qualquer obra de arte literária só será efetiva quando o leitor a legitimar como obra, faltava, no entanto, ao nosso leitor, o chamado *horizonte de expectativas* sugerido por Jauss, ou seja, todos os leitores investem certas expectativas nos textos que lêem em virtude de estarem condicionados por outras já realizadas, sobretudo se fizerem parte do mesmo gênero literário. O problema residia exatamente aí, e Sílvio Júlio demorou a compreender esse sentido, esse elo com nosso passado histórico, quem nos descobriu, quem nos colonizou, quem foi o responsável por nossa educação. Estávamos enfaticamente de costas para a América porque ela não fazia parte de nossa história, como ele mesmo já havia dito nos idos de 1928.

Com a publicação de Bolívar, o autor pernambucano passa a ser um dos primeiros pesquisadores nacionais a registrar o nome de Simón Bolívar na literatura nacional.

A seguir, citamos algumas publicações que tratam da figura de Bolívar ao longo do século XIX, XX e XXI:

- Descripción de los honores fúnebres consagrados a los restos del Libertador Simón Bolívar (1842) Fermín Toro;
- Simón Bolívar por Karl Marx, (1857), Karl Marx;
- Simón Bolívar, libertador de la América del Sur, por los más grandes escritores americanos (1914);
- Don Quijote y Bolívar (1931), Miguel de Unamuno;
- Bolívar: fracaso y esperanza (1953), Bolívar: victoria y desengano (1953) de Salvador Madariaga;
- Simon Bolivar, (1957), Luiz Magalhaes;
- El culto a Bolívar (1969), de Germán Carrera Damas;
- Simón Bolívar, integración en la libertad (1980), de Leopoldo Zea;
- Bolívar : Política, (1983), Mantel Lelo Bellotto, Ana Maria M. Correa e Florestan Fernandes;
- De la Patria Boba a la teologia Bolivariana (1991), de Luis Castro Leiva;
- El Quijote de los Andes: Bolívar e o imaginário da independência na América – 1810-1830 (2000), de Eduardo José Reinato;
- Un héroe para todas las causas: Bolívar em la historiografía.Iberoamericana (2003), de Nikita Harwich;
- El divino Bolívar (2003), de Pino Iturrieta;
- Historia de la Revolución Bolivariana – Pequeña Crónica – 1948 – 2004 (2004), de Luis Bonilla-Molina e Haiman El Troudi;
- Simon Bolívar: Ensayo de una interpretación biográfica a través de sus documentos (1994), Tomás Polanco Alcântara;
- Por qué no soy bolivariano (2006), de Manuel Caballero;
- Simón Bolivar – A Life, (2006), de John Lynch;
- Recuperando la memoria historica – La larga marcha por la unidad de identidad latinoamericana – De Bolívar al Che Guevara (2006), de Luis Vitale;
- Simón Bolivar y la manzana prohibida de la revolución latinoamericana (2011), de Néstor Kohan.

A relação de obras apresentada sobre *el Libertador* pode ser uma comprovação do que significou Bolívar para os autores latino-americanos, em especial para aqueles de nacionalidade venezuelana, como Tomás Polanco Alcântara e Nestor Kohan. A forma como o *mito* foi recebido ao longo do tempo corrobora o pensamento silviojuliano, que afirmava ser Bolívar um modelo possível para a América.

Mora (2002), por exemplo, enfatiza que se deve apoiar a figura de Bolívar,

pero aquel que conecta el símbolo con el pueblo, aquel que deviene imaginario social. [...] Todos los pueblos desde la antigüedad entraron en decadencia cuando sus símbolos fueron destruidos. Pero también existe el mismo riesgo cuando el símbolo es banalizado (MORA, 2002, p.111).

E, mais que isso, afirma o venezuelano Mora ser necessário que Bolívar seja visto não somente como um símbolo para a Venezuela, mas para toda a América Latina. “Necesitamos al Bolívar que quiere que nos realicemos en el mundo, y que conquistemos la revolución más grande que nos falta, la revolución cultural. Es la diferencia entre un Bolívar para el pueblo y un Bolívar del pueblo” (Castro Leiva, 1991, p. 128).

O resultado positivo de Sílvio Júlio de Albuquerque Lima ter trazido para o palco da leitura nacional, da pesquisa, e até mesmo da curiosidade do leitor distraído, o tema *Simón Bolívar* ganha destaque, uma vez que o autor, mesmo tendo sido incompreendido e sempre muito criticado por colegas afins, e de ter vivido em um mar de frustração ao longo da carreira pela completa falta de reconhecimento pelo meio universitário brasileiro, delimitou um espaço importante e único tanto no campo literário quanto no histórico. Mais que isso, comprovou que o espaço acadêmico vivia um enorme lapso intelectual quando fechava os olhos e levantava as costas para o que ocorria em chão hispânico.

No mínimo, a pesquisa e o estudo comparado fizeram-se necessários, ao longo do ensino acadêmico nacional, pois isso teria ajudado o intelectual brasileiro a compreender as letras vizinhas.

É nesse sentido que uma prática disciplinar e crítica como a da literatura comparada pode contribuir significativamente como fator de integração do continente. Conhecer as analogias e diferenças, explorar os eixos de continuidade e de ruptura, entender as dinâmicas particulares da produção teórica, literárias e crítica nos diferentes países latino-americanos, suas articulações e distanciamentos são orientações que possibilitam desenvolver uma expectativa distinta da que até então exploramos (CARVALHAL, 1997, p. 185).

No que diz respeito a esse aspecto, o fato da Estética da Recepção, por exemplo, valorizar a experiência estética, conferindo ao leitor um papel produtivo, cujo resultado é a

identificação deste com o texto apresentado a ele, conseqüentemente lido, ressalta a idéia de que uma obra só será julgada do ponto de vista do relacionamento com a personagem mais importante da tríade autor x obra x leitor, ou seja, o leitor.

Ao consumir a obra, a criação artística de outros períodos, o leitor garante não somente a própria historicidade dessa obra literária, como a atualiza de maneira permanente. Sílvio Júlio, no passado quase remoto, e, certamente, o leitor-pesquisador do presente, corroboram a proposta de Jauss, quando este afirma que é o leitor que afiança a vitalidade e continuidade do processo literário.

Zilberman (2009) prega que nessa relação:

Os valores não estão prefixados, o leitor não tem de reconhecer uma essência acabada que preexiste e prescinde de seu julgamento. Pela leitura ele é mobilizado a emitir um juízo, fruto de sua vivência do mundo ficcional e do conhecimento transmitido. Ignorar a experiência aí depositada equivale a negar a literatura enquanto fato social, neutralizando tudo que ela tem condições de proporcionar. Porque ela produz efeitos, Jauss pode atribuir-lhe índole formadora. Quando age sobre o leitor, convida-o a participar de um horizonte que, pela simples razão de provir de um outro, difere do seu. É solidária e diferente ao mesmo tempo, sintetizando nesse aspecto o significado das relações sociais. Quando se soma a isto o fato de que uma obra de época diversa reatualiza a experiência do passado, de outra maneira inacessível, compreende-se em que medida a literatura também possibilita um relacionamento histórico e temporal praticável apenas dessa maneira. Eis por que Jauss sublinha seguidamente a natureza emancipatória da arte literária: ela, de algum modo, arranca o indivíduo de sua solidão e amplia suas perspectivas, este alargamento do horizonte dando-lhe a dimensão primeira do que pode vir a ser. [...] Para tanto, basta deixar obras e leitores falarem (ZILBERMAN, 2009, 110-111).

A propósito de Sílvio Júlio, poderíamos classificá-lo um “fora de lugar”, se adotarmos o termos de Edward Said (2004, p. 429), ou, ainda, denominá-lo um cidadão desterritorializado, completo estrangeiro em qualquer lugar, pois o pernambucano não se posicionou nem em um pólo, nem em outro, colocando-se, quase sempre, também, em posição de fronteira, ou além dela, assumindo-se como um homem que percorreu as margens, o que lhe permitiu transitar entre a literatura e o saber científico em todo o continente latino-americano.

Quando analisamos o conjunto da obra silviojuliana, seja a que produziu com teor nacional, seja a que enfatiza a América Latina, percebemos o quanto este se enquadra no que Guyard (1994, p. 97) definia como pressupostos para alguém ser, nesse caso, comparatista, ou seja: 1. Ser historiador; 2. Ser um conhecedor das literaturas dos diversos países, aqui a dos

sul-americanos. Como viajou por quase toda a América Latina muitas vezes, por exemplo, desde os seus dezenove anos de idade, conhecia como poucos de sua época, a realidade dos povos latinos, como também os intelectuais, na sua maioria amigos íntimos de Sílvio Júlio; 3. Ler em vários idiomas. Sílvio Júlio era um poliglota. Não apenas lia como falava fluentemente vários idiomas; 4. Saber onde encontrar a bibliografia correta, os dados necessários para embasar seus argumentos, parecem ter sido um exercício contínuo para o escritor pernambucano.

Tudo isso resultou em anotações, produção acadêmica, etc, uma vez que sendo um leitor desde a fase juvenil, não só fichava tudo que lia, como pesquisava e mantinha contato com intelectuais brasileiros e estrangeiros. Além disso, possuía uma biblioteca com mais de doze mil títulos, a qual, num dado momento de decepção com o país, foi doada à Universidade de Lima.

Ainda falando em “enquadramentos”, certamente o pernambucano se encaixaria na definição de Guillén, sobre a natureza de um comparatista: “es quien se atreve a molestar, no pocas sino muchas veces, a los amigos y colegas” (GUILLÉN, 1985, p. 10,). Assim, pleno de informações, estava apto, na maioria das vezes, a assumir a posição de frente da discussão, fosse ela política, lingüística ou literária.

Portanto, desempenhando o papel de crítico literário, professor, jornalista, filólogo ou historiador, a contribuição deixada por Sílvio Júlio de Albuquerque Lima para o contexto cultural, literário e lingüístico latino-americano ou, simplesmente, brasileiro, não só é imensa quanto intensa. Reconstruir sua imagem e seu valor faz-se necessário, seja no espaço acadêmico, seja fora dele, considerando-se que sua vida acadêmico-literária não foi curta: começa ainda quando era aluno no Colégio Militar do Rio de Janeiro, em 1908, e finda com a sua morte quase solitária em um hospital na cidade de Petrópolis-RJ, no dia 2 de setembro de 1984.

Se foi polêmico, questionador, orientador, procurou sê-lo com competência, originalidade e estilo. O escritor pelotense Luis Fernando Borges, que pesquisou, de maneira incipiente, a respeito de Sílvio Júlio, afirma:

Numa época de nacionalismo exacerbado, Sílvio Júlio falava da interculturalidade Brasil/Prata; no tempo do autoritarismo getulista, proclamava a democracia; no momento histórico em que as inovações estéticas do Modernismo, então denominado futurismo, consolidavam suas conquistas e os que se opunham eram ridicularizados, ousou defanastar Mário de Andrade (BORGES, 2006, p. 30).

Contudo, nadando quase sempre contra a maré, Sílvio Júlio foi aquele intelectual que, fazendo uso do argumento, muitas vezes de maneira uníssona, ousou quando trouxe temas raramente difundidos no Brasil, inovou muitas vezes, quando buscou o trabalho comparado, por exemplo; desafiou os intelectuais de sua época e contribuiu à constante reflexão sobre conceitos e preceitos da literatura, fosse ela nacional ou latino-americana. Vasconcellos (1975), amigo e biógrafo do pesquisador pernambucano, lembra que este desejou, a exemplo de Bolívar:

com uma América coesa, base territorial de uma confederação de nações independentes para tratar com as demais republicas, reinos e impérios, os problemas de “pax e guerra”. Pensou, pois num bloco homogêneo, fortalecido pela identidade de princípios e objetivos, escoimadas as divergências e discrepâncias oriundas da diversidade cultural, graças a procura sincera das descobertas recíprocas (VASCONCELLOS, 1975, p. 37).

Dessa forma, quando sentou em um banco de bar para tomar café com o intelectual uruguaio José Enrique Rodó, em dezembro de 1915, na cidade de Montevidéu, para debater a respeito do que afligia o povo latino-americano com a fonte intelectual viva, o jovem Sílvio Júlio, ao retornar para casa ao lado de seu amigo Oswaldo Aranha, carregava na bagagem muito mais que a experiência da primeira viagem internacional. Trazia um presente autografado que ganha dimensão de talismã e orientação quase messiânica: o já renomado Ariel (1900).

V. ARIEL, DE JOSÉ ENRIQUE RODÓ

A obra *Ariel* (1900), no que se referia ao espaço “ibérico”, viria determinar a reação da intelectualidade latino-americana contra todos os “males” impostos não só pelo colonizador europeu, mas, fundamentalmente, contra a influência nociva e o poderio utilitarista impostos pelos Estados Unidos da América do Norte a todo o continente latino-americano. Em *Ariel*, o escritor, político, ensaísta e professor universitário José Enrique Rodó Piñero (1871-1917) personifica em seus personagens mais que uma individualidade, um conceito moral, ético ou cultural.

Prado (2002) ressalta que *Ariel*

valorizava as tradições hispânicas como fonte primordial da cultura latino-americana, e fora inspirado, pelo menos em parte, pela intervenção norte-americana na guerra hispano-cubana de 1898. Apropriando-se das personagens de Shakespeare em *A Tempestade*, Rodó construiu metáforas sobre as Américas. Ariel, gênio do ar, representava a parte nobre do espírito, o império da razão, a espiritualidade da cultura. Constituía-se, para ele, em símbolo da América Latina que contrapunha a Calibán, o monstro que idolatrava a matéria, representação concreta dos Estados Unidos (PRADO, 2002, p. 8)

Em artigo⁵⁷ publicado em 2006, o Prof. Figueiredo Monteiro⁵⁸ ratifica o que Bolívar pregava e o que Sílvio Júlio sempre repetiu a todos que o cercavam e ouviam:

A consciência de que fomos moldados em figurinos velhos, em roteiros distantes com leis e reis a dirigir nossas vidas, desvela o entendimento dessa herança do passado colonial que não é apenas aquela forjada pelos

⁵⁷ FIGUEIREDO MONTEIRO, Carlos Augusto de. A América Latina: da criação passada à invenção necessária. Em *América Latina: cidade, campo e turismo*. Amália Inés Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo, María Laura Silveira. CLACSO, San Pablo. Diciembre 2006.

⁵⁸ Professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Brasil.

portugueses no Brasil, gigantesco, continental, mas também pelos espanhóis na fragmentação de vários países que compõem a maioria da chamada América Latina. Nossa herança é ibérica, pois não fomos descobertos, com certeza fomos criados por aquela cultura peninsular, européia, cristã e mourisca, mestiça, plena de méritos e defeitos. O desejo colonial de criar novos mundos à sua imagem e semelhança, implantados em espaços geográficos diversificados (tropicais, subtropicais, altiplanálticos, cordilheira e profundos vales) com mobilização de outros estoques humanos (nativos e transplantados) se não replicaram pelo menos guardaram profundas marcas nas citações resultantes (FIGUEIREDO MONTEIRO, 2006, p. 24).

O cruzamento entre as obras Bolívar, de Sílvio Júlio, e Ariel, de Rodó, acontece justamente nesse ponto da opinião política de ambos a respeito do “fruto colonial britânico”. Quando publica a obra Pampa, em 1919, Sílvio Júlio apresenta um capítulo cujo título é Colonização⁵⁹, no qual expõe sua opinião a respeito do que pensava sobre os ‘estrangeiros’: “O que necessitamos senhores, é da nacionalização do Brasil. [...] Só mesmo a Ibéria e a América Latina, essa gloriosa América Latina que conosco sofre a ironia besta dos *YANKEES* e dos europeus. [...] Ou progredimos ou morremos” (SÍLVIO JÚLIO, 1919, p. 262-3). Já Bolívar, segundo o próprio Sílvio Júlio, referia-se aos *yankees*, repetindo que a América Latina deveria preocupar-se com o *monstro*. E seu regime de governo, o federalismo, que cuidássemos na América do Sul, pois lhe faltava caráter.

Rodó prega em Ariel o sentimento latino ou, quem sabe, anterior a este, o próprio sentimento espanhol na porção ibérica da América. Mais que isso, quando, a partir das palavras de Próspero, convoca a juventude por entender que esta é um “terreno generoso onde a semente de uma palavra oportuna costuma gerar, em pouco tempo, os frutos de uma imortal vegetação” (RODÓ, 1991, p.15), deixava claro que somente esta juventude seria capaz de provocar alguma mudança na América como um todo, em especial na América Latina, uma vez que cabia ao espírito jovem a ousadia e a genialidade inovadora.

Segundo Devés Valdés, no período de 1910-1915,

toda a juventude universitária que se interessa pelo destino de seus países e do continente conhecia a obra de Rodó. Ariel é provavelmente a obra mais lida pela juventude universitária na América Latina em todos os tempos, em termos relativos, obviamente (DEVÉS VALDÉS, 1997, p. 9).

Rodó-Ariel surge com a proposta de condenar o *utilitarismo*, definido como sendo “toda atividade que se orienta pela finalidade imediata do interesse” e que está presente no seio da sociedade norte-americana. O pensador, assim, proclama que: “a concepção utilitária,

⁵⁹ Assim grafado em 1919.

como idéia do destino humano, e a igualdade na mediocridade, como norma da proporção social, compõe, intimamente relacionadas, a fórmula do que se convencionou chamar, na Europa, de espírito americanismo” (RODÓ, 1991, p. 69).

A partir de tal compreensão, o autor uruguaio prega que “se foi possível dizer que o utilitarismo é o verbo do espírito inglês, os Estados Unidos podem ser considerados a encarnação do verbo utilitário” (RODÓ, op. cit. p. 69). Em Ariel, Rodó ainda acrescenta: “E o evangelho desse verbo se difunde por todas as partes em prol dos milagres materiais do triunfo” (RODÓ, op. cit. p. 69).

Dessa forma, rompendo as primeiras luzes do século XX, Ariel de Rodó nasce com a proposta de compreender as condições de formação e perspectivas da América Latina, manifestando uma avaliação, ou questionamento, do ser latino em vários sentidos e apresentando-as ao leitor-cidadão-nativo do continente sul-americano, tais como: o desafio de viver em submissão ou reagir; optar pelo caminho do espiritualismo como fuga da realidade em que se vivia ou seguir o consumismo imposto pelos norte-americanos; à juventude, em especial a da América Latina, a quem ele se dirige no início de sua obra, proclama um chamado para esta ser o protagonista da batalha contra o marasmo do cotidiano e viver para a construção de um ideal; conclama a todos, ainda, para a busca de um “modelo identitário de reivindicações, defesa e exaltação da maneira própria de ser, ou seja, latina; por valores, idiossincrasias, cultura e etnia diversas e defendida pela geração de fim de século que se definia como nortemania”, como lembra Deves Valdés (1997).

Ariel é uma obra que surge em um momento importante para a América Latina, pois acaba sendo uma reação ao próprio processo histórico que a América vivia: os Estados Unidos haviam invadido e dominado Porto Rico e Cuba em 1899, ficando, ambas as nações, submetidas àquele país.

Dominado pela dicotomia entre o debater o que ocorria na época em que se publica Ariel e os americanistas, que já se sentiam seduzidos pela ‘democracia’ norte americana e a consideravam como único e absoluto modelo para o planeta, Rodó opta por negar o utilitarismo desenvolvido no país de George Washington, defendendo que sua luta era: “em nome dos direitos do espírito” (RODÓ, 1991, p. 92). Ariel, então, define-se como uma obra inspiradora, de perspectiva antes de tudo antiimperialista, ao ponto de transformar o que se diz em suas linhas em uma corrente, em uma filosofia, em um conceito denominado *arielismo*.

V.1. Ariel – através de Próspero

As personagens de Ariel-Rodó nascem embasadas na obra inglesa intitulada A Tempestade, de William Shakespeare: *Próspero*, o conquistador, colonizador, administrador; *Ariel*, o espírito, o intelectual; e *Caliban*, anagrama de canibal, que significa o nativo, o selvagem, o não europeu.

Na obra do intelectual uruguaio, vimos que

Rodó adota Próspero como herói civilizador, e elege Ariel como jovem, idealista, inteligente, europeizante. Apresenta Caliban como o utilitarista sem ideais, interessado apenas em realizações e bens materiais, uma nítida alusão ao modelo norte-americano que considerava impróprio para a América Latina (IANNI, 1991, p. 11).

José Enrique Rodó dá vida a suas personagens e vai muito além da característica de individualidade de cada um, já que personifica nestas o conceito moral, ético e cultural, valores que ele julgava enevoados e que precisavam ser resgatados pela sociedade do continente. Dessa forma, com o intuito de propor à América hispânica um repensar de si mesma, Rodó inicia seu projeto trazendo a figura do velho e adorado professor, a quem os alunos apelidaram de Próspero, por este sentar-se sempre junto à estátua de Ariel, numa associação ao mago shakespeariano, de A Tempestade.

Com a chegada do final do ano acadêmico, costumeiramente, Próspero se reunia com seus alunos no salão da biblioteca principal da instituição, onde dominava o ambiente uma primorosa estátua de bronze, representando *Ariel*, personagem do romance de Shakespeare. Naquele espaço, mas do que nunca, Próspero simbolizava e assumia o poder da intelectualidade e da sabedoria, senhor do conhecimento pleno. Consciente dessa forte imagem que o professor assumia frente ao grupo de alunos, José Enrique Rodó faz uso da mesma e a “convoca” para ser a porta-voz de suas meditações filosóficas, políticas e pedagógicas no decorrer da narrativa.

Próspero, consequentemente Rodó, enxergava no grupo de alunos a sua volta a esperança do continente, e ao explanar a estes jovens, esforçava-se para dar ao seu discurso um tom de convocação à juventude americana como um todo, a fim de que ela estivesse atenta e pronta à tarefa maior que lhe cabia: a de trabalhar para uma regeneração e renovação tanto social quanto cultural do continente latino-americano. Mais que isso, Próspero conclamava a juventude latino-americana a não se deixar levar pelos caminhos de Caliban, o

utilitarismo (norte-americano), a sensualidade sem ideal, e seguir, de maneira irreparável, os caminhos de Ariel, o gênio do ar, da espiritualidade, que amava a inteligência por ela mesma, a beleza, a graça e os puros mistérios do infinito.

Na obra Ariel, Próspero se dirige à juventude hispano-americana como se atendessem à formação e ao desenvolvimento da personalidade, enfocando o caráter individual e amplitude humana. Durante a conversa com seus pupilos, critica duramente a sociedade norte-americana, declarando-a como a menos exemplar a ser seguida. Entretanto, Rodó-Ariel não nega as manifestações materiais necessárias à vida, ratificando algumas vezes, inclusive, que elas não medem os valores de uma civilização, o que, de certa forma, passa a ser um grande ponto contraditório do próprio autor, se considerarmos o seu discurso durante toda a obra.

Com os olhos voltados para seus pupilos, Próspero afirma que cabe

ao espírito juvenil a iniciativa ousada, genialidade inovadora. Hoje, talvez universalmente, a ação e a influência da juventude na marcha das sociedades humanas são menos efetivas do que deveriam ser. [...] no entanto, creio ver exprimir-se por toda parte a necessidade de uma revelação ativa de forças novas; creio que a América precisa enormemente de sua juventude (RODÓ, 1991, p. 25).

Segundo Jorge Ruffinelli (1995), essa juventude a que se refere Próspero não era somente o grupo de pessoas jovens, mas o próprio continente americano, um continente jovem em comparação ao que existia no Velho Mundo, por exemplo. De tal forma e graças a essa juventude latino-americana é possível o discurso em Ariel, pois sem a flexibilidade própria da juventude, não teria tido sentido o projeto de orientação espiritual proposto por Rodó.

Diante disso, com uma crítica tão enfática ao *way of life* norte-americano, a recomendação rodoniana era ter como modelo a seguir a Grécia e o cristianismo. Seu modelo de sociedade era Atenas, uma sociedade oposta ao utilitarismo especializado, pois ali havia sido fundada a concepção de vida de todas as faculdades humanas. Embora o exemplo ateniense estivesse distante, o que importava ao decano professor Próspero era o resultado da ação do espírito sobre o sentido da utilidade material e bem-estar que podiam dominar o caráter do ser humano, salientados e expostos pela cultura norte-americana.

Esse utilitarismo exigia muito do ser humano e o levava, conseqüentemente, ao *estresse*, fazendo com que ele deixasse de lado a preocupação com a vida interior, espaço mais adequado na concepção de Próspero para o homem aproveitar a vida.

encontram o ambiente próprio todas as coisas delicadas e nobres que, expostas às intempéries da realidade, são calcinadas pelo hálito da paixão impura e proscria pelo interesse utilitário: a vida de que fazem parte a meditação desinteressada, a contemplação ideal, o ócio antigo (RODÓ, 1991, p.37).

Ciente que estava diante da proposta correta de trabalho, Próspero continuou a pregar o modelo a ser seguido, ou seja, a perfeição da moralidade humana, que consistia em filtrar o espírito da caridade dos moldes da beleza grega. A idéia do belo estava associada indubitavelmente ao bem e à verdade e, desse modo, a estética e a moral se concebiam entrelaçadas, assim como o ensino da antiguidade clássica juntamente com a doutrina cristã.

Pouco a pouco, Próspero conduzia, através de suas palavras e seu raciocínio, seus ouvintes ao terreno fundamental de seu discurso: o cultivo do belo, do bom gosto, de certa forma o ócio, a liberdade espiritual, e, por trás de tudo isso, a negação do utilitarismo.

Por isso, reforçava que:

A idéia de um acordo superior entre o bom gosto e o sentido moral é, portanto, exata, seja no espírito dos indivíduos, seja no espírito das sociedades. No tocante a estas últimas, tal correspondência podia ter como símbolo a relação que Rosenkranz afirmava existir entre a liberdade e a ordem moral, de um lado, e de outro a beleza das formas humanas como resultado do desenvolvimento das raças no tempo. Essa beleza típica reflete, para o pensador hegeliano, o efeito enobecedor da liberdade; a escravidão enfeia, ao mesmo tempo em que envilece; a consciência de seu desenvolvimento harmonioso imprime nas raças livres o sinete exterior da formosura (RODÓ, op. cit. p.46).

A beleza assume uma importância relevante na narrativa rodoniana. Segundo Próspero, “não há resultado da estética mais seguro do que aquele que nos ensina a distinguir, na esfera do relativo, o bom e o verdadeiro do belo, e a aceitar a possibilidade de uma beleza do mal e do erro” (RODÓ, op. cit. p.46). Então, como o primeiro impulso do ser humano é o de desprezar o que há de mais importante no santuário sagrado, deteriorando-o, devemos estar atentos para não começarmos por desprezar o seu senso de beleza.

Sutilmente, o narrador de Ariel reforçava que de todas as coisas do espírito, essa sensação do perceber, do admirar, fornecia a mais delicada visão da beleza das coisas e comparava a emoção da beleza à jóia ideal, como um anel de jóia rara. Dizia aos seus astutos – jovens – alunos que o efeito de uma abordagem pode ser rude como o de um golpe, logo tendo um efeito fatal: a absoluta indiferença instalada na alma, onde deveria existir, possivelmente, o amor perfeito.

Desse modo, nas evoluções da vida, essas encantadoras exterioridades da Natureza, que parecem representar exclusivamente a dádiva de uma caprichosa superfluidade – a música, a plumagem colorida das aves, e, como atrativo para o inseto propagador do pólen fecundo, o matiz e o perfume das flores –, tem desempenhado uma função profundamente real entre os elementos da concorrência pela vida, pois, significando uma superioridade de motivos e uma razão de preferência para as atrações de amor, fazem com que, dentro de cada espécie, os seres mais dotados de formosura prevaleçam sobre os menos dotados (RODÓ, 1991, p. 47).

A partir dessas palavras de Próspero, os alunos continuavam a entender que se ninguém vive sem sentimento moral, o desenvolvimento deste mesmo sentimento traz consigo o dever de preparar a mente para uma visão clara do que é belo. Nesse contexto, enfatizava o decano professor que a concepção de uma vida racional, emoldurada por um desenvolvimento livre e repleto de harmonia, próprio de nossa natureza, significava, a exemplo da perfeição encontrada na Grécia e no cristianismo – e que nos conduzia à admiração do que é belo – vinha opor-se à concepção utilitarista, uma vez que esta era orientada para a finalidade imediata do auto-interesse e desprezo dos menos competentes.

Embasando-se de maneira recorrente no pensamento europeu – Michelet, Guyau, Renan – o narrador adverte seus ouvintes que, antes de tudo, o indivíduo, enquanto ser social, deveria esforçar-se para ser um exemplo na mutilada sociedade, e não se deixar levar pelo *estresse* mental, um dos graves defeitos do utilitarismo – que ao longo de seu ensaio nunca é totalmente negado, uma vez que a proposta rodoniana é estar acima de qualquer necessidade material para garantir a supremacia do espírito – que, segundo Próspero-Rodó, provinha do estilo de vida norte-americano e que, conseqüentemente, não proporcionava ao indivíduo o interesse pela educação do espírito.

Segundo a narrativa de Próspero, dois eram os esteios fundamentais da superioridade do espírito sobre os quais repousavam a humanidade: 1. as revelações e progresso da ciência, e 2. a difusão universal e triunfo das idéias democráticas. Ou, “para usar uma expressão de Bourget, as duas operárias de nossos destinos futuros, pois nelas somos, vivemos, movemo-nos” (RODÓ, op. cit. p. 62).

Contudo, insatisfeito com a “democracia bastarda”,

Rodó se esfuerza por superar, desde la ciencia, la interpretación puramente cuantitativa, así como las posturas aristocratizantes de la democracia. Y lo hace aun en el lenguaje mismo. Introduce para ello el neologismo

*aristarquia*⁶⁰ en sustitución de aristocracia. Dice al respecto: “Fuente de inagotables inspiraciones morales, la ciencia nueva nos sugiere, al esclarecer las leyes de la vida, cómo el principio democrático puede conciliarse en la organización de las colectividades humanas con una *aristarquia* de la moralidad y la cultura” (ibid 69). La democracia se expresa, así, no con meras formalidades periódicas de participación, sino que, basada en la fuerza moral, se hace cultura como forma de vida en un pueblo o nación. Demócrata convencido, toca el punto del *poder*, y su ejercicio en la democracia. Sostiene la necesidad de cambiar las estructuras jerárquicas “imperativas e infundadas” por otras capaces de inaugurar un nuevo *modo de dominio*, basado no en la fuerza física, sino en la influencia moral de sus portadores. Decir, entonces, *aristarquia* es referirse sin más a una democracia de base ética (CORRAL, 2010, p. 59).

Além disso, Rodó pregava, através de Próspero, que a democracia mal projetada e implementada se igualava à mediocridade, consequentemente favorecia aos seres vulgares, entronizando, assim, *Caliban*.

Apesar do sentimento de negatividade muitas vezes percebido em Rodó, já que Próspero mantém-se sólido durante toda a narrativa, isso não significava que a *democracia* devesse ser abolida. Que fosse relevado a essa democracia a inteligência e a virtude e, junto a essas qualidades, a Educação, já que em todo esse processo de formação do homem e influenciado pela presença do espírito, desempenhava papel fundamental.

Rodó reforçava que o processo educacional deveria ser proporcionado para todos, pois somente dessa maneira se conseguiria a total elevação do espírito esperada. Esse processo educacional deveria ser focado e reforçado na potencialização do ser humano, no seu perfeccionismo e não na sua negatividade intelectual e espiritual, a fim de valorizar a relevância democrática desse processo.

O discurso rodoniano confunde-se com o de Próspero na narrativa que tem como interlocutor, fundamentalmente, o leitor latino-americano, configurando o que a Literatura define como dialogismo, se considerarmos que “o dialogismo parte do princípio lingüístico segundo o qual todo ato de linguagem sempre leva em conta a presença, ainda que invisível, de alguém para quem se fala ou escreve” (BONICE/AZULIN, 2005, p. 144).

O dialogismo constituído está formado e presente no texto arielense, se levarmos em conta que o discurso e, consequentemente seu significado, depende da relação entre aquele que o emite e aquele que o recebe, e que para fazer essa idéia ou pensamento circular, a personagem ganha uma voz, que muito além de estar intimamente associada ao pensamento

⁶⁰ *Aristarquia* significa uma moderna leitura do conceito grego de aristocracia democrática. Quer dizer, em sentido literal, governo dos melhores, dos mais sábios, daqueles que apresentam superioridade no campo intelectual e moral.

de seu criador, expressa os valores, ideais e reflexões “necessariamente ligados a uma instituição social” (BONICE/AZULIN, 2005, p. 145). Dessa forma, a voz – de Próspero – utilizada pelo autor expressa a visão do mundo vivido pelo escritor uruguaio naquele final de século, o seu Uruguai, a América Latina, dialogando essa voz, portanto, com as *mundivisões* que circundavam a obra e a própria vida desse autor.

Ariel é um clássico, e como um clássico é preciso que se entenda a dimensão de seu papel tanto no campo literário quanto no intelectual de sua época. Quando nasce, estabelece uma revolução cultural e política para aqueles em sua volta, passando-se, inclusive, a se discutir o próprio futuro dessa América hispânica tão sacrificada durante todo o seu processo de dominação. Contudo, na condição de clássico, Ariel transcende os paradoxos e todas as tensões presentes numa sociedade, como: o individual versus o universal; o presente e o passado; o local e aquilo externo tido como verdadeiro e absoluto; o entre manter as raízes ou aceitar as novidades, especialmente aquelas vindas do Senhor do Novo Mundo, os Estados Unidos da América.

Ainda sobre o significado de clássico, Compagnon recorre a Sainte-Beuve para afirmar que:

Um verdadeiro clássico [...] é um autor que enriqueceu o espírito humano, que realmente aumentou seu tesouro, que lhe fez dar um passo a mais, que descobriu alguma verdade moral não equívoca ou apreendeu alguma paixão eterna nesse coração em que tudo já parecia conhecido e explorado; que manifestou seu pensamento, sua observação ou sua invenção, não importa de que forma, mas que é uma forma ampla e grande, fina e sensata, saudável e bela em si; que falou a todos num estilo próprio, mas que é também o de todos, num estilo novo sem neologismo, novo e antigo, facilmente contemporâneo de todas as idades (COMPAGNON, 2001, p. 234).

Como clássico latino-americano, Ariel de Rodó não poupou críticas aos Estados Unidos e ao seu jeito de ver e viver a vida, o que o autor resumiu, simplesmente numa única palavra: *utilitarismo*. “A poderosa federação vem realizando entre nós uma espécie de conquista moral” (RODÓ, 1991, p. 69). Rodó-Próspero era direto e não fazia uso do eufemismo para criticar os Americanos. “A admiração por sua grandeza e força é um sentimento que avança a passos largos no espírito de nossos dirigentes e, talvez ainda mais, no das multidões, que se sentem fascinadas com a impressão da vitória” (RODÓ, op. cit. p. 69). Indo além, seu protagonista afirma que essa “admiração e a crença já são, para o psicólogo, modos passivos de imitação” (RODÓ, op. cit. p. 70), imitação que considera um perigo, uma vez que os Estados Unidos são um modelo deslatinizado e, que, certamente, em

nada contribuirá com e para a formação dos países ao longo do continente, pois somente haverá espaço para os fortes.

Não aceitar a *nortemania*, que já tomava conta do Novo Mundo, rejeitar seus sonhos e valores fazia-se necessário; opor-lhes limites era um fato, uma vez que naquele momento tudo empurrava, precipitava, exasperava, exacerbava, arrastava, como afirmava Martí, em 1880, naquela direção. Na verdade, “tem-se medo de ficar para trás (...) Tudo é trem, telefone, telégrafo” (MARTÍ, 1884, p. 437).

Nesse contexto de combate a tudo que vinha do Norte, cantava Próspero:

Compreendo muito bem que se aspire a corrigir, pela educação perseverante, aqueles traços do caráter de uma sociedade humana que precisem concordar com novas exigências da civilização e novas oportunidades da vida, assim equilibrando, por meio de uma influência inovadora, as forças da herança e do costume. Mas não vejo glória no propósito de desnaturalizar o caráter dos povos – seu gênio pessoal – para lhes impor a identificação com um modelo estranho a que sacrifiquem a insubstituível originalidade de seu espírito, nem na crença ingênua de que se possa alguma vez obtê-lo com procedimentos artificiais e improvisados de imitação. [...] O engano dos que pensam ter reproduzido o caráter de uma coletividade humana em seu essencial, as forças vivas de seu espírito, e com elas o segredo de seus triunfos e prosperidade, reproduzindo exatamente o mecanismo de suas instituições e as formas exteriores de seus costumes, faz lembrar a ilusão dos ingênuos principiantes que, copiando as formas do estilo ou os procedimentos de composição do mestre, imaginam ter-se apoderado do gênio (RODÓ, 1991, p.71).

Com tal pregação contra a força “perniciosa” que descia do Norte, concluía, assim, que o povo estava apto a identificar o seu caráter enquanto herança latina, embora acreditasse que lhes faltasse personalidade. Na ausência de tal índole, afirmava: “temos – nós, os latino-americanos – uma herança de raça, uma grande tradição étnica a manter, um vínculo sagrado que nos une a páginas imortais da História, confiando à nossa honra sua continuidade no futuro” (RODÓ, op. cit. p.72).

Próspero recomendava aos ouvintes para buscarem o aconselhamento no passado, no modelo clássico, justamente para poderem refletir a respeito do futuro, talvez, incerto. Contrapondo-se ao modelo sugerido pela sociedade, centraliza sua análise de maneira definitiva na sociedade estadunidense, “civilização que alguns nos oferecem como modelo único e absoluto” (RODÓ, op. cit. p. 74). Analisou, primeiramente, as qualidades referentes aos vizinhos do Norte: foram os primeiros a fazer surgir nosso conceito moderno de liberdade, pois elegeram a possibilidade de estender a um imenso país a inabalável autoridade de uma república; construíram uma sociedade forte, tenaz, perseverante, trabalhadora; possuem um

instinto de curiosidade quase insaciável, uma impaciente avidez de toda luz; possuem um sentimento religioso delicado e profundo; sentem a necessidade de se manterem sadios. No meio de tantas qualidades relevantes, Próspero destacava que os americanos fizeram da Escola o eixo mais seguro de sua prosperidade; entretanto, diz que a sua cultura, longe de ser refinada, dirige-se de maneira imediata para realizar as tarefas necessárias. Conclui, dizendo: “Sua grandeza titânica assim se impõe, mesmo aos mais acautelados, pelas enormes desproporções de seu caráter ou pelas violências recentes de sua história. E, de minha parte, vedes que, ainda que não os ame, admiro-os” (RODÓ, op. cit. p. 77).

Entretanto, imitar a América seria o maior pecado para nós, latino-americanos, porque “aquela civilização cria uma singular impressão de insuficiência e vazio [...] vive para a realidade imediata do presente, e por isso subordina toda a sua atividade ao egoísmo do bem-estar pessoal e coletivo” (RODÓ, op. cit. p. 80-81). Rodó parece pressentir, a partir de seu ensaio, o futuro através de suas palavras visionárias. Beyhaut (1995) recorda que “el ensayo, en virtud de su propio carácter polémico o profético, se puso al servicio de los ismos” (BEYHAUT, 1995, p. 246).

No decorrer da narrativa rodoniana, um fato necessita ficar muito claro ao leitor, qual seja: José Enrique Rodó repudia não os Estados Unidos, mas, como ressaltou Rufinelli, “la hegemonía del utilitarismo, el peligro de convertirlo en paradigma de la civilización [...] lo que le inquietaba era la fuerza del ‘espíritu calibanesco’ en los Estados Unidos” (RUFINELLI 1995, p. 28), que já se expandia de maneira extraordinária aos países latino-americanos. Essa era a sua preocupação e o que advertia Rodó.

A intenção rodoniana era a de convencer a juventude latino-americana para que não se convertesse em um povo consumista, mas, ao contrário, em pessoas antes de tudo espiritualistas, com um ideal identitário, muito embora reconhecesse o autor uruguaio ser impossível viver sem um mínimo de bem-estar material no reino espiritual idealizado por ele.

Conclui o autor de Ariel, a partir de Próspero, dando uma chance à sociedade que muito critica em sua narrativa, afirmando: “Esperemos que o espírito daquele titânico organismo social, que até hoje se reduziu apenas à vontade e utilidade, algum dia também seja inteligente, sentimento, idealidade” (RODÓ, op. cit. p. 95).

Entretanto, volta o narrador para a juventude da América, em especial aquela que o escuta, e dispara: “à vossa geração cabe impedi-lo” (RODÓ, op. cit. p. 100). Próspero reforça que “todo aquele que se consagre a difundir e defender na América contemporânea um ideal desinteressado do espírito [...] deve educar sua vontade no culto perseverante do porvir” (RODÓ, op. cit. p. 100). Mais que isso, a juventude devia impedir que os países da América

Latina caíssem nas redes de Caliban, ou seja, do utilitarismo e impedir que os povos latino-americanos perdessem, antes de tudo, a sua essência, seu próprio espírito.

O discurso entrelaçado de Próspero-Rodó pregava que esse trabalho de luta contra o utilitarismo dominante seria um processo lento, minucioso, porém, de uma transcendência fundamental para o futuro das nações que formavam o continente. “Talvez não venhais a ser os fundadores dela, sereis precursores imediatos”, afirmava o narrador nas linha de Ariel. Com o objetivo de demarcar terreno, invoca, novamente, a figura de Ariel, o símbolo da “idealidade e ordem na vida, nobre inspiração no pensamento, desinteresse moral, bom gosto na arte, heroísmo na ação, delicadeza nos costumes” (RODÓ, 1991, p. 106).

O escritor uruguaio, travestido de Próspero, expressava sua esperança naqueles que ouviam seu narrado e estava seguro da vitória de Ariel sobre o monstro *Caliban*. “Ele é o herói epônimo na epopéia da espécie” (RODÓ, op. cit. p. 107). Naquele quadro pintado por Rodó, Próspero ressaltava que Ariel “atravessaria a história humana entoando, como no drama de Shakespeare, sua canção melodiosa, pra animar aos que trabalham e aos que lutam” (RODÓ, op. cit. 107). Certamente, que lutassem por uma América melhor.

Rodó conclui seu ensaio com as seguintes palavras: “Não raro me inebrio com o sonho do dia em que as coisas reais farão pensar que a Cordilheira que se ergue no solo da América foi talhada para ser o pedestal definitivo desta estátua, para ser o altar imutável de sua veneração” (RODÓ, op. cit. p. 109).

V. 2. A proposta rodoniana em Ariel

Já se sabe que José Enrique Rodó propõe ao seu leitor, neste caso *la juventud de América*, algo bem específico: a educação racional como instrumento para se alcançar, não a mesocracia social, mas mais que isso, ou seja, a própria igualdade social. Pensava o autor uruguaio que somente através do processo educacional do povo seria possível desenvolver a idéia do caráter natural da superioridade verdadeira, das subordinações necessárias, bem como o todo que se multiplica, essencialmente aos olhos da razão, do valor humano. Rodó acreditava que a América seria capaz de alcançar a sua própria identidade, entretanto, acreditava também que as cabeças pensantes de um plano tão magistral jamais seriam os membros que pertencessem à massa.

Em Ariel, o autor reflete a respeito das diversidades e vocações que formam um indivíduo, assim como os diversos significados que tais atividades desenvolvem ou assumem na vida de cada ser. Talvez, por tal razão, acreditava Rodó, que a elite idealizada por ele, pelo menos, deveria sacrificar-se em benefício de todos. A vocação que via e solicitava para a juventude que se destacara, todavia, era/é uma urgência para o momento atual – ou aquele – e, ao mesmo tempo, um resumo de um quadro que se apresenta como pós-moderno, contraditório, analítico de si próprio, considerando tantas lideranças não somente diferentes como diversas, como se tem notado ao longo de toda a história da humanidade.

Torna-se evidente, ainda, que o processo histórico latino-americano se há complicado consideravelmente ao longo do tempo, embora, devemos lembrar sempre, que esse mesmo processo histórico ocorreu e enfrentou muitas mudanças, algumas positivas, outras, negativas, especialmente desde a publicação de Ariel.

Tamanha diversidade tem provocado no olhar do observador uma aproximação entre todos que articulam forças convergentes, consequentemente, forças divergentes, mas, sobretudo, entusiasmadas e atentas com o que poderá ocorrer ao planeta, em especial à América Latina, em um futuro bem próximo.

A partir disso, consideramos todas essas expectativas de mudança, ou suas possibilidades, que transformam Ariel, uma obra de 1900, em uma utopia “possível”, ou seja, a fé no que está por vir e a confiança na eficácia do esforço humano formam o antecedente de toda uma ação enérgica deste propósito fecundo.

Claro que o presente é complexo e solicita uma ação diversificada de todos, especialmente na ação e na expressão política. A fé rodoniana numa juventude latino-

americana capaz de organizar-se e sintetizar com lucidez as idéias político-econômicas, éticas e estéticas, com o objetivo de implementar uma resposta, uma ação, é apresentada, passada, repassada e repensada nas páginas de Ariel. Talvez por essa razão, Ariel tem sido a obra mais lida pela juventude latino-americana nos últimos cem anos, como tem afirmado o chileno Eduardo Deves.

Por isso, à crença depositada por Rodó nessa juventude somam-se as pessoas novas e velhas, resolvidas ou não, motivando em todo o povo hispano-americano um certo orgulho pelos caminhos até agora percorridos e objetivos alcançados, que sob um olhar mais apurado nem foram tantos assim. Porém, isso demonstra, até certo ponto, a capacidade de integração de todo um “modelo” do povo que Rodó idealizou através do cumprimento do destino comum entre os seres humanos, em especial aqueles residentes no continente latino-americano.

Contudo, esse otimismo rodoniano era paradoxal, uma vez que o pensador uruguaio não compreendia a repulsa do próprio latino, depois de tantas lutas e guerras, com mais derrotas que vitórias no currículo, é verdade, em aceitar sua condição de ser integrador dentro do próprio continente e, ao mesmo tempo, combatente dos males que vinham de fora, com a força de imposição, melhor dizendo, submissão, aos novos Senhores do planeta. Essa aporia estende-se até os dias atuais, dias em que vivemos o dilema da falta de intercâmbio e de interação, da falta do desejo de conhecer o outro. Verifica-se que alteridade não é praticada, pelo contrário, na maioria dos casos, encontramos a rejeição deste e de outros temas, inclusive, no campo acadêmico. Vê-se, por fim, a constante divergência de forças entre as nações que compõem a América Latina, no intuito de, até mesmo, atuar como o ser dominante/comandante, provocando, como resultado, um enfraquecimento nas relações possíveis de serem formadas contra as forças que insistem em dominar este continente.

Visto assim, o decretado inimigo do Espírito idealizado, os Estados Unidos da América, país do utilitarismo, da influência perniciosa, em verdade, pouco precisam fazer para *nos* domar de fato, uma vez que, sem muito esforço, deixam cair a gota de sedução de seu soro sobre o povo que aqui vive, e isso parece ser suficiente para conquistá-lo.

A publicação de Ariel de José Enrique Rodó teve ampla repercussão no continente – veremos mais a frente que a reação em Montevideu não foi tão boa assim – uma vez que serviu, naquele momento,

à função metafórica de identificar Próspero como o cruel colonizador enquanto Caliban seria o símbolo do oprimido colonizado. Essa repercussão pela América Latina culminaria no Caribe, onde muito tem sido escrito. Inclusive há quem veja geração do personagem Caliban sinais de *Caribbean*, e tal repercussão se prolongou pelo século, reaparecendo na obra do *brazilianist* Richard Morse [...] O espelho de Próspero: culturas e idéias nas Américas, que mereceu uma apresentação de Antonio Candido (FIGUEIREDO MONTEIRO, 2006, p. 25).

Ainda em relação à obra O espelho de Próspero, citada por Figueiredo Monteiro (2006), destacamos a ressalva feita por Candido na apresentação da obra: “terminada a leitura, cada um verá que raras vezes tomou conhecimento de uma visão tão inspiradora e original das relações entre a face anglo-saxônica e a face ibérica do Novo Mundo” (MORSE, 1988, p. 9). Portanto, torna-se fundamental, após a apresentação de Ariel, repensar as palavras de Rodó e numa mirada geral de conjuntura, reavaliar se sua obra tem ou não valor atual, se nossa América virou um espelho americano do norte ou não, sem esquecermos que Rodó foi um homem do século XIX.

Considera-se Ariel uma resposta intelectual ao que propunham os Estados Unidos da América através daquilo que Rodó denominou *utilitarismo*, uma vez que o continente já se encontrava fascinado por tudo que vinha do “mais ao norte” e a *nordomania* já tomava conta *del pueblo*, influenciado pela democracia positivista, como escrevia o mexicano José María Luis Mora (1794-1850):

El argentino, como sus pares a lo largo de la América Latina se empeñaba en alcanzar lo que éste llamava ‘emancipación mental’. Lograda la emancipación frente al poder político de la Colonia, necesario era dar el segundo paso, la emancipación del espíritu, frente a hábitos y costumbres que ésta había impuesto a los americanos”(ZEA, 1980, p. X).

Juan Bautista AlberdÍ (1810-1884) já questionava, antes ainda de Rodó, a respeito da influência externa:

En nuestros planes de instrucción debemos huir de los sofistas, que hacen demagogos, y del monarquismo, que hace esclavos y caracteres disimulados. ¡Que el clero se eduque a sí mismo, pero no se encargue de formar a nuestros abogados y estadistas, a nuestros negociantes, marineros y guerreros. ¿Podrá el clero dar a nuestra juventud los instintos mercantiles e industriales que deben distinguir al hombre de Sudamérica? ¿Sacará de sus manos esa fiebre de actividad de actividad y de empresas que no haga ser el *yankee hispanoamericano*? (ZEA, op. cit., p. X).

Dois anos depois da publicação de Ariel, o mexicano Justo Sierra (1848-1912) afirmava ser importante “educar” o povo mexicano, para que este soubesse enfrentar as novas influências providas do colonialismo: “México ha tenido dos revoluciones – decia - : la de independencia y la reforma”. (ZEA, op. cit. p. IX). Reforçava Sierra, ainda, que “esta segunda revolución fue determinada por la invasión americana que demostró la impotencia de las clases privilegiadas para salvar a la patria y la inconsistencia de un organismo que apenas si podía llamarse nación” (ZEA, op. cit., p. IX).

Criar um sistema de resistência contra tudo aquilo que vinha da Águia americana era condição *sine qua non* para o latino-americanos, especialmente para aquele que tinha a condição de vizinho permanente dos Estados Unidos.

Entretanto, vindo de encontro ao que pensavam o argentino e o mexicano, outro argentino, Domingos Faustino Sarmiento (1811-1888), se posicionava justamente contra o que diziam seus colegas latinos, pois, em sua opinião, os homens da América deveriam se incorporar ao progresso que acontecia e movimentava o mundo. Simpatizante dos americanos, Sarmiento afirmava que os latinos deveriam ser como “la poderosa nación al norte de la América, ser como los Estados Unidos” (ZEA, 1980, p. X). E continua

La América del Sur se queda atrás y perderá su misión providencial de sucursal de la civilización moderna. No detengamos a los Estados Unidos en su marcha; es lo que en definitiva proponen algunos. Alcancemos a los Estados Unidos. Seamos la América, como el mar es el Océano. Seamos Estados Unidos (ZEA, op. cit., p. X).

Ao ler o pensamento de Sarmiento, Rodó pode ter se decepcionado. Entretanto, se lembrarmos do que afirmou Alberdí em meados de 1850, meio século significa um período muito curto de tempo para se esperar alguma mudança, seja no quadro social, seja no quadro político. Naquele momento, o expansionismo americano parecia claro e natural, especialmente depois daquele país vencer a Espanha na guerra de 1898. Tal expansionismo procurava estender as fronteiras, preferencialmente rumo ao Caribe e ao próprio sul do continente, com o objetivo de determinar a sua hegemonia, orientado por ideologias como a do *destino manifesto*⁶¹ ou da Doutrina Monroe⁶².

⁶¹ Segundo H.C. Allen, “jamais se esclareceu bem a exata extensão desse destino (que, realmente, foi muitas vezes obscurecido nos arroubos da oratória), mas quase invariavelmente abrangia a expansão dos Estados Unidos até pelo menos suas atuais fronteiras e, frequentemente, transbordou por todo o Hemisfério. O jornalista americano John L O’Sullivan escreveu na edição de julho/agosto de 1845, da revista *Democratic Review*, “Nosso destino manifesto é de expandir pelo continente cedido pela Providência, para o livre desenvolvimento dos nossos milhões multiplicando-se anualmente (...) Os Estados Unidos possuem direito ao Território de Oregon, e esta reivindicação é por direito de nosso destino manifesto, de expandir e possuir todo o continente, sob a qual

O quadro político-social se caracterizava de tal forma tão negativo que produzia na intelectualidade ativa, além da decepção, um profundo desânimo naqueles que sonhavam e idealizavam uma América diferente e autônoma, uma vez que o destino, aos seus olhos, ameaçava torná-los um simples seguimento do “irmão” *yankee*.

Diante do que se expõe, a crítica apresentada por José Enrique Rodó em *Ariel* atingiria um alvo mais complexo, ou seja, pretendia minar as bases em que estavam solidificadas a cultura norte americana, que se enraizava a partir da sociedade anglo-saxônica, antagonicamente ao que se tinha no continente latino-americano. Assim, “resgatar o passado e o legado latino desta América frente às ameaças de sua saxonização” (CARVALHO, 1998, p. 9), passava a ser o grande propósito de Rodó.

No entanto, verifica-se que Rodó, ou seu ensaio *Ariel*, não era a bússola guia para uma América livre, muito menos uma unanimidade, uma vez que o continente vivia seus conflitos internos e desejava olhar para fora de seu próprio umbigo. Nesse momento, o mundo girava em suas descobertas e vivia sob a luz da ciência:

desde el gramófono y el cinematógrafo hasta el motor de explosión, el dirigible y los Rayos X. El desarrollo de las comunicaciones (la linotipia, la telegrafía sin hilos, las redes ferroviarias o la navegación a vapor) permitía una rápida circulación de las ideas, las mercancías y de los viajeros. Como reacción contra el fortalecimiento del capitalismo y de la burguesía, también empezaban a internacionalizarse el pensamiento anarquista y el socialismo, las reivindicaciones del proletariado y las manifestaciones feministas (CASTRO MORALES, 2010, p. 1).

Com todas e tantas novidades, os latino-americanos buscavam a inovação, ou a renovação de seu próprio “ar”, fosse na América do Norte, fosse nas raízes européias, provocando, conseqüentemente, o questionamento daqueles que viam, ao lado de Rodó, o que acontecia.

a Providência deu a nós para o desenvolvimento do grande experimento da liberdade e do governo federal intitulado a nós. [...] O futuro ilimitado e infinito sera a era da grandeza americana. (GOMES/MOURA/MIRANDA, 1975, P. 311).

⁶² A doutrina Monroe pregava a “América para os americanos”. O continente americano deveria ser livre de qualquer colonização européia, e livre de qualquer interferência européia em assuntos nacionais. Afirmava, ainda, a intenção dos Estados Unidos em permanecer neutro em guerras na Europa, mas dizia que quaisquer novas colônias no continente, ou interferência em países independentes, seria considerada atos de guerra contra os Estados Unidos.

Assim o faz o peruano José de la Riva-Aguero, quando afirma:

Francamente, si la sinceridad de Rodó no se transparentara en cada una de sus páginas, era de sospechar que Ariel esconde una intención secreta, una sangrienta burla, un sarcasmo acerbo y mortal. Proponer la Grecia antigua como modelo para una raza contaminada con el híbrido mestizaje con indios y negros; hablarle de recreo y juego libre de la fantasía a una raza que si sucumbe será por una espantosa frivolidad; celebrar el ocio clásico antes una raza que se muere de pereza... (AZÚA, 1998, p. XXVI).

Fazendo uso da crítica ao pensamento rodoniano, o uruguayo Francisco García Calderón, dizia

Parece [...] prematura en naciones donde rodea a la capital estrecho núcleo de civilización, una vasta zona semibárbara. ¿Cómo fundar la verdadera democracia, la libre selección de capacidades, cuando domina el caciquismo y se perpetúan, sobre la multitud analfabeta, las viejas tiranías feudales? Rodó aconseja el ocio clásico en repúblicas amenazadas por una abundante burocracia el reposo consagrado a la alta cultura cuando la tierra solicita todos los esfuerzos, y de la conquista de la riqueza nace un brillante materialismo. Su misma compañía liberal, enemiga del estrecho dogmatismo, parece extraña en naciones abrumadas por una sola herencia católica y jacobina (AZÚA, 1998, p. XXVI, XXVII).

Certamente que a produção de Ariel representou a manifestação de um determinado grupo intelectual frente ao que acontecia à América como um todo, em especial aquele todo abaixo da linha do Equador. O próprio Uruguai vivia a efervescência das manifestações populares tanto no campo político, quanto no campo cultural. No campo literário, por exemplo, os temas nacionais surgiam nas poesias de caráter patriótico, católico e romântico de escritores como Zorrilla de San Martín, enquanto a prosa ficava sob o realismo histórico e documental de Acevedo Díaz. Questionava-se não somente naquele espaço de manifestação uruguaio, mas em toda a América Latina a respeito das consequências do poder imperialista norte-americano e o quanto ele envolveria as nações incipientes.

Com Ariel, Rodó oferece ao leitor latino-americano, ao longo das últimas gerações, o que ele desejou ler, ou, ainda, escutar, como afirma Azúa (1998): “Ofrecía a la ya ulcerada sensibilidad colectiva de nuestras naciones argumentos que sonaron más sólidos de lo que han solido hacerlo muchas diatribas más contundentes”⁶³ (AZÚA, op.cit. p. XXVIII).

⁶³ Relevante publicar um depoimento, considerado por Azúa como inédito, sobre o que um cidadão americano pensava a respeito do ensaio Ariel: “Entre los papeles de Rodó se conserva una carta firmada por el entusiasta jingoísta que se escondía bajo el paradójico nombre de Aurélio Cotta: Como ciudadano de los Estados Unidos,

Se foi combatido ou não, Rodó procurou fixar em sua obra a responsabilidade que extrapolou a juventude. Atingiu os intelectuais, com certeza, mas também atingiu os trabalhadores, os estudantes, as donas de casa, o homem comum, que desejou um continente livre das influências externas. No entanto, o continente é extenso e cada país tem as suas próprias características, o que é compreensível, pois cada ser humano também assim o é.

Se houve uma corrente arielista, seja ela de direita, seja ela de esquerda, antes de tudo era composta por intelectuais com “supuestos culturales y comportamientos irremisiblemente ‘tradicionales’ que desde el lejano novicientos hasta nuestros días habría mantenido la hegemonia del prestigio y de la influencia intelectuales con nefastos resultados para las sociedades que se las otorgan” (AZÚA, 1998, p. XXVIII).

Contudo, foi de intelectuais interessados em saber mais a respeito do que se fazia numa América distante que Rodó se valeu para distribuir seu ensaio, como o jornalista e diplomata venezuelano César Zumeta, a quem enviou sua obra com o seguinte comentário:

Teniendo yo la pasión, el culto de la confraternidad intelectual entre los hombres de América, le envío un ejemplar de un libro mío que acaba de salir de la imprenta. Es, como Ud. verá, algo parecido a una manifiesto dirigido a la juventud de nuestra América sobre ideas morales y sociológicas. Me refiero en la última parte a la influencia norteamericana. Yo quisiera que este trabajo mío fuera punto inicial de una propaganda que cundiera entre los intelectuales de América. Defiendo ahí todo lo que debe sernos querido como latino-americanos y como intelectuales... (AZÚA, op. cit., p. XXI).

Certamente por isso surgem questionamentos como os de José de la Riva-Aguero e Francisco García Calderón, este último, como afirma Benedetti (1991), um dos muitos intelectuais que disputaram o direito de escrever sobre Ariel, entre outros. Entretanto, isso não diminui a obra, uma vez que tais questionamentos e dúvidas surgiam como elementos contraditórios ao que pregava o próprio Rodó, tornando-o, conseqüentemente, uma referência para o leitor.

no puedo callar ante las apreciaciones que sobre mi país há formulado Ud. En las páginas de su folleto ‘Ariel’. Cuando la guerra de España tuvimos ocasión de mostrar a todas las naciones de Europa y Sudamérica que éramos la primera potencia marítima, después de haber probado en torneos y exposiciones que éramos la primera potencia comercial e industrial de los tiempos modernos. Llegado el caso, también probaremos que somos, por el cultivo de las letras y las bellas artes, una nueva Atenas. Sus apreciaciones sobre los norteamericanos son más literarias y declamatorias que fundadas y verdaderas. Ellas están conformes con el espíritu levantisco y engreído de su raza. A Uds. no les queda más que la soberbia de los grandes venidos a menos. Constituyen una raza en decadencia y están llamados a desaparecer en plazo no muy lejano. En cambio, nosotros somos la raza del porvenir. Con nosotros concluirá el mundo... (de 25 de junio de 1900, en Archivo de Rodó, cit.). (AZÚA, op.cit. p. XXXV).

Pedro Henrique Ureña, dez anos após a publicação de Ariel, defende o ensaio rodoniano, comentando: “Ariel es la más poderosa voz de verdad, de ideal, de fe, dirigida a la América en los últimos años” (BENEDETTI, 1991), muito embora Ureña também estivesse de acordo que a nordomania rodoniana nada mais fora que uma “mera aplicação” de sua resistência ao utilitarismo. Em tempo, Ardão reforçava que “Ariel es un diálogo del autor con sus demonios interiores” (BENEDETTI, 1991), sendo um deles o dilema entre o fato de admirar versus não amar, tão questionado na obra Ariel.

A nordomania foi inevitável, uma vez que sua intenção era a de dominar, como uma praga, todas as regiões do planeta. Assim, lembra Benedetti (1991), veio a Coca Cola e a Reader’s Digest, o leão da Metro, os atentados kukluxkônicos, o tecnicolor e as discriminações raciais, o *sex-appeal*, o macartismo, a televisão e as batidas policiais à *la Swat*.

Fazendo uso das palavras de Pedro Henríquez Ureña, Benedetti (1991) sintetiza em duas palavras o resumo de tudo isso: Futuro fenício. Assim, vale salientar que depois de Bolívar, a voz rodoniana: “Debe haber sido la más tenaz en señalar la común raíz de estos pueblos, la más optimista en reclamar una solidaridad latinoamericana frente (y no junto) al gigante del Norte” (BENEDETTI, 1991, p. 147-8).

VI – A RECEPÇÃO E AS INFLUÊNCIAS QUE AS OBRAS ARIEL E BOLIVAR PRODUZIRAM NA INTELLECTUALIDADE LATINO-AMERICANA

Verificar como os intelectuais modernos receberam e utilizaram o discurso rodoniano, ou o discurso do pernambucano Sílvio Júlio, é o caminho que se pretende observar neste trabalho, posto que, publicada a obra literária, esse discurso é adotado de maneira livre pelo interlocutor. As obras Ariel ou Bolívar, enquanto representações simbólicas dos países latino-americanos, ou, em certos momentos, de seus governos, tem sido utilizadas como justificativa para se lutar, de maneira constante e permanente, contra aqueles países que sempre foram ou assumiram a condição de colonizadores.

Podem, ainda, ser utilizadas, como elementos simbólicos que justificariam a barganha de interesses menores a partir da condição de países colonizados frente a esses mesmos países dominantes. Diante desse contexto, redefinir o discurso é um passo fundamental no fortalecimento identitário, caso contrário, este mesmo discurso tornar-se-á antigo e obsoleto.

Jauss (1994) relembra que assim como na literatura e na arte em si, o centro de tudo deve ser o leitor do texto literário; conseqüentemente, a leitura é vista como um fenômeno social calcado na interação leitor versus obra, exigindo nesse processo recepcional, também, uma relação intelectual, sensorial e emotiva com esta obra. Tal relação causa nesse leitor um sentimento de emancipação, uma vez que tal experiência estética provoca, antes de tudo, uma libertação de seus constrangimentos e da sua rotina cotidiana; estabelece certo distanciamento entre ele e a própria realidade, que é convertida em espetáculo; pode, ainda, preceder a experiência, o que implicaria na incorporação da vida prática, e, por fim, como lembra Zilberman (2009), “é, concomitantemente antecipação utópica, quando projeta vivências

futuras, e reconhecimento retrospectivo, ao preservar o passado e permitir a redescoberta de acontecimentos enterrados”.

Ao longo dos anos Ariel assumiu, ao mesmo tempo, essas duas condições lembradas por Zilberman: de um lado, a obra máxima que até hoje causa, evoca e provoca um ideal, um *norte* de luta contra o atualíssimo utilitarismo norte-americano⁶⁴, ou, ainda, contra os países colonizadores daqueles situados no continente hispano-americano; de outro, sugere a grande dúvida se merece, depois de todo esse processo de globalização implementado especialmente pelos Estados Unidos da América, voltar a ser considerado e debatido, uma vez que o ideário rodoniano é/era utópico, quicá por não haver um líder fisicamente presente, como havia sido o próprio Simon Bolívar.

No que diz respeito à obra Bolívar, a leitura a ser realizada deve ser diferente de Ariel, pelas seguintes razões: primeiro, enquanto produção literária, Bolívar, que teve sua primeira edição em 1931, e a última em 1981, não chamou a atenção dos curiosos, tão pouco dos críticos; e o tema, pelo menos aos olhos da Letras, esteve sempre distante. Quando ocorre a primeira publicação, o país passava pela Era Vargas e enfrentava suas próprias mazelas e revoluções internas; segundo, porque a própria personagem não despertava interesse, fosse junto ao povo, que nacionalmente já elegia seus heróis - que iam de Caxias a Luís Carlos

⁶⁴ Segundo o escritor e historiador Mário Benedetti, muito se falou da “cegueira” que carregava seu conterrâneo José Enrique Rodó a respeito do imperialismo norte-americano, entretanto, o próprio Benedetti, em sua obra Rodo, el pionero que quedo atras (1991) apresenta um artigo de Rodó, segundo Benedetti não incluído em nenhuma edição de obra completa rodoniana, publicado em 4 de agosto de 1915, no periódico *El Telégrafo*, ano, inclusive, no qual os Estados Unidos haviam proposto à consideração dos representantes diplomáticos de nações latino-americanas, a realização de uma ação continental conjunta para intervir na situação vivida naquele momento pelo México, ou seja, a Revolução Mexicana, e procurar uma solução para o que acontecia naquele país. Com um pensamento reflexivo, dizia Rodó: “En principio, toda intervención extranjera en asuntos internos de un estado soberano, máxime cuando estos asuntos no tienen complicaciones de hecho que hieran directamente las inmunidades o la dignidad de otros Estados, debe excluirse y repudiarse con resuelta energía, haciendo de esa exclusión uno de los fundamentos esenciales de toda política internacional americana. Aceptar transacciones o condescendencias en la aplicación de ese principio, **significaria un gravísimo precedente** (grifo nosso), que, más que a nadie, debería alarmar a las naciones de escasa extensión territorial, condenadas – si ese criterio quedase autorizado –, a la afrenta de las intervenciones de afuera, siempre que la apreciación, justa o injusta, de sus vecinos poderosos creyera llegada la oportunidad de inmiscuirse en sus querellas internas. La política internacional de los Estados Unidos del Norte tiene antecedentes conocidos, en cuanto a su injerencia en las cuestiones domésticas de los pueblos de este Continente. El propósito de intervención que ahora se insinúa, resultaría en cualquier caso lógico y consecuente con esa orientación histórica de la política norteamericana, pero para los demás pueblos del Nuevo Mundo – consultados con córtés oficiosidad – se presenta la ocasión de resolver si les toca cooperar, directa o indirectamente, al desenvolvimiento de una norma internacional que tienda a establecer, en América, algo como una tutela protectora y filantrópica de los fuertes y ordenados sobre los débiles y revoltosos. Que, valida de la superioridad de su fuerza, la poderosa nación del Norte haya efectuado sus intervenciones descascaradas, como en Cuba y Panamá, y ejerza una intervención constante y encubierta en los negocios públicos de otros Estados hispanoamericanos, es cosa que nos constituye gran baldón para las demás repúblicas del Continente, si se considera que nos les es exigible con justicia una acción internacional proporcionada a los medios y recursos de su enorme vecino. Pero que todo eso vaya a continuar y completarse con el asentamiento expreso y la colaboración complaciente de los propios pueblos de la América Latina, es una aberración que jamás podría disculparse y contra la cual deben prevenirse seriamente los gobiernos consultados para dar forma al propósito interventor de que se habla” (BENEDETTI, 1991, 151-153).

Prestes, passando pelo próprio Getúlio Vargas, fosse junto aos intelectuais; terceiro, porque a obra deve ser vista, também, a partir dos olhos da biografia histórica, que pela produção sobre *el Libertador*, ajudou, até hoje, a transformar e reforçar Bolívar em um herói transnacional, ou seja, aquele ser humano que, opondo-se àquela concepção positivista baseada no princípio da necessidade, é valorizado, especialmente pelos historiadores, por sua capacidade de criação e potencial de realização, quer dizer, “não era todo homem que mereceria receber uma atenção particular, somente aquele que faz história” (LORIGA, 1998, p. 233).

Registra-se, dessa forma, que no campo acadêmico, somente as áreas da História e da Antropologia dedicaram algum espaço à biografia e às andanças de Simón Bolívar pelas questões políticas e sociológicas que a sua figura projetou ao longo da história latino-americana.

Então, é esse *voltar* que a teoria de Jauss nos permite quando ambas as obras nos possibilitam olhar para o passado – tenham elas uma figura heróica ou não – até o momento preservado e redescobri-lo, resgatando-o, especialmente através da interpretação do efeito que causaram na figura do leitor de hoje, esteja ele influenciado pela comparação entre o “familiar e o novo, entre o próximo e distante” (BORDINI & AGUIAR, 1993), esteja ele influenciado pelo aspecto social estético ou ideológico.

Ao realizar esse retorno, ao se colocar diante de uma das obras em estudo, ou qualquer outra, o leitor não deve analisá-las como “um objeto que exista por si só, oferecendo a cada observador em cada época um mesmo aspecto” (JAUSS, 1994, p. 25), pois, embora tenham surgido dentro de um determinado contexto histórico, essas obras podem representar, ou, ainda, significar um acontecimento literário somente para o seu próprio leitor, uma vez que somente este estará apto a realizar as devidas comparações através do seu horizonte retrospectivo, tendo nas lembranças as obras lidas anteriormente, desse ou daquele autor.

Voltando a Ariel, o contexto no qual a obra surge tinha um significado que ia muito além da própria visão de seu autor, pois significava uma indagação, talvez uma provocação, ao povo e ao leitor, especificamente, para que reagisse frente ao que acontecia na América hispânica: a ascensão cada vez mais sólida dos Estados Unidos da América.

Assim, recordando a posição do leitor frente à obra literária e sua condição de modificador da sociedade, Benedetti (1991) recorda as palavras do poeta e diplomata mexicano Alfonso Reyes a respeito do papel da obra rodoniana, enfatizando ser este um dos primeiros a reconhecer a importância do chamado em Ariel:

No sé si os asombrará lo que os digo: pero hubo un día en que mi México pareció – para las conciencias de los jóvenes – un don inmediato que los cielos le habían hecho a la tierra, un país brotado de súbito entre dos mares y dos ríos: sin deudas con el ayer ni compromisos con el mañana. Se nos disimulaba el sentido de las experiencias del pasado, y no se nos dejaba aprender el provechoso temor del porvenir. Toda noticia de nuestra verdadera posición ante el mundo se consideraba indiscreta. Por miedo al contagio, se nos alejaba de ciertas ‘pequeñas repúblicas revolucionarias’. ¡Y teníamos un concepto estático de la patria, y desconocíamos los horrores que nos amenazaban, sólo para que gimiéramos más el día del llanto! Y creíamos – se nos quería hacer creer - que hay hombres inmortales, en cuyas generosas rodillas podían dormirse los destinos del pueblo. Y entonces la primera lectura de Rodó⁶⁵ nos hizo comprender a algunos que hay una misión solidaria en los pueblos, y que nosotros dependíamos de todos los que dependían de nosotros. A él, en un despertar de la conciencia, debemos algunos la noción exacta de la fraternidad americana. ¡Y hasta por estar a mil leguas de las mecánicas preocupaciones políticas era más exacta esa noción! Hasta por desentenderse de toda esa andamiada jurídica del panamericanismo, y fundarse sólo en un impulso de colaboración superior que dicta el sentimiento y que la razón corrobora. Porque son una gran mentira todos esos centros de propaganda, todos esos congresos parlantes, todas esas tramas diplomáticas. Porque la fraternidad americana no debe ser más que una realidad espiritual, entendida e impulsada de pocos, y comunicaba de ahí a las gentes como una descarga de viento: como un alma” (BENEDETTI, 1991, p. 148-9).

Se através do processo de leitura o leitor sentir-se motivado a ir além de seu horizonte de expectativa, como o fez Alfonso Reyes, está completado o ciclo esperado pela obra no sentido de a mesma ser um instrumento de ação e modificação do meio, do sistema em que o leitor está inserido. Nesse sentido, reforça Jauss (1972) que “a obra de arte não deve ser compreendida mais como uma substância atemporal, e sim como uma totalidade que se constrói historicamente”, ou seja, que esse deve ser o caminho adotado pelo leitor para encontrar as perguntas e respostas sugeridas essa obra em discussão.

O princípio e a lógica da pergunta e da resposta adotado por Jauss é a sua principal arma teórica por esta possibilitar a explicitação do processo de interpretação dos textos, auxiliando o crítico “a compreender o diálogo entre esse texto e sua época e entre o texto do passado e o leitor do presente” (ZILBERMAN, 2009, p. 63), interligando os horizontes. Somado a isso, corrobora Jauss, “só se pode entender um texto quando se compreendeu a própria pergunta para a qual ele constitui uma resposta” (JAUSS, 1994, p. 37), levando este leitor a concluir que sua participação nesse processo torna-se fundamental, uma vez que ele passa a ter um juízo estético-literário, neste caso, definido por Jauss como “juízo dos séculos”,

⁶⁵ Grifo nosso.

por este acercar todo o desdobramento de um potencial sentido virtualmente presente na obra, historicamente atualizado em sua recepção e concretizado na história do efeito.

Dessa forma, tanto Ariel quanto Bolívar assume uma condição de ferramenta bastante significativa para o seu leitor e potencial articulador de massas.

No caso de Ariel, repetia Pedro Enrique Ureña (1998) que

pese a los que creen imposible hallar ideas donde hay estilo – como si el gran estilo no exigiera, precisamente, ejercicio de pensar, como si los grandes pensamientos de la humanidad se hubieran expresado siempre en la prosa incorrecta de Comte e en la enmarañada de Krause, y no más bien en la pintoresca de Bacon, en la ágil de Descartes, en la perfecta de Platón, ‘el maestro de la prosa griega y acaso el maestro supremo de la prosa en la humanidad’, según la expresión de Gilbert Murria –, pese a toda incomprensión, Ariel es la más poderosa voz de verdad, de ideal, de fe, dirigida a la América en los últimos años (UREÑA, 1998, 226).

Ou, como recorda Azúa (1998), a infindável legião de fãs-leitores de Ariel, que fascinados pela proposta rodoniana, formava uma corrente de “apostoles laterales, los arrebatados lectores entregados a su difusión, conocimiento y encomio como a un servicio de verdad y vida”, ratificando uma das propostas da teoria recepcional, na qual a obra

conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculada, ao qual se pode, então – e não antes disso – colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores (JAUSS, 1994, p. 28).

Quanto à manutenção da imagem de Bolívar no contexto social hispano-americana não é diferente. Embora seu leitor não tenha a imagem física do mito, encontra-o na obra – na sua história – na literatura regularmente alimentada. Muito mais forte que isso, esse concidadão, especialmente o venezuelano, tem a imagem acústica desse *Ser*, que é alimentada por instrumentos como a propaganda do próprio Estado.

Como recorda Mora Pascual (2002),

Como quiera que sea, la noción de Bolívar imaginario social ha construido un tiempo antropológico para el venezolano; si los griegos tienen el tiempo antropológico signado por Homero; si los judíos tienen el tiempo antropológico signado por Abraham; los venezolanos tenemos el tiempo antropológico signado por Bolívar. Bolívar, devenido en imaginario político, deambula en una performatividad de saberes. El Bolívar imaginario político habla el lenguaje del postmodernismo, no tiene fronteras ni limitaciones; todo le está permitido (MORA PASCUAL, 2002, p. 106).

Ao ter contato com a obra de arte, literária ou não, seja na condição de *leitor implícito*, deixando-se levar pelos efeitos e características da obra, ou até de uma imagem que não se conheceu, mas da qual sempre se ouviu falar, como vimos no caso de Bolívar, seja como um *leitor explícito*, cuja recepção é condicionada por este, que contribui com a experiência adquirida ao longo de sua existência, pelas condições subjetivas e condicionamentos sociais, dando vida à obra, o resultado será apenas um, ou seja, a *concretização* do sentido sugerido por essa obra.

No caso de Simón Bolívar, por exemplo, de certa maneira independe a condição ou o tipo de leitor atual para se efetivar a concretização da “obra”, já que a lembrança do mito é recorrente de todas as formas naqueles que intentam resgatar o nome *del Libertador* para fins acadêmicos, ou não. Na atualidade, ressalta-se a figura de Hugo Rafael Chávez Frias, atual presidente da Venezuela, para quem Bolívar assume a máscara de um “héroe salvador que le devuelve la soberanía popular, es el héroe que le da mercados a precios solidarios, es el héroe que le crea una universidad para todos, es el héroe que alimenta la esperanza del pobre y del que sufre” (MORA-GARCIA, 2006, p. 84).

Além disso, reforça Mora-Garcia que

El Bolívar imaginario social de alguna manera ha sido alimentado por la extensa bibliografía que se teje alrededor del culto bolivariano; por eso ingresa a la memoria del niño casi al nacer y se perpetúa durante toda su existencia. En ese sentido decimos que Bolívar está sembrado en el zócalo de memoria venezolana; por eso ‘no quedó enterrado en su tumba, sino sembrado en toda la tierra (MORA-GARCIA, 2005, p. 3).

Na relação texto-obra literária versus leitor o analista precisa estar atento ao que propõe o documento a sua frente, uma vez que se buscará a resposta à pergunta realizada no caminho desta análise. Compreender e interpretar faz parte da hermenêutica literária para se chegar ao “como” esse documento foi aplicado no processo histórico e como foi percebido ao longo do tempo. Tal processo faz “com que o texto, até então mudo, volte a falar, ou seja, resgata o diálogo original a que ele se propunha” (ZILBERMAN, 2009, p. 68).

No caso venezuelano, fazendo uso inteligente da imagem que vale como “obra de arte”, o presidente Hugo Chávez Frias, atualmente, emprega o recurso da força do imaginário para convencer o seu leitor-eleitor de que a figura bolivariana significa mais que o simples símbolo de *venezolaneidad*; A “obra” está impregnada nos hábitos, nas tradições, na comidas e bebidas, na vida e na morte, no ódio e no amor do próprio povo. Há resposta a esse chamamento, porque esse ouvinte, talvez cansado de seu processo histórico, consegue

enxergar a pergunta proposta pela obra em questão, e a exemplo de outras situações, o texto dialoga com o leitor porque este levará em conta as suas referências pessoais para entendê-la, ou aceitá-la, e será sob a ótica dessas ordens, quais sejam: social, ideológica, lingüística e literária, constitutivas de seu horizonte de expectativa, que ele compreenderá ou, ainda, será conduzido por essa obra.

Essa relação entre leitor versus obra, esse diálogo, ocorre ainda porque há uma assimetria inicial entre ambos que se altera no decorrer do processo de análise, podendo aproximá-los ou afastá-los; entretanto, é nesse espaço, nesse vácuo relacional entre os protagonistas motivadores do processo de leitura e/ou interpretação da obra de arte, que acontecem os momentos de reconhecimentos, de troca entre ambos, produzindo nesse espaço a fusão da recepção, ou seja, a atualização da obra em si, percebida, então, a partir dos olhos da Estética da Recepção, como o momento de compatibilidade das possíveis interpretações, do possível momento do encontro das respostas às perguntas iniciais.

Talvez por essa razão, David Bushnell⁶⁶, por exemplo, afirme em seu artigo *Simón Bolívar en la literatura histórica norteamericana* (2003), que

El tema de la independencia hispanoamericana y con él la consideración de la vida y obra del Libertador Simón Bolívar ha llamado necesariamente la atención de los historiadores latinoamericanistas en Estados Unidos, pero la atención ha sido desigual a través de los años y hasta con tendencia a la baja (BUSHNELL, 2003, 259).

Ou seja, é um momento no qual se percebe a necessidade de cruzamento da linha de fronteira entre a simples e curiosa atração versus a necessidade de se pesquisar a personagem Bolívar.

O que ainda se deve cuidar nessa análise é a forma recepcional dessa(s) obra(s) a partir da perspectiva americanizada, que virá carregada da percepção dominadora e/ou dominante, fato recorrente na leitura europeizante, por exemplo; entretanto, isso é algo ao qual o leitor latino-americano deverá estar atento.

Bushnell comenta, no artigo citado acima, que em um congresso organizado pela *Academia Nacional de la Historia de Venezuela*, em 1983, de seis comunicações de historiadores norte-americanos, duas eram sobre o México, duas sobre o vice-reinado da Nova Espanha, e as demais restantes tinham a ver com a Venezuela, de fato, enfocando uma delas o período pós-independência. Compreende-se, portanto, que nenhum dos trabalhos estava

⁶⁶ Professor emérito da Universidade da Florida – EUA.

preocupado com as ameaças que hoje, vinte e sete anos depois, atormentam não somente os próprios venezuelanos, mas a América como um todo.

Apesar da leitura a partir dos olhos norte-americanos, Bushnell afirma que “sea como fuere la extensión con que se trata al Libertador, la visión que ofrecen los textos es sin excepción positiva, a pesar de las reservas expresas o implícitas que en la mayoría de los casos se notan con respecto a ciertas acciones o actitudes del héroe” (BUSHNELL, 2003, p. 264).

O papel do texto – ou da obra de arte em si – é fundamental no processo recepcional, uma vez que será o elemento que abrirá caminhos para este leitor que chega e desconhece o objeto a ser lido, a ser pesquisado. Por essa razão, talvez, ocorra a estranheza do pesquisador americano. Aquele mundo ainda era estranho. Na construção dessa relação faz-se relevante a inclusão de espaços nos quais o interesse e a criatividade do leitor devam ser não só explorados como estarem abertos às novas fronteiras, pois será nesse espaço que o leitor será estimulado ao ato do conhecer e descobrir.

De maneira específica, no caso de Bolívar, por este ter assumido a condição de figura emblemática, praticamente não houve ou há opinião contrária ao *Libertador*, ao mito, ao longo do tempo. O que se observa é o uso de sua imagem ou discurso como ferramenta de manobra da população, ou parte dela, por mal intencionados, ditos representantes dos próprios camponeses, por uma determinada representação das forças armadas, além do próprio líder atual venezuelano, a exemplo do discurso realizado na Sexagésima Assembléia Geral das Nações Unidas, em 15 de setembro de 2005, quando afirmou:

nós lutaremos pela Venezuela, pela integração latino-americana e pelo mundo. Reafirmamos aqui nesse salão, nossa infinita fé no homem, hoje sedento de paz e de justiça para sobreviver como espécie. Simón Bolívar, pai de nossa pátria e guia de nossa revolução, jurou não dar descanso a seu braço, nem repouso a sua alma, até ver a América livre. Não demos nós descanso a nossos braços, nem repouso a nossas almas até salvar a humanidade (CHÁVEZ, 15 de setembro de 2005).

Dessa forma, nos dias atuais, o processo recepcional bolivariano é praticamente imposto por aquele que domina a informação e tem o poder, legitimando a permanente renovação não somente da imagem, mas também do pensamento de Bolívar, transformando-o “en héroe para todas las causas”, como define Harwich (2003). A partir desse ponto de vista, pode-ser afirmar que o leitor assume uma posição de contemplador do que acontece, sendo um partícipe conduzido pelo contexto, uma vez que a personagem, apesar de imaginário, vive

e continua a enfrentar momentos de conflitos próprios da vida humana, fato que aproxima este leitor.

Na concepção do leitor e daquele que dele faz uso, Bolívar não cometeu erros, o que o torna um ser exaltado, aclamado, divinizado. Ao longo da existência do mito, constrói-se sua imagem considerando o intenso diálogo entre essa figura e seus feitos, sempre positivos e imaculados; destacando as demasiadas circunstâncias históricas nas quais se envolveu, extirpando de sua biografia todas aquelas em que possa ser visto como um possível traidor seja do amigo mais íntimo, seja da Pátria, como lembrou Marx.

A multiplicidade de vozes que repetiram tais feitos ao longo dos anos, assimilando-os no imaginário coletivo continua a ser produzida dentro e fora da América Latina, o que chega a contrariar, até certo ponto, o desejo particular de Bolívar de ver queimado todo e qualquer documento sobre si, como consta na cláusula de número nove de seu testamento (KONIG & KUSCHE, 1994 p. 696.).

VII – ARIEL E BOLIVAR – O primeiro cinquentenário do século XX

A literatura é feita por histórias⁶⁷

*America, to cheer us, looks on us from afar.
Her fire ring of republics. Was lit by Bolívar⁶⁸.*

Neste capítulo, a proposta é apresentar os autores que durante os primeiros cinquenta anos do século XX fizeram uso das obras Ariel e Bolívar para entender, compreender e traduzir a América Latina.

Ariel, de Rodó, é obra recorrente aos olhos do pesquisador latino-americano, visto que suas linhas anteciparam o que, futuramente, veio a ocorrer abaixo da linha do Equador, como, por exemplo, a solidificação do poder norte-americano por estas bandas e a expansão de seus tentáculos por todo o mundo.

No caso de Bolívar, deve-se lembrar que Sílvio Júlio não alcançou, nem de longe, a fama obtida pelo autor de Ariel, contudo, procurou deixar seu registro a respeito daquele homem considerado mito não somente pela intelectualidade letrada, mas, especialmente pelo povo hispano-americano.

Antes, porém, devemos relembrar o diálogo que sempre existiu entre *história* e *literatura* na tentativa de compreender e explicar o processo de formação do homem, consequentemente sua condição de *ser* no mundo, bem como contribuíram, ambas, na construção e reconstrução da memória.

⁶⁷ Opinião do autor.

⁶⁸ “Poucos dias antes de morrer, o médico de Bolívar leu a ele um trecho de uma canção publicada em um jornal francês” (LUDWIG, 1942, p. 356).

Com o passar do tempo e a consciência desse “poder fazer”, segundo Maestri (2002), foi a tomada de consciência do ser humano a respeito de sua existência na sociedade que provocou a separação das referidas disciplinas no campo do saber, surgindo, então, as diferenças, as singularidades e suas respectivas especialidades. O pesquisador, ao colocar sua lupa sobre o processo histórico latino-americano, encontrará, fatalmente, essa relação interdisciplinar, esse dialogismo presente no processo narrativo, uma vez que ambas as disciplinas se encontram e se completam, muitas vezes, no campo da prosa, seja ela ficcional, ou não, municiando o pesquisador com informações que são fornecidas por elementos que compõem aquela narrativa: “os cenários, a linguagem, as personagens dominantes, as concepções e visões de mundo, as preocupações e preconceitos sociais, etc. da época em que foi produzida” (MAESTRI, 2002, p. 4).

A obra silviojuliana Bolívar, ao ser escrita, sugere essa relação, esse nexos, quando, a partir da história latino-americana, somada à biografia de Simón Bolívar, reconstrói a figura do homem, colocando-o no pedestal do sublime, do intocável, do superior, mesmo que seu final se assemelhe ao de outros grandes homens da História, como Alexandre, que morre cedo, César, que é assassinado, ou Napoleão, que preso pelos britânicos, morre confinado na ilha Santa Helena. Quer dizer, embora fossem “homens afortunados por serem os agentes de um objetivo que constitui um passo no avanço do Espírito Universal, [...] indivíduos claramente distintos de seu objetivo essencial, não eram o que chamamos normalmente felizes, nem pretendiam sê-lo”, como registra Hegel (2001). Apesar disso, foram além em suas façanhas, colocando a própria vida em desafio a todas as opiniões contrárias na busca de seus projetos mais íntimos. Assim, se faz a história e produz-se a literatura.

No entanto, segundo o historiador José Murilo de Carvalho⁶⁹, a história produzida pelos intelectuais, também chamada de história das idéias, resumia-se, até recentemente, a duas abordagens, quais sejam:

A primeira, de longa tradição, aproximava-se da prática, usada na filosofia, de expor o pensamento de cada pensador isoladamente. Era uma história centrada no pensador, cujas idéias supunha-se possível interpretar com exatidão. Os autores com preocupação histórica acrescentavam à reprodução das idéias algum esforço no sentido de situar o pensador em um contexto social. [...] A segunda, prendendo-se mais às ciências sociais do que à história ou à filosofia, [...] provém da sociologia do conhecimento tributário de Marx e Mannhein (CARVALHO, 1998, p. 1-2).

⁶⁹ Professor titular do Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Sílvio Júlio, que durante os primeiros cinquenta anos do século XX produziu inúmeros livros sobre a América Latina, entre eles o próprio Cérebro e Coração de Bolívar, foi um homem de seu tempo, quiçá, um ser engolido pelo próprio tempo, contudo, um produtor de História. Sentiu na pele o que os conceitos da história pregavam a respeito do pensador, do intelectual, fosse ele brasileiro ou latino-americano.

Logo, a partir do que diz Carvalho, pode-se afirmar que o escritor Sílvio Júlio encaixa-se nos moldes da primeira abordagem, uma vez que o pernambucano analisou o homem Bolívar, por exemplo, associando seus feitos a uma predestinação desenhada para o Herói, levando em conta, justamente, aquilo que o envolvia no espaço e contexto sócio-político latino-americano, colocando-o em evidência e superior a todos.

Conforme Hegel (2001)

Os homens históricos, indivíduos históricos do mundo, são aqueles que apreendem uma proposição universal elevada, fazem-na seu objetivo e realizam este objetivo em conformidade com a lei mais elevada do espírito. [...] São homens práticos e políticos. Ao mesmo tempo, são pensadores com a compreensão do que é necessário e em que momento. Enxergam a própria espécie que, por assim dizer, já está formada no ventre do tempo. Eles conhecem esta nova proposição universal, o próximo estágio necessário do seu mundo, para dela fazer seu objetivo, colocando nela toda a sua energia. As personalidades históricas do mundo, os heróis de seu tempo, devem, portanto, ser reconhecidas como seus profetas – suas palavras e seus feitos são o melhor da época. Os grandes homens trabalharam para a sua satisfação e não para a de outros. Quaisquer planos prudentes e conselhos bem intencionados que possam ter obtido de outros teriam sido limitados e inadequados para as circunstâncias. Eram eles que sabiam melhor e era deles que os outros aprendiam e com quem concordavam ou, pelo menos, a quem obedeciam. O espírito, ao dar este novo passo histórico, é a alma mais profunda de todos os indivíduos – mas em um estágio inconsciente, pelo qual os grandes homens despertam para a consciência. Por essa razão os homens seguem estas almas que lideram, [e eles afluem em multidões atrás de suas bandeiras] (Hegel, 2001, p. 78-80).

Nesse quadro teórico-conceitual que trata do herói, e quem sabe do próprio anti-herói, encontramos a figura determinada de *Simón Bolívar Libertador de la Republica de Colombia*, como ele próprio se nomeou em seu testamento.

Fredrigo (2007) relembra que todas as obras produzidas ao longo dos anos sobre o Libertador, de maneira inexorável, correlacionam a tentativa constante de emancipação do continente com a biografia heróica bolivariana. Apesar do enredo presente nas várias narrativas direcionar-se para um único eixo, ou seja: juventude, glórias, honra, suspeitas de

traições, doenças, tentativas de assassinato, a detração política, abandono e morte, torna-se inevitável associar América Latina x Liberdade x Bolívar, nessas escrituras.

Quando se lê a obra Bolívar, ou Cérebro e Coração de Bolívar, como também foi publicada, conclui-se que não é a figura de seu escritor, Sílvio Júlio, que se deve analisar, uma vez que o mesmo não deixou a sua obra própria organizada, não provocou nenhuma influência acadêmica, salvo quando descoberto por algum pesquisador mais curioso e, muito menos, preparou discípulos. No entanto, quando Sílvio Júlio produz uma obra cuja referência – Simón Bolívar – diz respeito à figura do herói, o olhar deve mudar, porque o autor esforçou-se para ir além daquele pesquisador que simplesmente se restringe a repetir os feitos do *ídolo*, embora não consiga, já que isso se evidencia em sua narrativa, desgrudar-se do ato de “escrever com amor”. Apesar disso, não se pode negar que o autor buscou na pesquisa, na seleção, na classificação e sistematização dos fatos (CHAIA, 1997), os dados para reconstruir a história.

Certamente, é neste contexto que sua produção se encaixa e ganha destaque, valorizando a ele próprio como elemento de referência aos estudiosos da obra bolivariana na América latina. Quando escreve “com amor” exacerbado a história do ídolo, provoca lacunas aos olhos do historiador, do antropólogo, etc, visto estar evidente a omissão de muitos atos negativos causados por seu herói, no entanto, aos olhos da Literatura, talvez Sílvio Júlio possa ser considerado um elemento que conseguiu conectar o mito de ontem com o leitor de hoje.

Durante os primeiros cinquenta anos do século XX, não houve muitas edições significativas, ou com a intenção de provocar maiores discussões literárias sobre a figura de Simón José Antonio de la Trinidad Bolívar. Desse período, destacamos o nome do escritor e diplomata venezuelano Rufino Blanco Fombona que, vivendo exilado em Paris, publicou pela Casa Editorial Garnier Hermanos, em 1913, uma seleção dos *Discursos y Proclamas de Simón Bolívar*. Antes disso, já havia publicado Cartas de Bolívar 1799-1822, cujo prefácio foi de José Rodó, e Bolívar pintado por si mesmo, em 1913.

Tais obras tem papel determinante na difusão da história latino-americana em terreno europeu, visto que tais títulos ajudavam o leitor do velho continente, inclusive, a desfazer a imagem bolivariana plantada por Marx, por exemplo.

Segundo Lautaro Ovalle⁷⁰, Fombona,

⁷⁰ Escritor e diplomata venezuelano. Faz a apresentação do livro Discursos y Proclamas – Simón Bolívar, editado pela Fundación Biblioteca Ayacucho, 2007, embora seu falecimento aconteça em 2001.

En su condición de adversario de la dictadura del General Juan Vicente Gómez, presenta al Libertador y a su obra como contraste a la situación de opresión que sufría Venezuela, así como a la sumisión de la mayoría de las naciones latinoamericanas a los Estados Unidos. En tal sentido, Blanco Fombona como otros grandes escritores modernistas, retoma el ideal bolivariano de la unión de las naciones latinoamericanas. Esta prédica de Rufino redescubre la figura del Libertador en España, Francia y otros países europeos. La edición de los *Discursos y proclamas de Simón Bolívar* es un éxito editorial, según apunta su biógrafo, el historiador Rafael Ramón Castellanos; los *Discursos y proclamas de Simón Bolívar* se venden masivamente. Blanco Fombona ha acertado. El Libertador vuelve a nacer en Europa y en otras regiones del mundo (AYACUCHO, 2007, p. VII).

Nas três primeiras décadas do século XX surgem, ainda, as seguintes obras: 1. Proclamas de Bolívar. Edição da fábrica de cigarros *La Colombiana*, como presente ao Centenário de Independência. Caracas, Tipografia Americana, 1911, 78 págs; 2. Proclamas del Libertador Simón Bolívar. Recopiladas por J. D. Monsalve e Roberto Ramírez B., da Academia Colombiana de Historia.. Bogotá, 1928, 153 págs; 3. *Proclamas de Bolívar*, 1813-1830. Editadas por Jesús E. Mármol. Maracaibo, El País, 1930, 80 págs; 4. *Proclamas del Libertador Simón Bolívar*. Reimpressão. Caracas, Tipografia “La Unión”. 1930. Oferta dos irmãos Zuloaga, pelo Centenário de sua morte.

O ensaio rodoniano *Bolívar* vem a ser publicado em 1915. Nesse ensaio, José Rodó não apresenta uma análise mais profunda sobre os feitos de Simón Bolívar; pelo contrário, reconta, a exemplo de Sílvio Júlio, toda a vida histórica do herói venezuelano, enfatizando, como a maioria das publicações a respeito del Libertador, o sucesso, a garra, a determinação e o sonho bolivariano de união latino-americana.

Cuando diez siglos hayan pasado; cuando la pátina de una legendaria antigüedad se extienda desde el Anáhuac hasta el Plata, allí donde hoy campea la Naturaleza ó cría sus raíces la civilización; cuando cien generaciones humanas hayan mezclado, en la masa de la tierra, el polvo de sus huesos con el polvo de los bosques, mil veces deshojados, y de las ciudades, veinte veces reconstruidas, y hagan reverberar en la memoria de hombres que nos espantarían por extraños, si los alcanzáramos a prefigurar, miriadas de nombres gloriosos en virtud de empresas, hazañas y victorias de que no podemos formar imagen; todavía entonces, si el sentimiento colectivo de la América libre y una no ha perdido esencialmente su virtualidad, esos hombres, que verán como nosotros en la nevada cumbre del Sorata la más excelsa altura de los Andes, verán, como nosotros también, que en la extensión de sus recuerdos de gloria nada hay más grande que Bolívar (RODÓ, 1915, p. 253-254).

Em 1944, José Enrique Rodó é resgatado pela *Claudio Garcia & Cia – Editores*, que, inaugurando a “Biblioteca Rodó”⁷¹, publica o livro Hombres de America, com seis ensaios a respeito dos autores hispano-americanos: Bolívar⁷², que abre a edição, seguido de Montalvo, Ricardo Gutiérrez, Juan Maria Gutiérrez, Carlos Guido y Spano e Rubén Darío. O fato de *Bolívar* estar presente nessa edição uruguaia demonstra a força que o ídolo venezuelano exercia, ainda, sobre os latino-americanos que, sempre que possível, tentavam uma nova reorganização entre as nações, a partir, até mesmo, do que propunha o próprio Bolívar, ou seja: a criação de uma Liga das Nações.

Pouco antes, em 1937, o alemão Wolfram Dietrich publica Simón Bolívar und die lateinamerikanische Unabhangigkeit⁷³, em Hamburgo – Alemanha. Sua tradução e edição para a língua portuguesa são feitas pela Livraria do Globo, de Porto Alegre, que o intitula Simão Bolívar. Essa publicação alemã é uma obra que cabe aqui destacar, uma vez que, segundo os professores alemães König e Kusche⁷⁴, no começo do século XIX, a Alemanha constituía-se por pequenos reinos, principados e algumas cidades livres que, tomando conhecimento a respeito do que acontecia no outro lado do mundo, reagiram de

maneras muy diferentes frente a las guerras de independencia hispanoamericanas, a las sublevaciones en contra de la monarquía borbónica y a la instauración de repúblicas democráticas. Muchos periódicos veían los acontecimientos con indudable simpatía y otros reaccionaban abiertamente en contra (KONIG & KUSCHE, 1994, p. 694).

König e Kusche (1994) ainda afirmam que

Durante poco tiempo América Latina, igual que los Estados Unidos, sirvió incluso como modelo, como ideal para Alemania. Sin embargo, pronto desapareció la imagen de América Latina como el modelo, cuando los disturbios de la América Latina postindependentista, la inestabilidad política, el militarismo y la violencia enturbiaron la imagen positiva (KONIG & KUSCHE, op. cit. p. 696.)

Contudo, Dietrich não foge à regra e, seduzido pela personalidade do General Bolívar, apresenta-o como herói e modelo a ser seguido pela Alemanha. Dispensando maiores comentários, apresenta logo na introdução de sua obra Bolívar a seguinte afirmação:

⁷¹ Segundo os próprios editores, “Con la inquietud de una superior manifestación de cultura, nace en Montevideo, con universal destino, la Biblioteca “José Enrique Rodó”, la que dará cabida, exclusivamente, en sus ediciones, a los más escogido de las letras nacionales” (CLAUDIO GARCIA & Cia, 1944, p. 4).

⁷² O texto *Bolívar* é o mesmo publicado por Rodó em 1915.

⁷³ Simão Bolívar e a independência da América Latina. Na edição brasileira, a editoria da Livraria da Globo informa que o título original da edição era apenas: Simón Bolívar.

⁷⁴ Docentes da Universidade Católica de Eichstätt, Alemanha.

“Unidade, Liberdade, Extinção dos Partidos. Um povo só pode desenvolver e prosperar sob o comando de uma personalidade energética de FUEHRER” (DIETRICH, 1937, p. 6). Essa afirmação de Dietrich assume uma característica interessante enquanto Recepção quando, no texto *Literatura, Investigaciones y Fuentes sobre la Historia de Colombia en Alemania*⁷⁵, König e Kusche (1994), ratificam essa estreita linha de pensamento, ao afirmarem que

Precisamente al final de la época de Weimar y con motivo del centenario de la muerte de Bolívar y el comienzo del Tercer Reich poco después, la figura de Bolívar fue honrada enormemente en ceremonias, ensayos y artículos. Hay que tener en cuenta, sin embargo, que este nuevo interés por Bolívar y sus concepciones políticas en ningún caso hacía justicia al Libertador. La interpretación de Bolívar adquirió un marcado tono propagandista de justificación de la nueva política alemana al desearse también para Alemania un "Libertador" o "Liberador", o se colocaba en primer plano el principio del líder, recurriendo al ejemplo de Bolívar (KONIG & KUSCHE, 1994, p. 697).

Contrariando um pouco essa posição de amor exacerbado a Bolívar, mas sem perder a linha do reconhecimento perpétuo, surge a figura do alemão Gerhard Masur, autor de Simón Bolívar, em 1946. Logo no Prefácio, Masur sugere o papel do historiador e nos diz que é “impossível relatar somente o que verdadeiramente ocorreu” (MASUR, 1946), uma vez que, frente à história, aquele elege o que lhe parece ser mais importante até formar um quadro completo a respeito do que se pretende pesquisar; entretanto, “su criterio no es y no debe ser puramente científico; debe ser también sugestivo y artístico” (MASUR, 1946, p. 10).

Na perspectiva de Masur, aquele que pesquisa a respeito de outrem deve ordenar os fatos somente em torno do ‘coração de seu objeto’, porque somente assim poderá apreciar a estrutura íntegra a partir da qual todos os demais aspectos tomam forma. Como resultado, Masur assimilou Bolívar, a respeito do qual tomou conhecimento a partir de um quadro, visto quando visitou a Embaixada colombiana em Genebra, logo depois de ter cruzado a fronteira alemã em direção à Suíça, fugindo dos horrores provocados pela cruz suástica. Porém, assimilou o herói venezuelano recordando que esse novo ídolo era, antes de tudo, um ser falível, portanto, passível dos pecados capitais.

Segundo Fredrigo (2011), “sinteticamente, o ponto alto da biografia de Gerhard Masur esteve no reconhecimento da humanidade de seu personagem; o único erro foi ter retirado Bolívar de seu tempo, colocando-o em um tempo a frente do seu” (FREDRIGO, 2011, p. 13),

⁷⁵ Ensaio publicado na obra La historia al final del milenio: ensayos de historiografía colombiana y latinoamericana, 1994, sob a coordenação da Facultad de Ciencias Humanas Departamento de Historia, Universidad Nacional de Colombia.

chegando a compará-lo a Churchill, o primeiro-ministro inglês, que desenvolveu tal função quando da Segunda Grande Guerra.

Segundo Masur, as idéias de Bolívar não cabiam no século XIX, quando os conceitos de nacional e nacionalidade dominavam a compreensão em torno da política. O reconhecimento das idéias de Simón Bolívar no século XX mostrava que aquele sim era o ambiente temporal mais apropriado para um projeto que, embora derrotado por seus contemporâneos, fora consagrado pela história. Enfim, para Masur, Bolívar era um cidadão do século XX (FREDRIGO, op. cit. p. 8).

Outro livro escrito no primeiro cinquentenário do século XX é Bolívar, Cavaleiro da Glória e da Liberdade (1942)⁷⁶, do alemão naturalizado sueco Emil Ludwig, cujo nome original era Emil Cohn. Nessa obra, Ludwig traça a imagem bolivariana como sendo a de um homem idealista, romântico, exaltado, com pleno desejo de justiça (FREDRIGO, 2010). Abre todos os capítulos com epígrafes de outro conterrâneo seu, o escritor e pensador alemão Goethe, afirmando-nos, logo na abertura do prefácio, e por meio de delicada frase, que: "*The word Liberty has so fine a sound, we would not do without it even if it were an error*".

A obra está composta pelo Prefácio⁷⁷ e cinco capítulos, assim divididos: Capítulo Primeiro – O aristocrata; Capítulo Dois – Provação; Capítulo Três – O libertador; Capítulo Quatro – O ditador e, Capítulo Cinco – Don Quixote⁷⁸.

⁷⁶ Bolívar. The life of an ideliast, 1942.

⁷⁷ Optamos por reproduzir o *Prefácio* na íntegra por considerá-lo um texto antes de tudo rico em sua composição, belo enquanto Recepção, quicá, percepção, a respeito da figura do latino-americano Simón Bolívar: To ITS heroes a nation erects statues of bronze; if the hero is a great soldier he rides on a high pedestal above the public square. But the nation wants to know also the psychology of its hero, which of course no monument can represent; everyone will take him as an example and will compare himself to the hero. After a century, when the echo of his deeds begin to fade, when the liberty he has conquered for the nation is safe from all danger, when the enemy of old times has become an old friend, then the human motives which guided the hero appear much stronger behind the battles and the constitutions. For human characters always renew themselves; and their passions, their joys and griefs bring stronger enlightening to posterity than the tale of events gone long since. Several times Bolivar has been so imperiously represented by his compatriots and scholars that his country expects nothing new from a foreigner. But, like the stranger who, for the first time, enters the family circle, he can perhaps examine this figure with a new and unprejudiced glance, and because of the fact that he is not interested in political peculiarities he may produce the very essence of the human being. This is what moves the writer and foreign nations more deeply than campaigns and congresses the names of which are nearly unknown outside of South America.

How little known seems to be this tragic character! That is the reason why this book tells little about battles, just as the book about Napoleon by the same author does not. Youth which grows up amongst tanks and murderous weapons can consider the astonishing passage of the Andes on the back of a mule only as a romantic engraving! What then is it that attaches our time to the radiant profile of Bolivar? This lightminded son of a millionaire whose eyes were opened by a stranger to the beauty of his country; this young enthusiastic adherent of dance and of game in whom the aspect of Napoleon evokes the love for glory; this skeptic who transforms himself into an idealist after an inner struggle which makes him lose his best friend; this ardent diletante, this theorist in revolution who over night finds himself a great captain and deliverer . . . then, like the condor, he spreads his enormous wings, glides over the mountains which form the borders of his country, and plunging into the neighboring countries lie proclaims and spreads liberty everywhere, to turn homeward only after having chased

Apesar de ser um escritor que produziu muitas biografias ao longo da carreira, ganhando fama justamente por misturar os feitos históricos dos biografados com suas análises psicológicas - Rômulo Betancourt o apelida, inclusive, como “pena mercenária” (CASTRO, 1988), Ludwig, enquanto leitor, assimilou de tal maneira o que defendiam personagens como Bolívar, que passou a ser considerado influência perigosa pelo general alemão Paul Joseph Goebbels, na época ministro da propaganda nazista. Quanto a sua publicação brasileira, fato relevante é a mesma ter sido traduzida e publicada, novamente, pela Livraria do Globo⁷⁹, de Porto Alegre, um ano após a publicação da obra por uma editora americana.

the last of his enemies. But, during this time, behind his back, envy, discord and jealousy have grown in the heart of his people; before the eyes of the hero who grows old prematurely they destroy his work. The victorious rise of a man between his thirtieth and fortieth year is followed, as in Antiquity, by the tragedy that pursues him to the day of his death. When before our eyes the tragic fate of this real romantic hero who loved glory more than anything else has unfolded, our hearts are touched, our minds excited.

But such a work as his could not spare his compatriots any more than his own weaknesses, especially since by triumphing over these weaknesses he rose to his great destiny. In his meetings with Napoleon, Miranda, San Martín and Manuela, his mistress we observe the decisive turning points of his life.

Proceeding from there, certain problems which are now existing have been treated: the antagonism between dictatorship and democracy which left him no peace during his whole life; the moral force with which he always pursued the praise of posterity more than the easy triumph of the dictator; the discernment of his idea of a League of Nations; his struggle for unity and against the discord of political parties. All these subjects belong in our time and to which Bolívar can serve as an example.

But as I see it the principal point of Bolívar's story is the struggle of an heroic soul. It is the struggle of the idealist brought up with the heroes of Antiquity against the temptation of power, the struggle of the born dictator against his own moral principles, the struggle of a man who, during ten years, rejects the dictatorship which he could have seized because he believes it dangerous and who, nevertheless, finally takes it. After having seen my portraits of Napoleon and of Lincoln favorably accepted by some French and American schools, I felt honored to be asked by the government of a foreign nation to paint that of its hero. It may be the first time that a government asked an artist for a written portrait of its hero, instead of a marble statue.

The large and excellent three thousand page, ten volume edition of Bolívar's letters, edited by Lecuna, which represents a kind of diary has been my principal source. The excellent work of Mancini was not published at the time of my writing because the second volume of his manuscript was lost after the death of the author. The work of Mitre and many others have been of invaluable assistance; the advice of some outstanding scholars has prevented me from making many errors. I owe special gratitude to M. M. Luis Correa, a great soul who has passed on, to Cristóbal Mendoza, President of the Academy of Caracas, to Luis Col Pacheco, to F. Planchard, and to Parra- Pérez, all descendants of those who were actors in the life of the great Bolívar and to many other members of the "Academia de Historia" of Caracas who very kindly offered their consistently good advice.

The book was finished in Europe and was presented to the government of Venezuela in 1938, but publication was postponed because of the death of the first translator and because of some technical circumstances (LUDWIG, 1942, pags. VII – IX).

⁷⁸ Originalmente em língua inglesa, assim dispostos na obra: Foreword; Chapter One: The Dandy; Chapter Two: Ordeal; Chapter Three: The Liberator; Chapter Four: The Dictator; Chapter Five: Don Quixote; Index.

⁷⁹ Conforme explica o jornalista Luis Pontual, Prêmio Esso de Jornalismo e diretor do *Instituto René Guénon de Estudos Tradicionais*, “Até a segunda década do século XX, havia no Brasil, grande carência de literatura européia e norte-americana em língua portuguesa, uma vez que a maior parte das obras que chegavam ao público brasileiro provinha da Garnier (Paris-Rio) ou da Lello (cidade do Porto): algumas traduções como de Dumas Filho (A dama de Paris) ou de clássicos da literatura portuguesa, entre outros, Camilo Castelo Branco, Alexandre Herculano, Guerra Junqueiro. Dos autores brasileiros, principalmente Castro Alves, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e Aluísio de Azevedo. Assim, a Livraria do Globo, por sugestão de Mansueto Bernardi e fiel ao lema do fundador - *Urbi et Orbi* -, a partir de 1926 obteve a distribuição de grandes editoras européias, além de realizar convênios internacionais para editar e traduzir autores modernos. A obra de estréia, a tradução da biografia *Napoleão*, de Emil Ludwig, abriu esses espaços que foi ocupado pela Livraria, de forma competente, por mais de meio século (<http://www.renegenon.net/lpontual.html>, visitada em 1 de dezembro de 2011).

Outra obra bastante significativa que surge nessa primeira metade do século XX, mais precisamente no ano de 1939, é Proclamas y Discursos de El Libertador. À época, o governo da Venezuela, sob o comando de Eleazar López Contreras, ordena a publicação completa da referida obra à Academia Nacional de la Historia, que nomeia o banqueiro, e historiador por vocação, Vicente Lecuna, reconstrutor da casa natal e responsável pela documentação original de Simón Bolívar, para a execução de tal tarefa. A edição dessa obra é importante, porque, como afirmou o próprio Lecuna (2007), “nosotros hemos ido a las fuentes, reproducimos los textos originales con exactitud, y a cada pieza se le anota el origen o versión de donde ha sido tomada” (AYAUCHO, 2007, p. IX).

O governo de Contreras já havia publicado, entre os anos 1929-1930, dez volumes das *Cartas del Libertador*, e o objetivo final da elaboração desse novo material era, além de dar continuidade a esse trabalho editorial, manter viva a chama e a “recepção” bolivariana na América Latina, tanto que o decreto presidencial determinava sua distribuição a todas as livrarias venezuelanas, envio da obra aos presidentes de países Bolivarianos, aos intelectuais e instituições reconhecidamente dedicadas ao estudo de Bolívar, às escolas e às universidades.

Nota-se que nos primeiros cinquenta anos, a obra bolivariana foi produzida a partir de ações do próprio governo venezuelano, por conterrâneos, como Rufino Fombona, ou por biógrafos não latinos, salvo raras exceções, como é o caso do mexicano Guillermo Sherwell, que em 1921 publica Simón Bolívar (The Liberator) Patriot, Warrior Statesman Father of Five Nations, a sketch of his life and his work⁸⁰. Os demais, não tinham o compromisso com a Recepção sugerida por Jauss, ou seja, aquela voltada ao prazer do texto, colocando o leitor em diálogo com o mesmo e correlacionando a sua experiência com aquela oferecida pela obra.

Autores e idealistas como Fombona e Lecuna viram a obra bolivariana a partir dessa perspectiva proposta por Jauss. Perceberam o quanto tais obras poderiam provocar ações e reações no público leitor de Bolívar e, a partir de então, sugerirem e provocarem até mesmo atitudes políticas nesse leitor e naqueles ao seu redor, visto que a obra literária está condicionada por essa relação de diálogos entre leitor e leitura, ocasionando o inevitável ato de interação entre ambos. Quando escritores como os venezuelanos citados acima conseguem reconstruir as expectativas do leitor a partir de obras publicadas, como foi o caso, em épocas distintas, significa que o proposto por Jauss foi alcançado, qual seja, o de encontrar as perguntas para as quais os textos constituíram uma ou mais respostas.

⁸⁰ Simon Bolivar (o Libertador) patriota, guerreiro, estadista, pai de cinco nações, um esboço de sua vida e sua obra.

O caminho sempre constante da reedição da obra – neste momento nos referimos a tudo aquilo produzido a respeito de Simón Bolívar – consequentemente da leitura, tem o poder de renovar o texto da materialidade das palavras e conferir-lhe vida, alterar a própria alma e ir além das expectativas do leitor. Simón Bolívar soube trabalhar de tal forma a sua manutenção no processo histórico – e torna-se cúmplice presente ao longo de toda a história – que as várias confrarias bolivarianas espalhadas pelo mundo não lhe permitem sossego ou esquecimento, e a segunda metade do século XX foi o ápice desse resgate bolivariano. Com o passar dos anos, se contarmos desde sua morte, em 1830, os ideais *del Libertador* fomentaram uma corrida à sua biografia, ao seu pensamento, e à sua proposta de uma *América Uma*.

Ao trazer as andanças do General Bolívar à tona, estamos dando sentido ao texto, reconstruindo-o historicamente, seja pelo próprio Bolívar, seja sob os olhos de Sílvio Júlio, ou por pesquisadores modernos, a exemplo do inglês John Lynch, o venezuelano Néstor Kohan, ou a especialista brasileira em Simón Bolívar Fabiana Fredrigo.

Esse ato de re-leitura leva-nos a descartar, assim, a idéia da temporalidade que um texto possa ter, proporcionando a esse novo leitor, a partir dos diferentes momentos históricos enfrentados pelo próprio texto, reais condições de formular novos conceitos e questionamentos que possam levá-lo a uma emancipação daquilo imposto pelo sistema de normas estéticas e sociais vigentes. Para compreender o Libertador da América, o *criollo* venezuelano, o *Don Quijote* latino-americano, tais amarras, enquanto leitor, precisam estar liberadas, frouxas, pelo menos; caso contrário, o horizonte de expectativas jamais será alcançado ou alcançado.

Por fim, nessa reconstrução do pensamento bolivariano, e aí se (entre)cruzam outros olhares e pensamentos, revolucionários ou não, mantêm-se, ao longo do tempo, a expectativa de produção/recepção a respeito, especialmente de seus feitos e sonhos.

*Desperta América do Sul,
Deus salve a América Central*⁸¹

O texto rodoniano é um *ensaio*⁸², gênero de origem francesa, que na América Latina ganha relevância no final do século XIX e se consolida logo a seguir. Sendo o ensaio uma ferramenta “marcada por la libertad y la imprecisión, se ofrece como el vehículo adecuado para la reflexión amplia, heterogénea y sistemática de un período que trabaja por la construcción de identidades nacionales y continentales” (OLMOS & MINELLI, 1991, p18). Corroborando o argumento de Olmos e Minelli, Giordano (1999) afirma que

un ensayo puede ser – según una intuición de Roland Barthes – un registro de las ocasiones en las que un lector, ‘tocado’ de alguna forma por lo que lee, se ve obligado a levantar a cabeza, a apartar la vista del texto que tiene rente a sí para suspenderla en el vacío, dejando a su inteligencia y a su sensibilidad dispuestas para el encuentro con las ideas que ese texto les dio que pensar (GIORDANO, 1999, 107).

A partir de tais perspectivas conceituais sobre o ensaio, podemos afirmar que Ariel (1900) não foge à regra, e traz em suas linhas tais características, uma vez que estas se encaixavam à temática da época e, definitivamente, associavam-se à firme posição contra o poderio norte-americano, que ora se consolidava ao longo do continente.

Contudo, a recepção de Ariel (1900) aconteceu de maneira diferente, se a compararmos à da obra Bolívar, uma vez que o ensaio uruguaio, ao mesmo tempo em que recebeu muitos elogios, também foi criticado, inclusive por latino-americanos, que discordavam, por exemplo, da posição de José Rodó de classificar a figura de *Caliban*, como o “monstruo que tiene todos los vicios degradantes y *Ariel*, el genio que posee todas las virtudes milagrosas... que el uno es la bestia humana y el outro la inteligencia” (UREÑA, 1952, p. 12).

A pesquisadora uruguaia Kydia Mateos, em um trabalho recente, intitulado Rodó entre nosotros (2006), comenta que “y mientras fuera del Uruguay se le llamaba ‘Maestro’, en su país se le estaba cuestionando todo: el contenido del libro, la actitud idealista de aspirar a una América total” (MATEOS, 2006, p. 5), e conclui sua obra com um capítulo que chamou de *Rodó y su obra – Las distintas opiniones*, no qual apresenta somente opiniões favoráveis não

⁸¹ Canção *América do Sul*, de Ney Matogrosso.

⁸² O francês Montaigne foi quem empregou o termo ensaio (*essais*) pela primeira vez para definir textos curtos publicados por volta de 1580. Francis Bacon (1597) foi o responsável pela consolidação do gênero na Inglaterra.

só a Rodó como à sua obra Ariel, o que, de certa forma, desqualifica sua pesquisa, até porque a pesquisadora apresenta uma lista de nomes como Miguel de Unamuno⁸³, que declara: “(...) Aprecio cuanto hay de generoso, de noble, de sincero, de original en su ‘Ariel’ y asi lo haré constar por más que mi corazón me tire por otros caminos. [...] A mi en particular su lectura me ha aquietado por le mismo que no responde del todo a mi íntimo modo de ser. Es una producción profundamente latina; y yo aunque escribo en un romance (hace años escribí algo en vascuence, pero lo dejé) nada tengo ele latino”. De Ángel Valbuena Briones, a autora apresenta a seguinte citação: “Quien dio dignidad y alcurnia literaria al ensayo hispanoamericano, avalado por un mensaje ardiente, fue José Enrique Rodó, autor de un libro afortunado, ‘Ariel’, y de una obra de arte, fruto de minuciosa técnica modernista”; de José Miguel Oviedo, extraí o seguinte comentário: “Más que un libro fue la expresión del clima de la época, en el que sintonizaron perfectamente el autor y los lectores”. Cita também o depoimento do escritor inglês Havelock Ellis, que afirmou: “Rodó era el mejor escritor de Sudamérica”, e recorda que nas páginas do semanário inglês *The Times Litterary Supplement* (T.L.S), no ano de 1929, três resenhas de Ariel foram publicadas, o que demonstrava que os ingleses tiveram contato com a obra em língua espanhola. E, a partir da leitura de outro pesquisador conterrâneo de Rodó, Washington Lockhart, Mateos (2006) reforça, ainda, que

Al lanzar su mensaje, Rodó, con veintinueve años, se había revelado como una figura de relieve sobre la cual empezaron a cruzarse elogios y críticas. En el caso de las posiciones negativas, se dieron algo así como olas de *antiariélismo* que iban y venían en épocas distintas, marcando lo que consideraban los puntos débiles de la obra y las fallas en el pensamiento de su autor. Entre estas últimas, los comentarios más frecuentes eran que ‘escribía para una elite intelectual, que su ideal de cultura era aristocrático y que no tenía en cuenta lo económico y la lucha social (MATEOS, 2006, p. 127-132).

O comentário de Mateos torna-se relevante pelo emprego da palavra antiariélismo. Segundo o Dicionario de Filosofía Latinoamericana⁸⁴, o referido termo é derivado da expressão ‘mito anti-Ariel’, cuja autoria é atribuída a outro conterrâneo de Rodó, o escritor Arturo Ardão. No livro Nuestra America Latina (1990)⁸⁵, Ardão inclui o artigo *Del mito Ariel*

⁸³ Em *Cartas a José Enrique Rodó* (1900-1907), por Miguel de Unamuno, em *Ensayos*, nº 1, Montevideo, julio de 1936, pp. 15-30.

⁸⁴ Dicionario de Filosofía Latinoamericana. In.: *Pensamiento y cultura de nuestra América*. Universidad Nacional Autónoma de México. Disponível em: <http://www.cialc.unam.mx/pensamientoycultura/biblioteca%20virtual/diccionario/antiariélismo.htm>. Acessado em 21/01/2012, 22h

⁸⁵ A primeira edição data de março de 1986.

al mito *anti-Ariel*, que data de 1977, e define como *antiarielista* todas as leituras ou interpretações de ordem mítica da obra *Ariel*. Ardão entende que o mito é uma “ficción imaginativa dinamizada por el sentimiento, a fin de orientar en algún sentido las inteligencias y las voluntades” (ARDÃO, 1990, p. 117). Ou seja, o mito *anti-Ariel* surge por razões particulares ou pessoais, em função das razões específicas daquele que pesquisa e escreve. Como resultado, acaba gerando uma manipulação da obra *Ariel*, que vai interessar somente àquele que escreve. Sendo assim, resulta que as leituras míticas, ou qualquer interpretação da obra rodoniana, não aparecem como estudos particulares dedicados à própria obra; pelo contrário, nesse contexto, dá-se a interpretação e sentido que bem se quer ao texto. Ainda quanto à autoria do termo, como informação retificadora àquela dada pelo *Diccionario de Filosofía Latinoamérica*, em tempo, registre-se que o escritor uruguaio Jose Gervasio Antuña já o empregava no livro *Un Panorama del Espiritu – en el cincuentenario del “Ariel”*⁸⁶, que data de 1952, nomeando um capítulo com o título: *El antiarielista – Emerson y las verdades del alma*. Em capítulo anterior, *Actual sentido del hombre – Economía y espíritu – El juego y el mito*, já havia comentado que “los antiarielistas reclaman, sin embargo la inmediata y fundamental revisión. Han plateado, o mejor, replanteado, en América, un tema de las más vasta trascendencia” (ANTUÑA, 1952, p. 41).

Levando-se ainda em conta o verbete *antiarielista*, o uruguaio Washington Lockhart apresenta no trabalho *Ariel y el Arielismo*⁸⁷ (1968), o artigo intitulado *Los Negadores de Rodó*. O autor inicia seu texto informando ao leitor que *Ariel* havia sido recebido muito friamente pelo *montevideano*, e que somente sessenta exemplares haviam sido vendidos quando de sua apresentação. Porém, um fato ocorre e transforma José Rodó em sumidade. Leopoldo Alas, escritor espanhol que assinava com pseudônimo Clarín, publica um artigo no qual nomeia Rodó como “uno de los críticos jóvenes más notables de la América latina”.

Em seu artigo, Clarín afirma que,

Ahora, publica el señor Rodó un libro de pocas pero sustanciosas páginas titulado ARIEL, y aunque en él no trata directamente de esa nueva tendencia a reconciliarse con España, la España digna del siglo, si bien respetuosa con los siglos de su gloria; aunque ARIEL tiene otro fin inmediato, en el fondo y como corolario de su idea va a lo mismo. ARIEL no es una novela ni un libro didáctico; es de ese género intermedio que con tan buen éxito cultivan los franceses, y que en España es casi desconocido (CLARÍN, 1900, 42).

⁸⁶ ANTUÑA, Jose G. *Un Panorama del Espiritu – en el cincuentenario del “Ariel”*. Ediciones Humanitas, Editorial Florensa y Lafon, Montevideo, 1952.

⁸⁷ In: Revista *Capítulo Oriental 12 – La historia de la literatura uruguaya*, 1968. Montevideo, Uruguay.

Isso bastou para tornar seu nome difundido em todo o continente latino-americano. Entretanto, como José Enrique Rodó não era uma unanimidade entre todos os intelectuais de sua época, inclusive entre os *montevideano*, analistas descontentes surgiram e detrataram Ariel, e, conseqüentemente, o próprio autor. Em *Los negadores de Rodó*, o pesquisador uruguaio Lockhart, indignado e sob forma de protesto, lista os nomes considerados “traidores”:

Victor Pérez Petit, con quién Rodó compartiera, junto con los hermanos Martínez Vigil, la dirección de la juvenil Revista nacional de Literatura y Ciencias Sociales, escribió: “La metafísica de Rodó no va más allá del positivismo de Comte, modificado por el evolucionismo de H. Spencer”; *Dardo Regules*, estableció por su parte que ‘lo único’ nos dejó Rodó fue el concepto de ‘vacación’ y una teoría de la ‘tolerancia’; *Gonzalo Zalbundide*, autor de un excelente libro sobre Rodó, escribió que era ‘un exento’ a quien no parece preocuparle nuestra significación de hombres en medio del universo, ni este enigma de sentir un alma que interroga en vano por el objeto de nuestra vida; *Luis A. Sánchez*, uno de los más acérrimos antiarielistas definió el ‘idealismo rodosiano’ como ‘un grueso contrabando de vacilaciones y oportunismos’ y un ‘menosprecio lanzado a la democracia’; *José Luis Romero* supuso que cuando Rodó hablaba de ‘las hordas inevitables de la vulgaridad’, se estaba refiriendo a las poblaciones indias y mestizas, cuando la vulgaridad que en realidad impugnaba era expresa y precisamente ‘la vulgaridad entronizada y odiosa’ de esas clases altas, bárbaras y mediocres, tan hostiles a ‘las verdaderas superioridades’ como al humilde y al desamparado; *Isaac Ganón* afirmaba que ‘el pensamiento de rodó era de crítica’, es decir no constructivo, y que si bien sugería el ‘idealismo’, no precisaba en qué consistía ni cómo se alcanzaría. Cuando menciona ‘al maestro’, cree necesario agregar, irónicamente, ‘como se le llamara’; *Medardo Vitier*, en 1945, acusaba asimismo a Rodó de no ofrecer ‘referencias concretas a los cuatro o cinco problemas que tiene por resolver Hispanoamérica’; *Alejandro C. Arias*, un año después, afirma que a Rodó ‘la vida se le aparece como un juego armonioso de imágenes’, y que ‘tal vez no supo percibir cuánto hay de imperfecto, de agonístico, de caos mismo en la realidad; *Mario Benedetti* propuso para Rodó un entierro de primera clase, incluyéndolo entre los ‘ilustres e importantes valores muertos’ del 900. Agrega que Rodó visitó el siglo XX solamente ‘como turista’, saliendo así de ese siglo XIX al que pertenecía ‘con toda su alma y toda su calma’. Por ultimo, *Alberto Zum Felde*, que afirmó que lo más característico del arielismo era simplemente una ‘norma de conciliación dialéctica’. Escribió además que ‘el idealismo de Ariel’ carecía de últimas razones y de un hondo sentido de la vida, siendo su profundidad sólo literaria; sería así, el de Rodó ‘un diletantismo intelectual’ (LOCKHART, 1968, p. 190-191).

O intelectual argentino Alberto Zum Felde, um dos primeiros e mais severos críticos de Rodó, ganha destaque em nossa análise, uma vez que o mesmo alcançou enorme

repersussão na carreira como ensaísta e crítico literário, chegando a ocupar o cargo de Diretor Geral da Biblioteca Nacional de Montevideu, onde se aposentou.

Segundo Cortazzo (1981),

Sus primeros artículos sobre José Enrique Rodó fueron una verdadera detonación. Hacia dos años que Rodó había muerto en Italia. Era el momento en que se había decidido oficialmente la repatriación de los restos de quien había sido saludado por toda la América Latina como un verdadero maestro (CORTAZZO, 1981, p. VII).

Não satisfeito com a *festa* fúnebre programada para a recepção do corpo de Rodó, o argentino Zum Felde⁸⁸ resolve questionar justamente a condição de “maestro”, atribuída ao intelectual uruguaio, por entender que:

Un Maestro – escrito así – con mayúscula – es aquel que enseña una doctrina filosófica o social propia, o bien aquel que, por la prédica o por el ejemplo, educa las conciencias nuevas, preparándolas para la acción. No habiendo enseñado Rodó doctrina propia, no se encuentra en el primer caso. Veamos si se encuentra en el segundo. El fin de todo magisterio ético es formar hombres capaces de actuar en el mundo de acuerdo con las normas superiores de la conciencia. El mejor Maestro y la más fecunda enseñanza serán aquellas que en mayor grado realicen en el hombre y en el mundo las cualidades ideales a que se aspira. Este magisterio de la juventud requiere pues, para ser efectivo, unir al concepto intelectual la energía hábil que trabaja la materia y la forma obediente a las normas ideales. Así considerado, Rodó es absolutamente estéril. Puede ser un profesor de idealismo, pero no es un profesor de energía. Carece de la virtud dinámica que hace trascendente en la acción la prédica ideal. Los conceptos éticos que informan su obra son de una vaguedad tan incorpórea que, a menudo su discurso suena a vacuidad retórica. En muchas de sus páginas las ideas no son más que labras, bellas palabras si se quiere, pero no más. Su prédica se cierne siempre, en la región aérea de los conceptos abstractos y de las bellas fases, sin tocar nunca el suelo apuro de la realidad, donde la vida humana sufre, quiere, se rebata y se esfuerza. Las ideas, en Rodó, contemplan el paso multiforme de la vida, erguidas como blancas estatuas al borde del camino, son sus ojos fríos y su bello gesto perenne [...] No, Rodó no ha influido ni influirá en la vida de los hombres. La juventud de América no sigue sus caminos, aunque muchos repitan sus palabras. [...] Para ser maestro de hombres, le faltaba a Rodó una calidad imprescindible: conocer a los hombres. Rodó era una mentalidad de gabinete, de aula, de libros (ZUM FELDE, 4/10/1919, Edición de la Tarde).

⁸⁸ Uma de suas ações consideradas irreverentes e memoráveis é quando da morte do poeta uruguaio Julio Herrera y Reissig. Durante o velório, Zum Felde pede a palavra e reclama do tratamento dado pela sociedade uruguaia ao poeta, que sempre viveu na penúria. O discurso foi considerado injusto pela imprensa local, porém, Zum Felde já demonstrava sua irreverência e, ao mesmo tempo, sua consciência crítica frente às injustiças sociais e literárias. Seu pronunciamento foi publicado no periódico *La Semana* (Montevideo, Año II, No. 36, marzo 26 de 1910).

No entanto, Zum Felde viveu a dicotomia comum ao intelectual da época: a de criticar o artista para depois repensar o que já havia dito em momento anterior. Sobre Rodó, posteriormente, comenta que através dessa bibliografia, se consagra a Rodó como

el más profundo *pensador* y el más perfecto estilista de las letras latino-americanas. *Ariel* es proclamado el evangelio intelectual de la juventud del Continente [...] Finalmente, se da su nombre a asociaciones, a revistas, a plazas públicas. Desde el punto de vista histórico, la gloria continental de Rodó es un hecho indiscutible y definitivo. [...] Y para la mentalidad americana, de 1900 a 1930, más o menos, el espíritu y el sentido de su obra su propio sentido de la cultura; sus virtudes eran sus mismas virtudes y sus defectos sus mismos defectos; Rodó era su intérprete y su signo [...]” (ZUM FELDE, 1985, tomo II, p. 44-45).

Contudo, lembra Zum Felde que

la generación que ha llegado después de la tempestad de ambas guerras mundiales ha empezado a sentir ciertos vacíos en el fondo del libro y sus concepciones ya no han resultado suficientes. Vacíos, sí, desde un doble punto de vista: el filosófico y el pragmático. Espiritualmente, no satisfaría los imperativos más categóricos de la conciencia humana, por la carencia de principios y horizontes metafísicos (ZUM FELDE, op. cit., p. 85).

Apesar de toda a crítica que destila sobre José Enrique Rodó, o intelectual argentino Alberto Zum Felde não consegue livrar-se do “dever” de concluir seu livro de maior repercussão, Proceso Intelectual del Uruguay – La Generación del Novecientos (1930), com um capítulo intitulado *José Enrique Rodó*, reconhecendo que Rodó “ha sido el escritor de más encumbrada figura que ha tenido el Uruguay hasta el presente, y la única que, trasponiendo largamente las fronteras del país, ha ejercido en toda América, durante casi medio siglo, el alto magisterio de la cultura” (ZUM FELDE, op. cit. p. 90).

Cabe lembrar que no primeiro cinquentenário de Ariel, muitos textos foram escritos com o desejo de julgar o ensaio rodoniano, porém, na sua maioria, acabavam apresentando comentários positivos a respeito da obra, que só valorizavam, ampliavam e ratificavam cada vez mais o pensamento de Rodó, especialmente ao longo da América Latina, visto que nenhum pesquisador sentiu-se à vontade o suficiente para ir contra o que o uruguaio havia plantado, fosse sobre o espírito, fosse sobre o homem e sua alma, fosse sobre os Estados Unidos da América e seu respectivo utilitarismo.

Destacamos, ainda, um outro comentário importante para a época do lançamento da obra rodoniana, o de Miguel de Unamuno, o qual, logo que se publica Ariel na Espanha, em 1900, afirma:

[...] Para excitar a la juventud americana a que aspire a la vida más alta, más pura, más espiritual y aérea, ha escrito José Enrique Rodó, de Montevideo, su Ariel (La vida Nueva III), que es una buena obra en el noble sentido de estas palabras. [...] Es una llamada a la naturaleza, a la vida, a la sana contemplación, al mantenimiento de la integridad de nuestra condición humana, al culto de la belleza. [...] Aunque no exento de cierta hostilidad a lo utilitario, e injusto acaso en demasía con la vulgaridad, Rodó lo comprende al hacer sereno e imparcial juicio del ‘americanismo’ y de la ‘nordomania’ que amenaza ‘deslatinizar’ a la América española (mejor es llamarla así que no Hispano-América como el hace). Sería interminable si quisiera seguir paso a paso el librito de Rodó: espero dedicarle todo un ensayo (UNAMUNO, 1900, P. 51).

De Madri, também nos idos de 1900, o escritor Juan Valera comentou que

Yo admiro a veces el mucho saber, los variados conocimientos, el entusiasmo poético, la rara elocuencia, la sutileza dialéctica y el primor artístico del estilo, en algunas obras modernas escritas en nuestro idioma. Citaré, como ejemplo, el tratadito que lleva por título ARIEL, cuyo autor es don José Enrique Rodó, residente en Montevideo. La intención de este tratadito no puede ser más sana ni más noble. El señor Rodó combate el estrecho y exclusivo utilitarismo y propende a inculcar, en la mente y en el corazón de la juventud de su patria, ideales más altos y más dignos del espíritu, ideales que son los que hacen persistentes la gloria y el influjo de los pueblos y de su cultura, dilatando su imperio en las almas, muchos siglos después de la caída y disolución de los estados y repúblicas que dichos pueblos fundaron. Tan bien está todo esto, que lo aplaudimos muy de veras y nos pesa de no haber dado antes al señor Rodó las grandes alabanzas que su libro merece. Pero yo no puedo negarlo: en su libro hay algo que me apesadumbra: el olvido de la antigua madre patria, de la casta y de la civilización de que precede la América que se empeñan en llamar latina. No culpo yo sólo al señor Rodó; reconozco la esterilidad de pensadores que en España tenemos desde hace dos o tres siglos: pero sin culpar al señor Rodó, puedo yo lamentar la absoluta carencia de los castizo y propio que en su disertación se nota: cierta vaguedad en los ideales que para la juventud de su patria desea y que no se ven ni se columbran en nada de cuanto se dice. El único ideal que recomienda consiste en el amor de un ideal indeterminado en que no pensemos sólo en hacer dinero y en el bienestar material; [...] Lo que dice el señor Rodó sobre los Estados Unidos, frisa ya en injusta severidad contra el supuesto utilitarismo de los hombres de aquella gran republica. [...] De todos modos, y en contraposición al utilitarismo de la grand republica, ¿a qué quiere el señor Rodó que aspiren los americanos latinos, ya que así se empeñan en llamarse por no llamarse ibéricos o españoles? Elocuentísimo, discreto y espiritual es cuanto dice el señor Rodó. Cierto es además que, mirando como debemos mirar al porvenir, difícil es hallar en lo pasado de nuestra raza ideal o germen de ideal que nos satisfaga y contente y que baste a servirnos de guía. [...] Como quiera que sea, me complazco en entender que la vanidad de la predicación del señor Rodó no implica carencia de mérito en quien predica. Nada más bonito, más agradable de leer, más rico en imágenes y figura poéticas, en nobles sentimientos y en consoladoras esperanzas, que el ARIEL del escritor mencionado (VALERA, 1900, p. 51-56).

As críticas sobre a obra de Rodó no princípio do século XX provocaram um resultado bastante significativo, pois se houve posições favoráveis, como a do intelectual Clarín, inevitavelmente as negativas surgiram, especialmente por parte daqueles autores que o viam como uma alternativa, quiçá até mesmo como uma ameaça ao “pensar” europeu. Se por um lado, quando surge Ariel, analistas da época, a exemplo de Juan Valera, lembravam que a Espanha não produzia pensadores há pelo menos três séculos, por outro, o próprio Valera lembrava que o que lhes influenciava naquele momento era tudo aquilo produzido em terras francesas, inglesas e alemãs. Então, a partir do ponto de vista do dominador, ler em um *tratadito* sugestões, ou reações, que tivessem a pretensão de alterar a situação vigente, em especial aquelas de longa data impostas pela pátria mãe, provocava grande desconforto.

Rodó, ao propor, inicialmente, um “levantar do estandarte da esperança messiânica a partir da representatividade juvenil”, como recordou Antuña (1952); ou, se “Ariel aconselhou a juventude hispano-americana que não se deixasse seduzir pela sirene do Norte”, como frisou Clarín (1900), incomodou a intelectualidade vigente, em especial a européia, como vimos em alguns exemplos já citados. No entanto, o que a América, agora latina, vivia era uma realidade completamente diferente daquilo pensado no continente europeu. Aqui se vivia a antítese da alegria colada na tristeza; de novas conquistas, consequentemente, de derrotas; de avanços e retornos. Zea (1967) recorda que “la América Latina termina el siglo XIX e inicia la historia de su siglo XX, con una especie de sentimiento de frustración”. O sonho de independência havia sido cruzado pela flecha da decepção, visto que o *progreso* e a *liberdade* aspirados, até o momento, não haviam sido alcançados; pelo contrário, esta última, de maneira especial, mostrava-se, cada vez mais, distante e ameaçada. “Los latinoamericanos que con Sarmiento y su generación soñaron en los Estados Unidos de la América del Sur, semejantes a los poderosos Estados Unidos de la América del Norte, titubean y buscan – todavía – en su propia historia la fuerza de unificación de sus respectivos pueblos” (ZEA, 1967, p. 59-60). Nesse contexto, “llegó Ariel hasta la conciencia de América, en una reacción decidida contra el empuje materialista, como ahora numen de una época” (ANTUÑA, 1952), lembra-nos Antuña.

Porém, Ariel não chega como um pronunciamento distante infiltrado no processo histórico que a América Latina enfrentava, muito menos surge como uma expressão circunstancial de um momento específico de uma ação criadora, mas a *ocasião* e o *contexto* encontram uma conciliação indissolúvel, diz Lockhart (1982), que ainda reforça:

fue la palabra que el instante estaba reclamando; pero fue también – y lo sigue siendo, en un presente que no habrá seguramente de tener término – una declaración de valores humanos de vigencia intemporal, indicación de constantes espirituales que han de seguir toda actitud de integración y superación social, sin limitación de tiempos ni fronteras (LOCKHART, 1982, P. 95).

Nessa mesma direção iria o peruano José Miguel Oviedo (2005), muito tempo depois, afirmando que a mensagem de *Ariel*, com seu ideal de sociedade civilizada e harmônica, associada à sua visão homogeneizante da cultura, podia somar-se, até mesmo, à forma em que se configurou o Uruguai e toda a região rioplatense: “una realidad mayoritariamente de raza blanca, europeizada e ilustrada que miraba al outro lado del Atlántico, y que no compartía los mismos problemas de otras latitudes de América” (OVIEDO, 2005, p. 331). Apesar do comentário negativo a respeito da obra, consequentemente do autor, Oviedo reforça que Rodó “nos dio una imagen exaltada y promisoría del continente, verdadero heraldo del futuro y campeón de la democracia, dotado de una fuerza moral superior al poder económico de los Estados Unidos” (OVIEDO, op. cit. p. 331). Contudo, o que se nota, apesar de todo o esforço rodoniano, é que *Ariel* não conseguiu ultrapassar os dois pontos mais comuns de sua interpretação: primeiro, o foco, o desenvolvimento, a realidade e o destino da cultura latino-americana frente à herança europeia; segundo, a indelével luta contra a hegemonia norte-americana.

Sobre essa última observação, talvez a resposta ao que propôs ou sugeriu Rodó em *Ariel* esteja na observação que Zum Felde apresenta em *Índice Crítico de la Literatura Hispanoamericana* (1957), quando afirma que, enquanto

“el titán del norte está siempre ahí con sus virtudes y con sus defectos, crecidos ambos en proporción del tiempo, esta América Latina sigue experimentando ahora como entonces, la necesidad de afirmar su propia personalidad frente al titán, hoy más poderoso que ayer. Toda la literatura hispanoamericana de este medio así lo atestigua. Y la vigencia de ‘Ariel’ en cuanto al problema, no parece haber declinado. La posición – y la oposición – trazadas en el pequeño libro profético en cuanto a este punto parece ser confirmada por el tiempo como un hecho definitivo” (ZUM FELDE, 1957, p. 298).

Se considerarmos o ponto de vista de Zum Felde na década de 50, o de Oviedo nos anos 2000, ou até mesmo a visão retrógrada de um Valera, nos idos de 1900, é importante reconhecer que quando o livro de Rodó vem à tona, o momento era ou mostrava-se propício para o seu surgimento, já que a intelectualidade latino-americana, vivendo ainda a dicotomia entre Sarmiento – escritor com exacerbada raiz antitradicionalista, ódio às instituições

acadêmicas e ao gaúcho (BELLA JOZEF, 2005) – e Rubén Darío – cuja principal característica talvez possa ser resumida como a de um artista que “se reinventa a sí mismo y se metamorfosea; con alta conciencia crítica de la vida moderna y de la función que el arte cumplía (o debía cumplir) en ella” (OVIEDO 2005, p. 285), via surgir um novo momento literário com o título de modernismo⁸⁹, que diferentemente do movimento que o antecedeu, encontrou um ambiente diferente e favorável à Recepção da obra literária, já que os novos autores

Vão contar com um público real, que já não se confunde com o conjunto dos próprios escritores, mas que é integrado sobretudo por uma consciência de classe média onde se recrutam ao mesmo tempo produtores e consumidores de literatura, fenômeno que se tornará mais claro à medida que se adentra o século XX (SAER, 1972, p. 327).

Nesse contexto, em *Rodó-Ariel* parece estar a chave para um novo caminho de libertação, de catarse, não só no campo identitário – especialmente aquele que define o interesse hispano-americano pelo que está acima ou abaixo do Rio Grande⁹⁰ – como também no campo literário, visto que o modernismo já mostrava sua cara silenciosamente e despontava para provocar uma renovação no que se fazia até então na América Latina. Vivia-se por essa época o auge do cientificismo, do racionalismo, consequentemente, o que Rodó chamou de *utilitarismo*, e o continente latino-americano havia entrado, de maneira definitiva, no desenvolvimento industrial, trazendo o acesso à riqueza e ao progresso material a determinados grupos sociais. Como consequência, os novos ares desse *glamour* provocavam alterações no comportamento no novo rico, levando essa nova sociedade a pedir mudanças, também, naquilo que dizia respeito à cultura e à arte em geral.

Frente ao quadro sócio-político-cultural que a América Latina enfrentava, o movimento modernista

Nace de una aguda conciencia crítica de esas carencias crítica no resueltas y del impulso por *modernizar* también el pensamiento, la sensibilidad y la vida espiritual de los hispanoamericanos que vivían esas décadas finales con una creciente inquietud. Es decir, representa un vasto esfuerzo por alcanzar un *aggiornamento* que permitiese recuperar la armonía perdida entre la realidad social y sus formas artísticas, estimulándolas a vivir, por primera vez en

⁸⁹ Segundo Bella Jozef, “O modernismo foi a resposta da América hispânica aos processos de modernização o mundo ocidental, através da celebração de sua cultura, o desenvolvimento de uma ideologia do arielismo para contrabalançar o materialismo do norte e a exaltação aristocrática da vida. [...] Era o refinamento de sensações, a emoção, o efeito novo de som, luz e cor, ritmos raros e exóticos, mundo original de imagens, virtuosismo formal, concepção da arte oposta à objetividade didática e social. [...] Depois de uma etapa de disciplina científica, o Modernismo consistiu numa volta ao artifício (BELLA JOZEF, 2005, p. 91).

⁹⁰ Rio localizado na fronteira entre México e Estado Unidos da América.

conjunto, la riesgosa aventura de la modernidad. El rechazo del espíritu provinciano y la exaltación cosmopolita de los modernistas no son, pues, un gesto puramente «literario»: era el reconocimiento de que las grandes urbes criollas podían y debían ser focos de una nueva cultura, altamente refinada (OVIEDO, 2005, p. 220).

Entretanto, essa “esperança social”, creditada praticamente de maneira única à obra de Rodó, passa a ser um complicador para o intelectual uruguaio, visto que ele assume dupla responsabilidade frente a uma incipiente geração de escritores: a “de artista e pensador, de estilista e escritor de idéias” (AZÚA, 1967). Contudo, a exemplo de Simón Bolívar, Rodó também pressentiu a sua importância no contexto além-Uruguaio e estendeu para toda a hispano-América e Europa seu projeto “arielista”, estabelecendo para seu ensaio a responsabilidade de demonstrar ao público, especialmente o juvenil, em sua opinião o único capaz de enfrentar essa luta, o caminho mais adequado para combater as influências externas, especialmente aquelas oriundas da já presente e dominante Nordomania. Nesse ínterim, Rodó parece ter cometido uma única falha: ao propor sua ária, deixa a bola “quicando” a respeito daquilo que atormentava o espírito, daquilo que ameaçava a identidade cultural. Na opinião da crítica, não apresentou metas ou objetivos claros que orientassem aqueles interessados em agir frente às ameaças e perigos impostos pela política da nova onda global que ameaçava a frágil democracia latino-americana. Mas, em carta a Enrique José Varona quando do lançamento de Ariel, Rodó já lembrava a respeito de seu ensaio:

Es, este libro de propaganda, de combate, de ideas. He querido proponer, en sus páginas, a la juventud de América una profesión de fe que ella puede hacer suya. Me han inspirado, para hacerlo, dos sentimientos principales: mi amor vehemente por la vida de la inteligencia y, dentro de ella, por la vida del arte, que me lleva a combatir ciertas tendencias utilitaristas e igualitarias: y mi pasión de latino que me impulsa a sostener la necesidad de que mantengan en nuestros pueblos lo fundamental de su carácter, contra toda aspiración absorbente e invasora (PENCO, 1978, 34).

Penco (1978) recorda que na carta enviada a Unamuno, Rodó ainda recordava que o poeta espanhol veria em seu ensaio, antes de tudo,

Una obra de acción, si así puede decirse; he querido hablar a la juventud a la que pertenezco, a la juventud de América, sobre ideas cuyo interés y oportunidad me parecen indudables; y si no pareciera aspiración presuntuosa agregaría que he ambicionado iniciar, con mi modesto libro, cierto movimiento de ideas en el seno de aquella juventud, para que ella oriente su

espíritu y precise su programa dentro de las condiciones de la vida social e intelectual de las actuales sociedades de América (PENCO, 1978, 34).

Enquanto recepção, se Ariel tem a cara de um ensaio, um discurso ou um manifesto, ou até de um ‘panfleto civil’ (ACOSTA, 2003), não importa, visto que a obra parece cumprir sua missão junto ao leitor, fazendo-o refletir sobre as questões propostas por Rodó, ou seja, tudo aquilo que envolve o próprio espírito, a política, a cultura, a identidade, uma futura filosofia, ou o lado lúdico da vida. Para Azúa (1948), aquela tipologia textual, independente de seu caráter, se reduz a um único eixo, configurando-se, definitivamente, em um *manifesto* que passa a representar a própria América Latina. Vendo dessa forma, Ariel significou “um recomeço da filosofia latino-americana em 1900”, afirma o historiador Acosta (2003), embora essa afirmação venha de encontro ao que pensava Zum Felde, que dizia que se Rodó pretendia ser filósofo, ficou devendo respostas aos problemas da consciência e da vida contemporâneas.

Como filósofo ou não, a verdade é que Rodó-Ariel foi/foram tido/tidos como um modelo a ser seguido e imitado. Suas primeiras publicações foram mapeadas e divulgadas pela *Revista Ariel*, que iniciou seu trabalho em 1920, na cidade de Montevidéu.

Em José Enrique Rodó (1974), da pesquisadora uruguaia Maria E. Seré de Berro, encontramos um mapeamento interessante da recepção rodoniana, a exemplo de Washington Lockhart, com seu *Los negadores de Rodó* (1968), dizendo ao leitor que vários escritores latino-americanos debruçaram-se sobre Ariel e Rodó, a exemplo de: Hugo Barbagelata, escritor uruguaio que publica em 1920 Rodó y sus críticos, uma reunião de depoimentos famosos sobre José Rodó. Reúne ali Leopoldo Alas, el Clarín; Rubem Darío; Jesús Castellanos, Miguel de Unamuno, Juan Valera, Victor Pérez Petit, Mria Eugenia Vaz Ferreira, Garcia Calderón, entre outros. Victor Pérez Petit publica Los compañeros de Rodó, com profunda ressonância entre os escritores de língua espanhola.

Em 1941, quando da realização do Congresso de Estudantes Universitários, reunidos no Chile, evento que reuniu mais de seis mil participantes, Rodó foi eleito como o “Maestro de las juventudes del Continente”. Em 1942, a prefeitura de Montevidéu reuniu a nata intelectual local, com o objetivo de se criar o *Ideário de Rodó*. Na verdade, houve um concurso literário no qual foram vencedores o poeta e professor Roberto Ibáñez e o professor Gil Salguero, primeiro e segundo lugares, respectivamente. Ainda no ano de 1942, é lançada na Costa Rica, por Joaquín García Monje, a obra Repertório Americano, no qual Rodó é consagrado no tomo XXXIX.

Com o intuito de divulgação e manutenção da obra rodoniana, surge, também, a *Sociedad de hombres de letras*, sob o comando de Carlos Martínez Vigil. Quando de sua inauguração e homenagem a Rodó, estiveram presentes Miguel de Unamuno, Eugenio de Ors, Azorín, Ortega y Gasset, entre outros escritores de renome internacional.

Em 1944, os professores João de Souza Ferraz, paulistano, e Gastón Figueira, uruguaio, com o intuito de elaborarem um livro didático para o ensino da língua espanhola aos brasileiros, escrevem a obra La Lengua Española para o 2º Ciclo. A obra é uma seleção de páginas dos mais importantes escritores americanos e nessa antologia, em prosa e verso, está o nome de Rodó. Em 1945, em missão diplomática a Moscou, o escritor e diplomata Emilio Frugoni realizou uma conferência na Biblioteca Central de Literatura Estrangeira, na qual destacou, entre outros nomes de relevância da literatura latino-americana, a figura de José Enrique Rodó como o maior escritor uruguaio. Ali, disse:

Cuando por primera vez visité la Biblioteca de Lénin, quise saber si figuraba entre sus diez millones de volúmenes alguno del más grande prosista de mi país, y uno de los más grandes del habla española, don José Enrique Rodó; ha podido advertir que la literatura uruguaya, al igual que toda la hispanoamericana, está apenas representada (FRUGONI, 1953, p. 233-34).

Por fim, no que diz respeito à recepção do escritor e do homem José Enrique Rodó, conclui-se que ele foi um homem de muitos amigos e, até certo ponto, pode-se afirmar que pôde experimentar o sabor do sentido e significado da palavra *sucesso* ainda em vida. O que contribuiu, nesse sentido, com Rodó, foi a rede de contato fomentada por ele próprio quando lançou seus ensaios e livros, em particular Motivos de Proteo (1909), O espelho de Próspero (1913) e, claro, Ariel (1900). Contudo, Rodó, um homem estritamente rigoroso e articulado, participou ativamente do processo histórico – político-sócio-cultural – uruguaio, o que lhe trouxe, certamente, desafetos. Dessa forma, formou-se, ao longo do tempo, como lembra Hugo Torrano em seu livro Rodó – Acción y Libertad: restauración de su imagen (1973), “La escuela detractora de Rodó”, cujo objetivo principal era a de “borronear la imagen rodoniana”.

Mesmo já carregando nas costas a responsabilidade de ser o “pioneiro do antiimperialismo (BENEDETTI, 1966), e de ter sido batizado com o codinome de *Maestro da América* pela juventude, pelo menos a hispânica, os negadores de Rodó ou, simplesmente, os discentes da escola detractora rodoniana o classificavam como: conservador, aristocrático, político, homem fora da realidade de seu tempo, distraído, sonhador – ou sonâmbulo – equivocado, detentor de um colonialismo mental, etc. Rodó, por outro lado, especialmente

após a sua morte, e antes dela também, reuniu, podemos afirmar sem esforço, uma legião, uma *Escuela* defensora daquilo que pregava como Mestre, a exemplo dos últimos autores citados acima: Benedetti e Torrano.

Finalmente, cremos que um dos melhores exemplos dos caminhos e descaminhos da recepção à obra de Rodó poderia ser resumida pela posição de Zum Felde (1985), na qual apresenta uma leitura perfeita a respeito daquele considerado *El Maestro de la América*

La característica más fundamental y típica de la mentalidad de Rodó – en “Ariel” y en sus libros posteriores – lo que puede ser la clave de su filosofía, es la constante norma de conciliación y equilibrio entre las antinomias, actitud y criterio de los que resulta su libre posición crítica al margen de todo doctrinarismo exclusivo, de todo sistema hermético, cierta forma de eclecticismo o de síntesis, que le permite conjugar armónicamente los elementos dispares y resolver teóricamente los conflictos. Así, concilia helenismo y cristianismo, positivismo e idealismo, tradicionalismo y renovación, progreso técnico y cultura humanística, igualdad democrática y aristocracia espiritual, europeísmo y americanismo, agnosticismo y religiosidad, *et sic de coeteris*. Esta forma de conciliación dialéctica, aplicable y aplicada a todos los conflictos de la filosofía y de la vida, es lo más formal y característico del *arielismo*, ya que esa prédica de los valores espirituales de la cultura – que es lo que aparece en primer término como su característica preponderante y la determinante de su éxito histórico – es también el resultado de ese eclecticismo de su norma dialéctica, puesto que no lo propone *en lugar* de lo otro, su contrario, el utilitarismo pragmático, el culto del progreso técnico, sino como su prioridad, que ha de equilibrarse con aquello – cuya necesidad reconoce – , y cuyos males – males de su exclusividad – aspira a corregir. No es esto contra aquello, sino aquello y esto, armónicamente equilibrada en una síntesis superior (ZUM FELDE, 1985, tomo II, p. 70).

Considerando-se as palavras de Zum Felde, um dos maiores críticos e detratores da obra de Rodó, e seu posterior admirador, não é necessário, pensamos, afirmar o quanto é relevante sua posição e, assim, encerramos esse momento dedicado à recepção da obra do autor uruguaio, nesse período específico.

VIII – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nuestro norte es el Sur.

“No debe haber norte, para nosotros, sino por oposición a nuestro Sur. Por eso ahora ponemos el mapa al revés, y entonces ya tenemos justa idea de nuestra posición, y no como quieren en el resto del mundo. La punta de América, desde ahora, prolongándose, señala insistentemente el Sur, nuestro norte.”

Joaquín Torres García, 1941.

Em uma visita recente à cidade de Montevideú, ainda com o objetivo de encontrar alguma raridade sobre a vida, a obra e histórias de Rodó nas livrarias locais, em uma delas, enquanto olhava as prateleiras, durante a conversa com o livreiro, perguntei se ele tinha alguma graduação e há quanto tempo estava no ramo nos livros. Surpreso, respondeu-me que tinha formação em Desenho, mas que já atuava no ramo de livros há algum tempo. Então, perguntei a ele com que frequência ocorria a procura pelo nome *José Rodó* em seu estabelecimento. Depois de pensar por alguns instantes, respondeu-me que, até onde conseguia lembrar, eu era o primeiro nos últimos doze meses.

Através das inúmeras leituras realizadas durante esse processo de levantamento de dados, pude verificar que tanto *Ariel*, a obra, como a figura de *Simón Bolívar*, inevitavelmente, estão presentes no *in-consciente* coletivo do homem latino-americano. Também é *mister* afirmar que, para uma grande quantidade de pessoas comuns e intelectuais, José Enrique Rodó e Sílvio Júlio ainda são *ilustres desconhecidos*.

De maneira distinta, esses *ilustres desconhecidos* foram importantes na discussão e no processo de formação do continente, especialmente através de suas obras, cruzando seus respectivos pensamentos, muitas vezes, naquilo que parece ser buscado até hoje por todos aqueles que vivem abaixo da linha do Equador: a identidade latino-americana.

Nessa busca, podemos dizer que, na contemporaneidade, curiosamente - e contraditoriamente - outros elementos e instrumentos se agregam e são agregados a esse fim identitário, amplificando as vozes que buscam o mesmo sentido de união e estabelecendo relações entre elas. Foi o que constatamos a partir da observação, da experiência e da leitura de textos, fossem eles novos ou antigos. Nesse sentido, destacaremos a seguir um texto que julgamos um bom exemplo do que foi afirmado, especialmente no caso de José Enrique Rodó.

Com o intuito de comemorar o primeiro centenário de Ariel, no ano de 2000, o Ministério de Educação e Cultura do Uruguai relançou o livro Ariel – José Enrique Rodó. Não se tratava da obra em si reeditada, mas de uma análise a respeito da obra, sob o comando dos professores Martha Canfield e Rômulo Cosse.

Esse livro tem como abertura um artigo de Antonio Mercader, ministro da Educação e Cultura na época, intitulado: *A 100 años, Rodó y su Ariel siguen siendo noticia*. Um fato curioso a ser destacado é que o texto inicia, em oposição à forma com que *Ariel* foi escrito, fazendo referência ao uso da internet pelos jovens. Mercader deixa evidente que escreveu seu texto fazendo uso de um computador e buscou nos *sites* de busca uma “posição” referente a Ariel naquele momento. É uma re-atualização do próprio texto, por que não dizer, quiçá, daquilo que Rodó chamou atenção e criticou, ou seja, a modernidade, o utilitarismo.

Mercader diz:

Rastreando en Internet los jóvenes de hoy pueden encontrarse hasta 141 “sitios” dedicados al Ariel de José Enrique Rodó. Un siglo después, tantas referencias en la red de redes son un signo elocuente de la permanencia del mensaje rodoniano. ¿Cuál mensaje? Según las páginas “web” el contenido de mayor vigencia de Ariel es el “antiyanquismo”, como señala un boletín de la Universidad de Columbia. [...] Um siglo después, desde las más inesperadas perspectivas, Rodó y su *Ariel* siguen siendo noticia, lo que no es poca

cosa para aquel escritor montevidiano que quiso dejar una lección a los jóvenes de su tiempo y hoy perdura, como motivo de atención para diversas generaciones. Leer en estos días el Ariel es, sin duda, una experiencia interesante para aquellos que saben alternar la lectura en la pantalla del ordenador con ese insuperable objeto que es el libro, obstinado portador de los grandes mensajes (2000, p. 7).

A leitura possível de se fazer de Ariel, primeiramente, é que por muito tempo, e de maneira especial após o primeiro cinquentenário, a obra assumiu uma posição de destaque e símbolo de possibilidades, leia-se luta, para aqueles idealistas que sempre tiveram os Estados Unidos da América como inimigo número um da América Latina. No entanto, posta no mercado, o obra assume vida própria e o seu autor perde o presumido poder sobre a mesma, visto que, a partir de agora, é o leitor que dá sentido a ela.

Quando se publica Ariel, em fevereiro de 1900, o momento político era crítico e sabe-se que Rodó assimilou a derrota espanhola para os norte-americanos de maneira bastante particular. Encontrou na escritura o melhor caminho para marcar sua posição frente ao que ocorria. Colocando-se contrário à imposição cultural nórdica, em nível já bastante avançado no continente, Rodó escreve uma obra cuja linha principal estava baseada nos princípios da civilização greco-latina, que para muitos analistas, era apenas uma continuidade da dominação européia.

Porém, o que se viu é que Ariel, ou o próprio José Rodó, buscava motivar no homem de então uma elevação, talvez até a própria renovação – do espírito, quiçá da consciência, visto que este se encontrava abalado pelas influências do Novo Mundo. Rodó encontrou na figura de Próspero, o professor, cuja silhueta esconde o próprio autor, a fórmula para fazer essa comunicação – aí, podemos ler: reflexão, a (auto)-crítica ao pensamento até mesmo local/montevidiano, por fim, à violenta invasão norte-americana a Cuba e Porto Rico e sua respectiva política selvagem e dominadora para o continente, etc – , através do que Cosse (2008) classifica de *biplanaridade*, ou seja, o ensaio rodoniano, *qualifica a palavra* e, consequentemente, o seu *pensamento*, com um objetivo bastante claro: maturar, solidificar, robustecer e dizer, através da narrativa ficcional, enquanto elemento de resistência, tudo aquilo pensava sobre o mundo atual.

Assim, no último dia de atividades escolares, esse “Eu” recomenda aos seus alunos – a juventude americana – o que deveriam fazer por si próprios e pela sociedade da qual fazem parte, sociedade essa ameaçada, especialmente, pelo pecado utilitarista. Rodó sabe que

el momento en que escribe no es propicio para que la juventud haga ejercer su influencia, pero al mismo tiempo siente que ‘América necesita de su juventud’. Y por ello reflexiona: ‘Quizá universalmente, hoy, la acción y la influencia de la juventud son en la marcha de las sociedades humanas menos efectivas e intensas que debieran ser (MONEGAL, 1957, p. 101).

Talvez, por essa razão, Ariel tenha sido uma das obras mais lidas nos últimos cem anos ao longo da América Latina, como recorda Devés-Valdéz (2000). Rodó criou um livro que se descobre a cada re-leitura e que parece estar sempre pronto a seduzir o seu leitor, jovem ou de primeira viagem, levando-o a questionar-se justamente sobre o que ocorreu, ou tem ocorrido, com a história da América Latina nesses últimos cem anos, visto que a obra continua vigente e atualizada a cada pesquisa, seja ela no campo da História, seja ela no campo das Letras.

Lo fermental sería pensar Ariel, más que como una toma de posición hoy vigente, como un desafío a la discusión de un complejo conjunto de problemas, en el marco de una educación fortalecida y jerarquizada. Es posible que de este modo, su presencia en la cultura contemporánea, cobrase un nuevo sentido, al promover una recepción polémica y reflexiva. [...] y a partir de ahí, esperar futuros lectores capaces de emprender su propia aventura, fundada en la tenacidad y audacia de su capacidad comprensiva (COSSE, 2008, p. 82).

Quer dizer, a Recepção assume um papel relevante nesse contexto, uma vez que este leitor – em especial o rodoniano – é convidado a ser um membro ativo do processo que revela a esteticidade da obra. Estará em suas mãos a responsabilidade de transformar o até então objeto paralisado, inerte, naquele com sentido, respostas, significados e, praticamente, vida própria. Neste caso, a obra, enquanto literatura, não só proporcionará o prazer estético, como assumirá a missão transformadora desse leitor.

“sabe que no puede *ser más* de lo *que es*;
pero sí que puede *hacer más* de lo que ha hecho”⁹¹

Na obra Bolívar ou Cérebro e coração de Bolívar, cuja primeira edição é de 1931, Sílvio Júlio traz ao leitor a figura do mito, antes de tudo, romantizado. Seguiu a mesma opinião dos críticos modernos a respeito do símbolo máximo da Venezuela, ou seja, descreveu seu Bolívar como: o herói entronizado, sem problemas ou defeitos, o salvador da Pátria Grande, o homem bom, justo, sempre correto em suas ações, aquele que, se errou, foi porque tentou unir a todos. Se ele não conseguiu, foi devido aos interesses particulares de seus opositores e até mesmo amigos, a ânsia particular de cada um pelo poder.

Enquanto recepção, registro que, como leitor e pesquisador da obra silviojuliana, ficou claro que: 1. Seu livro Bolívar, lamentavelmente, não teve circulação acadêmica, salvo em bibliotecas de intelectuais que se interessavam pelo tema, ainda que tenha sido quatro vezes editada; 2. Como escritor e crítico literário sobre o tema *América Latina*, não foi encontrada nenhuma citação a respeito de Sílvio Júlio, ou suas obras, nem mesmo quando Sílvio Júlio falou de José Enrique Rodó, em José Enrique Rodó e o Cinquentenário do seu livro Ariel, que data de 1954; muito menos sobre figura de Bolívar.

Pode-se especular que o temperamento intransigente silviojuliano seja o grande responsável por essa ausência nas bibliografias latino-americanas, muito embora seja possível encontrar uma ou outra obra de sua autoria em livrarias ou sebos, em cidades como Montevideu, Buenos Aires, Santiago, São Paulo ou Rio de Janeiro, o que se lamenta imensamente, visto que Sílvio Júlio de Albuquerque Lima, intelectual de primeira grandeza, viu uma América com os mesmos olhos de Bolívar, de Rodó, do qual foi amigo próximo, de Darío ou Martí.

Sílvio Júlio de Albuquerque Lima esforçou-se para confirmar e deixar registrado nos anais da história acadêmica, fosse aos olhos da Literatura, fosse aos olhos da História, que o venezuelano Simón Bolívar lutou ao extremo para unificar *nuestra* América em uma república *una*, em um único Novo Mundo, a partir daquelas características que mais os aproximava enquanto hispânicos, ou seja: a língua, corroborada pela religião e pelos costumes, mesmo com todos os seus contraditórios.

⁹¹ Simón Rodríguez, *Defensa de Bolívar (El Libertador del mediodía de América y sus compañeros de armas defendido por un amigo de la causa social)*, Caracas, imprenta Bolívar, 1916, p. 78. El subrayado [aqui en cursivas] es de don Simón.

Ao longo de nossa colonização, com guerras e conflitos em todas as partes do Continente, a esperança da união e irmandade latino-americana continuava intensa e ativa, especialmente através de intelectuais como Enrique Stefanini, diretor da *revista mensual de difusión cultural americana Nuestra América*, publicada na capital argentina, que nos idos de 1928, quase cem anos depois das palavras de Bolívar, repetia:

La América Latina existe. Es una y única desde el Rio Grande hasta el Rio de la Plata. No hay diferencia fundamental alguna entre mejicanos y argentinos, o entre estos y los venezolanos, o entre estos y los peruanos. En idiomas, en religión, en historia, en costumbres, en puntos de vista, en sentimientos, en gustos, en tradiciones, en todo, en todo, en todo, somos un solo pueblo, dividido apenas por fronteras políticas (SILVIO JULIO, 1928, p. 15).

Politicamente, o sonho de Bolívar, e de outros presumíveis libertadores, era uma Hispanoamérica integrada, com o objetivo de alcançar a solidez e liberdade dentro dos preceitos da cooperação e solidariedade entre os povos do continente, e construção de um estado confederado, com assim o fez aquela América mais ao norte, calcanhar de Aquiles tanto de Bolívar como também de Ariel, de José Rodó. Entretanto, os interesses não comuns, individuais, políticos e econômicos, parecem ter prevalecido nesse processo histórico mais que o próprio pensamento integracionista da região como um todo.

Simón Bolívar não foi “santo” nesse processo, uma vez que quando propunha reunir um Estado Uno, via-se como Comandante Supremo, com poder ditatorial – tanto que quatro anos antes de sua morte, durante o discurso no *Congreso Constituyente de Bolívia*, em 25 de maio de 1826, afirmava:

El Presidente de la República viene a ser en nuestra Constitución como el Sol que, firme en su centro, da vida al Universo. Esta Autoridad debe ser perpetua, porque en los sistemas sin jerarquías se necesita más que en otros un punto fijo alrededor del cual giren los Magistrados y los ciudadanos: los hombres y las casas (BOLIVAR, 1981, p. 130).

Infelizmente, para Bolívar, foram ações e comportamentos como esse que atrapalharam seu projeto e afastou seus aliados; contudo, a literatura produzida sobre a sua história ao longo dos anos coloca Bolívar como o cidadão que mais sonhou com uma América totalmente irmanada, coesa.

Moacir Werneck de Castro lembra em O Libertador – A vida de Simón Bolívar (1988), que somente o pesquisador espanhol Pedro Grase, em 1978, ao publicar El archivo del

Libertador, com cartas, anotações pessoais, decretos, etc, precisou nada mais nada menos que de 208 tomos para reunir todo esse material.

Entretanto, os pesquisadores relevam, ou colocam em segundo plano, figuras como San Martín, Bernardo O'Higgins, Sucre, Santander, Miranda, entre outros nomes importantes naquele quadro de ações, estratégias, guerra, poder e decisão junto àquele que julgavam o Libertador da América, o criador de nações. Assim também o fez Sílvio Júlio.

Por fim, pese as grandes diferenças entre as nações que a formam, a América Latina vive um momento de grande transformação sócio-político-econômico-cultural-acadêmica, onde a sociedade se olha frente ao próprio espelho. As veias abertas (Galeano, 2001), que ainda sangram, precisam ser curadas sob o comando da própria América Latina, e não subjugadas, sob o pretexto da hoje globalização e em nome de um bem maior, ou seja, o planeta, por forças que se dizem – e às vezes até o são – superiores.

Somente unidos, encontraremos o elo que nos une, seja no cotidiano da fronteira entre Santana do Livramento/Brasil e Rivera/Uruguai, seja na fronteira entre Tijuana/México e San Diego/EUA.

Enfim, ao tomar por base o desejo particular de Sílvio Júlio, brasileiro, e José Rodó, uruguaio, coincidentemente um ao norte, outro ao sul do continente, corroborado muitos anos depois por outro uruguaio, o pintor Joaquín Torres, certamente, o nosso *Norte deverá ser sempre o Sul!*

BIBLIOGRAFIA GERAL**Parte 1. Obras consultadas, citadas e apoio**

- ACHUGAR, Hugo. *Planetas sin boca: Escritos efímeros sobre arte, cultura y literatura*. Montevideo, Trilce, 2004.
- ACUÑA, Eduardo Rozo. *Simón Bolívar – Obra política y constitucional*. Madrid, Editorial Tecnos, 2007.
- ALCANTARA, Tomás Polanco. *Simón Bolívar: ensayos de una interpretación biográfica a través de sus documentos*. Mérida, Biblioteca Andina, 1994.
- ALONSO, Diego. *José Enrique Rodó: Una retórica para la democracia*. Montevideo, Trilce, 2009.
- AMORA, Antonio Soares. *Introdução à Teoria da Literatura*. São Paulo, Cultrix, 1971.
- ANDRADE, Mário. *O banquete*. Duas Cidades, SP, 1977.
- ANTUÑA, Jose G. *Un panorama del Espíritu – El Cincuentenario de Ariel*. Montevideo, Humanitas, 1952.
- ARDAO, Arturo. *Nuestra America Latina*. Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental, 1986.
- ARICÓ, José. *Marx e a América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- AYALA, Mario Hugo. “Historia, Cultura e Ideologia en el movimiento Bolivariano venezolano”. In: *Anacronic@*. Revista de los Estudiantes de Historia. Nº 4, Febrero, 2006.
- AZUA, Carlos Real de. *José Enrique Rodó – Ariel, Motivos de Proteo*. Volume 3, Biblioteca Ayacucho, Caracas, 1976.
- _____. *Medio Siglo de Ariel*. Montevideo, Academia Nacional de Letras, 2001.
- _____. “El problema de la valoración de Rodó”, In: *Cuadernos de Marcha*, Nº 1, Montevideo, mayo de 1967.
- BAITY, Elizabeth Chesley. *A América antes de Colombo*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1963.
- BARBAGELATA, Hugo D. *Rodó y sus Críticos*. Paris, Biblioteca Latino-Americana, 1920.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 4 ed. São Paulo, Perspectiva, 2004.
- BELLA JOZEF. *Historia da Literatura Hispano-americana*. 4 ed. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2005.
- BELLOTTTO, Manuel / CORREA, Anna / FERNADES, Florestan. *Simón Bolívar: Política*. São Paulo, Ática, 1983.

- BENEDETTI, Mario. *Genio y figura de Jose Enrique Rodó*. Editorial Universitaria de Buenos Aires, Buenos Aires, 1966.
- _____. *Literatura uruguaya – Siglo XX – 1ª Parte*. Tomo 20. La República. Garibalde, Montevideo, 1991.
- _____. *Rodó, el pionero que quedo atras*. 2ª Parte. Tomo 21. La República. Montevideo, 1991.
- _____. “Temas e Problemas”. In: *América Latina em sua Literatura*. Perspectiva, São Paulo, 1979.
- BERRO, maria E. Seré. *José Enrique Rodó – Su mensaje*. Montevideo, Barreiros y Ramos, 1974.
- BERZAL, Montserrat Iglesias. “Simón Bolívar la oportunidad de Hispanoamérica en el General en su laberinto”. In: *Latino America – Revista de Estudios latinoamericanos*. México, UNAM, 2005. .
- BEYHAUT, Gustavo & HÉLÈNE. *De la independencia a la segunda guerra mundial*. México, Siglo XXI, 1995.
- BOLIVAR. Simón. *Doctrina del Libertador*. Caracas, Fundación Biblioteca Ayacucho, 1976.
- _____. *Discursos y Proclamas*. Caracas, Coleção Ayacucho, 2007.
- _____. *Simón Bolívar: Escritos Políticos*. Madrid, Alianza Editorial, 1981.
- _____. *Para nosotros la Patria es América*. Caracas, Fundación Biblioteca Ayacucho. 1991.
- _____. *Libertador de naciones, creador de Patrias*. Colección Biografías. Caracas, Ministerio de Comunicación e Información, 2005.
- _____. “Discurso de Angostura”. In: *Correo del Orinoco*, Venezuela, 1819.
- _____. <http://patriagrande.net/venezuela/simon.bolivar/index.html>, 2007.
- _____. “Carta de Jamaica”. Disponível em <http://patriagrande.net/venezuela/simon.bolivar/index.html>, 2007.
- BOLLO, Sarah. *Sobre José Enrique Rodó*. Montevideo, Impresora Uruguay, 1946.
- BOMFIM, Manoel. *A América Latina – males da origem*. Rio de Janeiro, Topbooks Editora, 2005.
- BONICE, Thomas, ZOLIN, Lúcia Osana, Organizadoras. *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2 ed. Ver e ampl. – Maringá: Eduem, 2005.
- BONILLA-MOLINA, Luis / EL TROUDI, Haiman. *Historia de la Revolución Bolivariana: Pequeña Crónica – 1948 – 2004*. Caracas, 2004.

- BORBA, Maria Antonieta Jordão de Oliveira. *Sentido de Interpretação*. Rio de Janeiro : 2006, edição própria.
- BORDINI, Maria da Gloria / AGUIAR, Vera Teixeira. *Literatura. A Formação do Leitor*. Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas. 2 ed., Porto Alegre. Mercado Livre, 1993.
- BORGES, Altamiro Pires. *América Latina – submissão ou razão*. São Paulo, Anita Garibaldi, 2003.
- BORGES, Luis Arthur. “Sílvio Júlio como crítico simoniano”. FILIN/UCPEL/CEFETRS/NEL/Instituto João Simões Lopes Neto. Pelotas, 2006.
- BRUIT, Héctor H. “A invenção da América Latina”. In: *Anais do V Encontro da ANPHLAC*, Belo Horizonte, 2000.
- BRUSHNELL, David. “Simón Bolívar en la Literatura histórica norteamericana”. In: *Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal – RedAlyc*, UAEMx, 2005.
- BUSTAMANTE, Héctor Villagrán. José Enrique Rodó. *A proposito de “Los últimos motivos de Proteo”*. Montevideo, A. Monteverde & Cia, 1933.
- _____. José Enrique Rodó. *Carta al Dr. Gustavo Gallinal*. Montevideo, La Buena Prensa, 1918.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. 11ª. Edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2010.
- CANFIELD, Martha / COSSE, Rómulo. Ariel. *Jose Enrique Rodó*. Biblioteca Nacional, Montevideo. 2000.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 8 ed. São Paulo, T.A. Queiroz, 2000.
- CARMAGNANI, Marcello. *El otro Occidente. América Latina desde la invasión europea hasta la globalización*. México, El Colegio de México, 2004.
- CARILLA, Emilio. *Estudios de Literatura Hispanoamericana*. Bogotá, Instituto Caro y Cuervo, 1977.
- CARVALHAL, Tania Franco. “América Espanhola e Brasil, dois blocos ou um conjunto continental” In: *Nonada: Letras em revista*, ano 1, v. 1, Porto Alegre: Uniritter ed., 1997.
- _____. *Literatura Comparada*. 4 ed., São Paulo, Ática, 2004.
- CARVALHO, Eugênio Rezende. “Idéias e Identidade na América: quatro visões”. In: *Anais Eletrônicos do III Encontro da ANPHLAC*, São Paulo, 1998.

- CASTRO LEIVA, Luis. *De la Patria boba a la teologia bolivariana*. Monte Ávila: Caracas, 1991.
- CASTRO, Moacir Wenerck de. *O Libertador: A vida de Simón Bolívar*. Rio de Janeiro, 1988.
- CHÁVEZ FRÍAS, Hugo Rafael. “Discurso”. Disponível em <http://www.geocities.com/jones-0980/discurso-de-hugo-chaves.doc>.
- CHIAMPPI, Irlemar. *O realismo maravilhoso*. São Paulo, Perspectiva, 1980.
- CHIAPPINI, Ligia / AGUIAR, Flavio Wolf de. *Literatura e História na América Latina: Seminário Internacional*, 9 a 13 de setembro de 1991. São Paulo: EDUSP, 2001.
- CHIAPPINI, Ligia. *O foco narrativo*. São Paulo, Ática, 2005.
- CHIAVENATO, Julio Jose. *Colombo – Fato e Mito*. São Paulo, Brasiliense, 1992.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago, - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- _____. *Literatura para quê?* Belo Horizonte, EDUEMG, 2009.
- CORRAL, Manuel de Jesús. “José Enrique Rodó, pensador finisecular – vigencia de Ariel en el siglo XXI”. In: *Revista Ariel. Red Filosófica del Uruguay*, Montevideo, Uruguay, número 5, 2000.
- COSSE, Rómulo. *Tradición y cambio en la narrativa uruguaya*. Montevideo: Biblioteca Nacional: Linardi y Risso, 2008.
- COSTA, Cruz. *Contribuição à História das Idéias no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.
- COUTINHO, Afrânio. *Conceito de literatura brasileira*. 2 ed., Petrópolis – RJ, Editora Vozes, 2008.
- CORTAZZO, Uruguay. *Zum Felde: Crítico Militante*. Montevideo, Arca, 1981.
- CUADERNOS DE MARCHA. Rodó. *Textos reunidos de Ibáñez, Zea, Ardão, Azua y Petit Muñoz*. Numero 01. Montevideo, Talleres Graficos, “33”, 1967.
- _____. *Centenario de Rodó*. Numero 50. Montevideo, América Latina, 1971.
- CUENCA, Hector. *Del homenaje al Uruguay y a Rodó*. Caracas, Imprenta Nacional, 1958.
- CULLER, Jonathan. *Teoria Literária – Uma introdução*. São Paulo, Beca, 1999.
- DONGHI, Túlio Halperin. *História da América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.
- _____. *Proyecto y construcción de una nación*. Caracas, Ayacucho, 1980.
- DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *Del Ariel de Rodó a la CEPAL – 1900 – 1950*. Editorial BIBLOS, Buenos Aires, 2000.
- _____. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX – Desde la CEPAL al neoliberalismo*, Editorial BIBLOS, Buenos Aires, 2003.

- _____. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX – Las discusiones y las figuras del fin de siglo. Los años 90*. Editorial BIBLOS, Buenos Aires, 2004.
- _____. *Redes Intelectuales en América Latina*. IDEA/USACH, Santiago, 2007.
- _____. “O pensamento nacionalista na América Latina e a Reivindicação da Identidade Econômica (1020 – 1940)”. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 10, n. 20, p. 321-343. 1997.
- _____. “Vigencia de Rodó”. Disponível em:
http://www.ciicla.ucr.ac.cr/boletin25_08.htm
- DIETRICH, Wolfram. *Simão Bolívar*. Livraria Globo, Porto Alegre, 1937.
- DORELLA, Priscila Ribeiro. *Sílvio Júlio de Albuquerque Lima, um precursor dos estudos acadêmicos sobre a América Hispânica no Brasil*. Dissertação de mestrado, UFMG, 2006.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. 5ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- ECO, Umberto. *Leitura do Texto Literário – Lector in fabula*. Lisboa. Editorial Presença, 1979.
- ENGELS, Friedrich. *A revolução antes da revolução*. 1 ed. São Paulo, Expressão Popular, 2008. Vol 1.
- ETCHEVERRY, Jose Enrique. *Rodo y el Brasil*. Montevideo, ICUB, 1950.
- FANI, Hisgail. *Biografia: sintomas de cultura*. São Paulo, Hacker Editores: Cespuc, 1996.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 14. ed. atual. e ampliada. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. (Didática, 1), São Paulo, SP.
- FIGUEIREDO MONTEIRO, Carlos Augusto. “A América Latina: Da criação passada à invenção necessária”. En publicación: *América Latina: cidade, campo e turismo*. CLACSO, San Pablo. 2006.
- _____. *Os Trópicos: entre a Tristeza e a Esperança*. IEA-USP, São Paulo, 2006.
- FLORES, Maria Cândida Galvão. *O Mercosul nos discursos do governo brasileiro (1984 – 1994)*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 11 ed. São Paulo, Edições Loyola, 2004.
- FREDRIGO, Fabiana de Souza. *Guerras e escritas – a correspondência de Simón Bolívar (1799 – 1830)*. São Paulo, Ed UNESP, 2010.
- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- _____. *A descoberta da América Latina (que ainda não houve)*. Porto Alegre, UFRGS/MEC/Sesu/Proedi, 1988.

- GARCIA, Maximo. *Homenaje a José Enrique Rodó*. Montevideo, El Siglo Ilustrado, 1920.
- GARCIA MARQUEZ, Gabriel. *O general em seu labirinto*. 10. ed. Rio de Janeiro, Record, 2011.
- GIORDANO, Alberto. *Razones de la Crítica – sobre Literatura, Ética y Política*. Buenos Aires, Colihue, 1999.
- GOSALVEZ, Raul Botelho. *Reflexiones sobre el cinquentenário del Ariel de Jose Enrique Rodó*. La Paz, Centenário, 1950.
- GUYARD, Marius-François. “Objeto e método da Literatura Comparada”. In: COUTINHO, Eduardo e CARVALHAL, Tania (org). *Literatura Comparada – Textos Fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HARWICH, Nieta. “Un héroe para todas las causas: Bolívar en la historiografía”. In: *Iberoamericanas*, vol. III, nº 10, 2003.
- HEGEL, George Wilhelm Friedrich. *A razão na história: uma introdução geral à filosofia da história*. São Paulo, Centauro Editora, 2001.
- HISGAIL, Fani. *Biografia: sintoma da cultura*. São Paulo, Hacker : Cespuc, 1996.
- IANNI, Octávio. *Enigmas do Pensamento Latino-Americano*. IEL-USP, São Paulo, 1991.
- _____. “A dialética das relações raciais”. Disponível em www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a03v1850.pdf. Acesso em julho 2011.
- ISER, Wolfgang. “A interação do texto com o leitor”. In: *A literatura e o leitor – Textos de Estética da Recepção*. In: Jauss, Hans Robert... et al.; coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. “Problemas da Literatura em suas fontes”. Vol 2. *Seleção, Introdução e revisão Técnica*. Luiz costa Lima. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira,, 2002.
- JAUS, Hans Robert. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. Volume 36, Estudos Literários. Ática, São Paulo, 1994.
- _____. “A Estética da Recepção: Colocações Gerais”. In: *A literatura e o leitor – Textos de Estética da Recepção*. In: Jauss, Hans Robert... et al.; coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- JOBIN, José Luis. *Palavra da Crítica*. Rio de Janeiro, Imago Ed, 1992.
- JOYELES. *José Enrique Rodó*. Ediciones Selectas América. Buenos Aires, 1920.
- JOZEF, Bella. *História da Literatura hispano-americana*. 4ª. Ed., rev. e ampl.. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Francisco Alves Editora, 2005.
- KOHAN, Kohan. *Simón Bolívar y la «manzana prohibida» de la revolución latinoamericana*. Caracas, Editorial Trinchera, 2011.

- KOSHIBA, Luiz/Pereira, Denise. *História do Brasil*. São Paulo, Atual, 1994.
- LAGO, Julio. *El verdadero Rodo – Estudios Críticos*. Montevideo, Julio Lago, 1973.
- LAPOUJADE, Maria Noel. “Los imaginarios en la construcción de la identidad latinoamericana”. In: *Revista de Filosofía*. Universidad de Zulia, Madri, 2004.
- _____. “Imaginarios en la identidad latinoamericana”. Serie Pensamiento. In: *Relaciones. Revista al tema del hombre*. México, 2010.
- LAZABARRAL, Felipe. *Vida de Libertador: Simón Bolívar*. Madrid, Editorial América, 1938.
- LIMA, Lezama. *A Expressão Americana*. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Volumes I e II. 2 ed., Rio de Janeiro: F. Alvez, 1983.
- LLOSA, Álvaro Vargas. “El Caudillo, el populismo y la democracia”. In: *The New Republic*. 2008.
- LOBO, Eulália Maria. *Estudos Literários*. Rio de Janeiro, vol. 5, nº 9, 1992.
- LYNCH, John. *Simón Bolívar – A life*. Barcelona: Crítica, 2006.
- LOCKHART, Washington. *Rodo y su predica – sentimientos fundamentales*. Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo, 1982.
- _____. *La historia de la literatura uruguaya*. Capítulo Oriental 10. Rodo y el Arielismo. Montevideo, la Banda Oriental. 1968. Obs. A Capítulo Oriental reeditou este volume, no mesmo ano, como Capítulo Oriental 12.
- LUDWIG, Emil. *Bolívar – Cavaleiro da Glória e da Liberdade*. Porto Alegre, Globo, 1943.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo, Duas Cidades/editora 34, 2000.
- MADARIAGA, Salvador de. *Bolívar*. Paris, Camann-Levy, 1955.
- MAGALHÃES, Luiz. *Simón Bolívar*. 3 ed., Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1955.
- MALERBA, Jurandir. *A História na América Latina: ensaio de crítica historiográfica*. 1 ed., Rio de Janeiro, FGV, 2009.
- MARTÍ, José. *Nossa América*. Textos Seleccionados por Roberto Fernandez Retamar. 3 ed., São Paulo, Hucitec, 2006.
- _____. *Obra Literária*. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1989.
- _____. *Escenas norteamericanas y otros textos*. 1 ed. Buenos Aires. Corrigidor, 2010.
- MARX, Karl. *Simón Bolívar por Karl Marx*. São Paulo, Martins, 2008.
- MARX, Karl. *A revolução antes da revolução*. 1 ed. São Paulo, Expressão Popular, 2008. Vol II.

- MASUR, Gerhard. *Simón Bolívar*. Bogotá, Fundación para la Investigación y la Cultura, 2008.
- MATEOS, Lydia. *Rodó entre nosotros*. Montevideo, Ateneo de Montevideo, 2006.
- MEDEIROS, Carlos Túlio. *A Literatura Sul-rio-Grandense sob os olhos de Sílvio Júlio de Albuquerque Lima*. Dissertação de mestrado, UFRGS, Porto Alegre, 2007.
- MISTRAL, Gabriela. “Entrevista com Gabriela Mistral”. In: *O Globo*, 1962.
- MONEGAL, Emir Rodriguez. *José Enrique Rodó - Obras Completas*. 2 ed., Madri, Aguilar, 1967.
- _____. *Páginas de José Enrique Rodó*. Buenos Aires, Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1963.
- MORA GARCIA, José Pascual. “Bolívar, un imaginario social”. In: *Revista de la Sociedad Venezolana de Ecología*. Caracas, 1997.
- _____. “La revolución bolivariana de Hugo Chávez y el Neonacionalismo de la V República”. In: *Revista de la Sociedad Venezolana de Ecología*. Caracas, 2005.
- _____. “Hermenéutica Crítica de la Historia del tiempo presente: la invención de la tradición en la Revolución bolivariana”. In: *Revista Semestral de Filosofía Práctica*. Universidad de los Andes. Mérida, 2006.
- MORAES, Eduardo Jardim de. *A brasilidade modernista: sua dimensão*. Rio de Janeiro, Graal, 1978.
- MORENO, César Fernández. *América Latina em sua Literatura*. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- MORSE, Richard M. *O espelho de Próspero – Cultura e idéias nas Américas*. Trad. Paulo Neves. – São Paulo: Companhia das letras, 1988.
- MUÑOZ, Eugenio Petit. *El maestro de la juventud de América*. Montevideo, Universidad de la Republica. 2000.
- NARLOCH, Leandro/Teixeira, Duda. *Guia Politicamente Incorreto da América Latina*. São Paulo, Leya, 2011.
- NAVARRO, Karlos. “El pensamiento latinoamericano: su historia y perspectivas”. Disponível em: http://www.euram.com.ni/pverdes/articulos/karlos_navarro.htm.
- NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo, EDUSP, 1997.
- NOVAES, Adauto. *Oito Visões da América Latina*. São Paulo, Senac, 2006.
- OLMOS, Cecilia Arias/Minelli, Maria Alejandra. “El ensayo de Proyeccion Continental: Los intelectuales y el discurso antiimperialista”. In: *Atas do VI Congreso Nacional de Literatura Argentina*. Cordoba, 1991.

- ORIBE, Emilio. *El Pensamiento vivo de Rodó*. Buenos Aires, Editorial Losada, 1944.
- ORO, Ari Pedro. *A latinidade da América latina: enfoques sócio-antropológicos*. São Paulo, Aderaldo & Rothschild, 2008.
- ORTEGA Y GASSET, José. *La rebelión de las masas*. Buenos Aires, Hyspamerica Ediciones Argentinas, 1983.
- ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo Cubano del Tabaco y el Azúcar*. Havana. Ed. Cremeras Sociales, 1991.
- OVIEDO, José Miguel. *Historia de la literatura hispanoamericana. 2. Del Romanticismo al Modernismo*. Madrid, Alianza, 2005.
- PENCO, Wilfredo. *Jose Enrique Rodó*. Montevideo, Arca, 1978.
- PEREIRA, Lucia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de ficção: de 1870 a 1920*. São Paulo, EDUSP, 1988.
- PERRONE-MOISÉS, Leila. *Texto. Crítica, Escritura*. São Paulo, Ática, 1978.
- PICÓN-SALAS, Mariano. *De la conquista a la independencia*. México, Fondo de Cultura Económica, 1994.
- PIZARRO Drumond. “Sílvio Júlio e o Americanismo Brasileiro”. In: *Revista da Academia Carioca de Letras*, 1977.
- POMER, León / FERNADES, Florestan. *Sarmiento: Política*. São Paulo, Ática, 1983.
- PRIETO, Osvaldo Emílio. “La recepción del Arielismo en Río Cuarto”. In: *Literatura y Lingüística*, nº 4, Redalyc, México, 2003.
- RAMOS, Julio. *Desencontros da Modernidade na América Latina – Literatura e política no Século 19*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008.
- RAMOS, Jorge Abelardo. *História da Nação latino-americana*. Florianópolis, Insular, 2011.
- RANGEL, Carlos. *Del buen salvaje al buen revolucionario*. Caracas, Monte Avila Editores, 1975.
- RETAMAR, Roberto Fernández. *Caliban e outros ensayos*. São Paulo, Busca Vida, 1988.
- _____. *Todo Caliban*. Buenos Aires, CLACSO, 2004.
- Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, vol. 11, n. 21, 1991.
- RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a Civilização: Processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- ROCCA, Pablo. *Enseñanza y teoria de la literatura en José Enrique Rodó*. Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental, 2001.

- _____. “La lección de Próspero. Rodó, la enseñanza de la literatura y los apuntes inéditos”. In: Anuario de Filosofía Argentina y Americana, nº 17, año 2000.
- RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Trad. Denise Bottman. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991.
- _____. *Cinco Ensayos*. Sociedad Española de Librería. Madrid, 1915.
- _____. *Motivos de Proteo*. 5ª ed. Editorial Cervantes, Barcelona, 1926.
- _____. *Hombres de America*. Montevideo, Claudio Garcia & Cia. 1944.
- _____. *Originales y documentos de Jose Enrique Rodó*. Exposición. Ministerio de Instrucción Publica/Comisión de Investigaciones Literarias. Montevideo, 1947.
- _____. *Parabolas*. Buenos Aires, Editorial Kapeluz, 1972.
- RODRIGUEZ, Pedro Pablo. *Martí e as duas Américas*. 1 ed., São Paulo, Expressão Popular, 2006.
- RODRIGUEZ, Raquel Chang / FILER, Malva. *Voces de Hispanoamérica – antologia literaria*. Boston, HH, 1988.
- ROMERO, José Luis. *América Latina: As cidades e as idéias*. 2 ed. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2009.
- RUFINELLI, Jorge. *José Enrique Rodó: Crítico literário*. Instituto de Cultura Juan Gil-Albert, Alicante. 1995.
- SAID, Eduardo W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. Sao Paulo, Cia das Letras, 2007.
- SALCEDO-BASTARDO, José Luis. *Visão e revisão de Bolívar*. 2 ed., Rio de Janeiro, Agir, 1976.
- SAMOYAULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. *Conflictos y Armonias de las razas em America*. Buenos Aires, D. Tuñez, 1883. Tomo I.
- SHERWELL, Guillermo A. *Simón Bolívar, the Liberator*. Fairfield, 1stworldlibrary, 2005.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870 – 1930*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- SÍLVIO JÚLIO. *Cérebro e Coração de Bolívar*. 3ª ed. Progresso, Salvador, 1957.
- _____. *Pampa*. Fortaleza. Ed. sem citação., 1919.
- _____. *História e Localismo – sobre os livros de Ariosto González*. Rio de Janeiro, Editora Leite Ribeiro F. Bastos, 1928.
- _____. *José Enrique Rodó e o Cinquentenário do seu livro “Ariel”*. MEC/IN, Rio de Janeiro, 1954.

- _____. *Escritores Antilhanos*. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1944.
- _____. *Ensaio sobre História dos Povos Americanos*. NEPEC, Rio de Janeiro, 1961.
- _____. *Toda a América*. Rio de Janeiro: Gráfica Alba, 1939.
- STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2004.
- SUIFFET, Norma. *José Enrique Rodó: su vida, su obra, su pensamiento*. Montevideo, Ediciones La Urpila, 1995.
- TANI, Ruben. “Dos actitudes culturales. Imagine: Rodó y Varela”. In: *La República de Platón*, n 65, Uruguay, 2007.
- _____. “Producción simbólica en la comunidad intelectual uruguaya: José Enrique Rodó”. In: *Revista El Catoblepas*. Montevideo, 2008.
- _____. “La Antropología filosófica de Arturo Ardao: sujeto, espacio y tiempo”. En *Anuario de Antropología Social y Cultural en el Uruguay*. Montevideo, 2008.
- TORRANO, Hugo. *Rodó – acción y libertad: restauración de su imagen*. Montevideo, Barreiro y Ramos, 1973.
- _____. *Rodó y la encrucijada revolucionaria hispanoamericana*. Montevideo, Tradinco, 2010.
- UNAMUNO, Miguel. *Antología/Poesía, Narrativa, Ensayo*. España, Fondo de Cultura Económica de España, 2007.
- UREÑA, Pedro Henríquez. *Ensayos*. Edición Crítica. José Luis Abellán y Ana Barrenechea, coord. ALLCA XX, 1998.
- _____. *La utopia de America*. Caracas: Ayacucho, 1978.
- _____. *Plenitud de América: ensayos escogidos*. Buenos Aires, Peña/Del Giudice-Editores, 1952.
- _____. *Ensayos en busca de nuestra expresión*. Buenos Aires, Raigal, 1952.
- _____. *6 ensayos en busca de nuestra expresión*. Buenos Aires, Editorial Babel, 1928.
- _____. *Ariel*. Ensayos Críticos. Habana, 1967.
- Universidade Estadual do Rio de Janeiro. *4º Colóquio América: Descoberta ou invenção*. Rio de Janeiro, Imago Ed., 1992.
- VASCONCELOS, Francisco de. *Sílvio Júlio – Um clarão na América*. Petrópolis, 1975.
- _____. *O Pernambucano Sílvio Júlio*. Grumete Serviços Editoriais. Petrópolis, 1985.
- VASCONCELOS, José. *La raza cósmica: misión de la raza iberoamericana*. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1948.
- VICENT, Bernard. *1492 – Descoberta ou invasão?*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1992.

-
- VITALE, Luis. Recuperando la Memória Histórica: La larga marcha por la unidad y la identidad latinoamericana – De Bolivar al Che Guevara. CEME, Santiago, 2001.
- WELLEK, René/ WARREN, Austin. *Teoria da Literatura e metodologia dos estudos literários*. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- ZALDUMBIDE, Gonzalo. *Jose Enrique Rodó*. Madrid, Editorial América, 1919.
- ZAMBRAN NIETO, Santos Alfonso. “El Libertador Simón Bolívar y el ideal de integración Hispanoamericana”. In: *Presente y Pasado – Revista de Historia*. Año IV, numero 9. Merida, 2000.
- ZEA, Leopoldo. *Pensamiento Positivista Latinoamericano*. Tomo I, Biblioteca Ayacucho, Barcelona, 1980.
- _____. *El descubrimiento de América y su impacto en la Historia*. México, Tierra Firme, 1991.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. 1ª ed. Fundamentos. Ática, São Paulo, 2009.
- ZULETA, Emília. “El discurso crítico en América Latina”. In: *O Discurso Crítico na América Latina*. Org. Tania ranço Carvalhal. Porto Alegre: IEL, Ed. Unisinos, 1996.
- ZUM FELDE, Alberto. *Proceso Intelectual del Uruguay. Del Coloniaje al Romanticismo*. Montevideo, Librosur, 1985.

Parte II. Artigos consultados, citados e apoio

- ACHUGAR, Hugo. “¿Quién es Enjolras? Ariel atrapado entre Víctor Hugo y Star Trek”. Disponível em <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5121>, acesso em dezembro 2011.
- ACOSTA, Yamandu. “Ariel de Rodó: un comienzo de la filosofía latinoamericana. (un panfleto civil sobre un panfleto civil)”. Disponível em: http://www.accessmylibrary.com/coms2/summary_0286-842100_ITM, acesso em fevereiro de 2008.
- ALEIXO, José Carlos Brandi. “O Brasil e o Congresso Anfictiônico do Panamá”. Disponível em www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034. Acesso em agosto 2011.
- ALMEIDA DA SILVA, Arlenice. “O símbolo esvaziado: a teoria do romance do jovem György Lukács”. Disponível em www.scielo.br/pdf/trans/v29n1/30283.pdf, acesso em janeiro 2012.
- ALVIM, Fernando José da Silva/RAMOS, MarluCIA Mendes. “Indentidade nacional e nacionalismo estético em contos de Mário de Andrade. In: *REVELLI*, v 1, 2009.
- ARTOLA, Maria Gracia Núñez. “José Enrique Rodó: metamorfosis del crítico”. Disponível em <http://www.nodulo.org/ec/2003/n022p15.htm>. Acesso em fevereiro de 2008.
- AVELAR, Alexandre de Sá. “A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões”. Disponível em <http://www.ufes.br/ppghis/dimensoes/data/uploads/Dimensoes%2024%20-%207%20%20Alexandre%20de%20Sa%20Avelar.pdf>, acesso em julho 2011.
- AZAROLA, Maria Cristina Araújo. “Alberto Zul Felde: pensador uruguayo”. In: *Actas del I er. Simposio Internacional de filosofía*. Villa Maria, 1996.
- BETHELL, Leslie. “O Brasil e a idéia de América Latina em perspectiva histórica”. Disponível em www.scielo.br/pdf/eh/v22n44/v22n44a01.pdf, acesso em 2009.
- BOSI, Alfredo. “O modernismo de Mário de Andrade”. Disponível em <http://almanaque.folha.uol.com.br/bosi3.htm>. Acesso em março 2011.
- BUFFILL, Elio Alba. “Vigencia y Trascendencia del Ariel”. Disponível em http://www.circulodeculturapanamericana.org/org/estudios_sub_pgs/vigencia_transcendencia_ariel.htm.

- CAMPOS FERREIRA, Carla Cecília. “Ideologia Bolivariana: as apropriações do legado de Simón Bolívar em uma experiência de povo em armas na Venezuela”. Disponível em:
www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8695/000586822.pdf?, Acesso em fev 2010.
- CASTRO PONTES, Newton. “Formas históricas: o romance e a visão do mundo”. Disponível em
http://www.revistainvestigacoes.com.br/Volumes/Vol.23.N1/Investigacoes23N1_Newton-Castro-Pontes.pdf, acesso em agosto 2011.
- CARVALHO, José Murilo de. “História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura”. Topoi, Rio de Janeiro, v. 1, Selected Edition 2006. Disponível em
<http://socialsciences.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-33192006000100002&lng=en&nrm=iso>. access on janaury 2012.
- CORTAZZO, Uruguay. “Identidad y negación: el discurso crítico de Alberto Zum Felde”. Dissertação de mestrado, UCPEL, 2006.
_____. “Crítica literária, colonialismo e identidad en Alberto Zum Felde”. Disponível em
http://www.archivodeprensa.edu.uy/biblioteca/Alberto_Zum_Felde/lib/exe/fetch.php?media=cortazzo_uruguay_critica_literaria_colonialismo_e_identidad_en_alberto_zum_felde.pdf, acesso em junho 2011.
- COSTA, Arrisete C. L. “Biografias históricas e práxis historiográfica”. In: *Seculum* – Revista de História, João Pessoa, 2010.
- DEL PRIORE, Mary. “Biografia: quando o individuo encontra a história”. In: *Topoi*, vol 10., n 19, 2009.
- DEVÉS VALDÉS, Eduardo. “O pensamento nacionalista na América Latina e a reivindicação da identidade econômica”. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 20, 1997.
- DORELLA, Priscila Ribeiro. “Representações dissonantes de um acadêmico brasileiro sobre a América Latina”. Disponível em
http://www.apcl.com.br/noticias/coluna_silviojulio.html, acesso novembro 2011.
- ESTRADA, Ezequiel Martinez. “La literatura y la formacion de una conciencia nacional”. In: *Lectura Critica de la Literatura Americana: La formación de las culturas nacionales*. Caracas, Ayacucho, 1996, Vol 194.
- ESQUENAZY-MAYO, Roberto. “Revaloración de Rodo”. Disponível em
http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/01/aih_01_1_024.pdf, acesso em junho 2011.

- FAJARDO, Miriam. “Estética da Recepção: a literatura na perspectiva do leitor”. Disponível em <http://ptmiriamfajardo.pbworks.com/w/page/19749775/Est%C3%A9tica%20da%20Recep%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em dezembro 2010.
- FERREIRA, Priscilla de Oliveira. “O romance histórico na literatura portuguesa contemporânea”. In: *Revista Eletrônica de crítica e teorias de literatura*. Porto Alegre, vol 5, n 2, 2009.
- FOLLAIN DE FIGUEIREDO, Vera. “O romance histórico na América Latina: da alegria e da angustia de diluir fronteiras”. Disponível em <http://lfilipe.tripod.com/Vera.html>, acesso em janeiro de 2012.
- FOSTER, David William. “Procesos de literaturizacion en Ariel de Rodo”. In: *Lectura Critica de la Literatura Americana: La formación de las culturas nacionales*. Caracas, Ayacucho, 1996, Vol 194.
- FREDRIGO, Fabiana de Souza. “Notas metodológicas e trajetória de pesquisa: um estudo sobre o epistolário bolivariano (1799-1830)”. In: *Cadernos de Seminário Cultura e Política nas Américas – Vol 1*, Assis, UNESP, 2009.
- _____. “A cultura heróica e o culto bolivariano: uma comparação entre as biografias de Salvador de Madariaga e Gehard Masur”. In: *Anais do XXVI Simpósio nacional de História – ANPUH*, São Paulo, 2011.
- _____. “As guerras de independência, as práticas sociais e o código da elite na América do século XIX: leituras da correspondência bolivariana”. In: *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 23, n. 38, 2007.
- GAMA-KHALIL, Marisa Martins. “O lugar teórico do espaço ficcional nos estudos literários”. Disponível em www.anpoll.org.br/revista/index.php/rev/article/view/166, acesso em janeiro 2012.
- GATTO, Dante. “O sacrifício estético e a tragédia pessoal de Mário de Andrade”. In: *Revista Urutágua*, n 9. Maringá, 2009.
- GLINKIN, Anatolo. *El latinoamericanismo contra el Panamericanismo desde Simón Bolívar hasta nuestro dias*. Russia/Español : Editorial Progreso, 1984.
- GUERRA VILABOY, Sergio 2003 *El dilema de la independencia* (La Habana: Félix Varela).
- KONIG, Joaquim /KUSHER, Dagmar. “Literatura, investigaciones, y fuentes sobre la historia de Colômbia en Alemania”. In: *La historia al final del milenio: ensayos de historiografia colombiana y latinoamericana/comp.* Bernardo Tovar Zambrano. Bogotá, UNC, 1994.

- LEZEMA LIMA. “O discurso americanista dos anos 20”. Disponível em http://www.fflch.usp.br/df/site/publicacoes/discurso/pdf/D09_O_discurso_americanista.pdf, acesso em novembro de 2011.
- LIMA DA SILVA, Wilton Carlos. “Biografia: construção e reconstrução da memória”. In: *Fronteiras*, v. 11. n 20, 2009.
- LISBOA, Armando de Melo. “Desenterrando o espelho. A construção da identidade latino-americana”. Disponível em: <http://www.personalismo.net/identidade.htm>, acesso em 26 de novembro, 2007.
- LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In: RAVEL, Jacques (org). *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1998.
- MAESTRI, Mário. “História e Romance Histórico: Fronteiras”. Disponível em http://200.189.113.123/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/veiculos_de_comunicacao/NOR/NOR0236/NOR0236_07.PDF, acesso em julho 2011.
- MANCIE, Euclides André. “Sobre a Identidade Latino-Americana”. Univille, Joinville, 1995. Disponível em <http://www.milenio.com.br/mancie/identidade.htm>. Acesso em 15 Janeiro de 2009.
- MARY, Deise/FREITAS, Márcia. “A imagem de Simón Bolívar na construção do estado nacional venezuelano e na integração latino-americana”. Disponível em: http://www.amerindia.ufc.br/Anteriores/Vol01/vol01_05.pdf, acesso em março, 2010.
- MELLADO, Luciana. “El modernismo y el positivismo en el Ariel de José Rodó”. In: *Revista Alpha*, n. 22, Chubut, 2006.
- MELO, Patricia Pinheiro de. “Imagens de Bolivar: das guerras de independência ao Chavismo”. Disponível em www.pucsp.br/cehal/...2010/06_08_2010_Zancoppe%20TCM.pdf, acesso em janeiro 2010.
- MICELI, Sergio. “Feição e circunstancia de Mário de Andrade”. Disponível em http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S002038742008000900014&script=sci_arttext. Acesso em abril 2011.
- MOLLOY, Sylvia. “Lecturas de descubrimiento: la otra cara del fin del siglo”. In: *Actas XI, Cervantes*. Disponível em: http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/11/aih_11_1_003.pdf, acesso em 7 de julho de 2010.
- MONTAÑA MARTINEZ, Monica/TEIXEIRA, Joselia Elvira. “La construcción de identidad de America Latina”. Disponível em:

- <<http://www.ocyt.org.co/esocite/Ponencias_ESOCITEPDF/3BRS080.pdf>> Acesso 02 out. 2006.
- MONTARULI, Silvana. “El concepto de integración en el discurso de Simón Bolívar: Perspectivas para el presente”. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/campus/salazar/07monta.pdf>> Acesso em 15 de janeiro de 2009.
- MORAIS, Eunice. “A construção do herói no romance Boca do Inferno”. Disponível em <<http://teorialiteraria-uniandrade.blogspot.com.br/2010/08/construcao-do-heroi-no-romance-boca-do.html>>, acesso em agosto 2011.
- MORALES, Belém Castro. “El mundo de José Enrique Rodó (1871 – 1917)”. Disponível em <http://bib.cervantesvirtual.com/bib.../pcuartonivel.jsp?>... Acesso em julho 2011.
- NETO, Daiana Pereira. “1898 como paradigma para a História latino-americana”. In: *Caderno de resumos & Anais do 5º Seminário Nacional de Historia da Historiografia: biografia & historia intelectual*. Outro Preto: EDUFOP, 2011.
- NORTE, Ângela Lopes/REIS, Livia. “O ensaio latino-americano como vetor da construção identitária e sua contribuição para as relações Brasil-América Hispânica”. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/14-O-ensaio-latino-americano-como-vetor-da-constru%C3%A7%C3%A3o-identit%C3%A1ria-e.pdf>, acesso em janeiro 2010.
- OLIVEIRA, Maria Aparecida de. “Biografia como fonte histórica”. In: *Cadernos de pesquisa do CDHIS*, n 36/37, 2007.
- PIOVESAN, Greyce Kely. “Biografia, trajetória e história”. Disponível em <http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Greyce%20Kely.pdf>, acesso em julho de 2011.
- PRADO, Maria Ligia Coelho. “Sonhos e desilusões nas independências latino-americanas.” In: *E-latina*, vol 1, número 1, Buenos Aires, 2002.
- _____. “A responsabilidade dos intelectuais – o desenvolvimento dos anos 1950”. In: *Comunicação & Política*, V. 25, nº 3, p. 075-092.
- _____. “A questão nacional, a identidade cultural e o passado colonial brasileiro. Manuel Bomfim e uma interpretação do significado das raízes ibéricas”. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/eial/current/prado.html>, acessado em novembro de 2007.
- _____. “O Brasil e a Distante América do Sul”. In: *Digital Repository. University of Texas Libraries*, 2002.

- _____. O Brasil e a distante América do Sul. Rev. hist., São Paulo, n. 145, dez. 2001. Disponível em
<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-83092001000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 09 abr. 2012.
- _____. “Os intelectuais e a eterna busca pela modernização do Brasil: O significado do projeto nacional-desenvolvimentista das décadas de 1950-60”. Disponível em <http://historia-actual.org/Publicaciones/index.php/haol/article/view/231>. Acesso em janeiro 2011.
- QUIJANO, Aníbal. “El laberinto de America Latina. ¿hay otras salidas?”. Disponível em: sisbib.unmsm.edu.pe/bibvirtualdata/.../a06.pdf, acesso em 2010.
- REIS, Livia. “Notas de pesquisa: o ensaio latino-americano no século XX”. Disponível em www.letras.ufmg.br/espanhol/Anais/.../Notas%20de%20pesquisa.pdf, acesso em dezembro 2011.
- QUINTERO, Inés. “El sucesor de Bolívar. Biografía política de Antonio Jose Sucre”. In: *Colección Historica*. Caracas: Bid & Co. Editor, 2006.
- RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez. “As influências de Rousseau e Napoleão em Simón Bolívar”. Disponível em: www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/Bolivar.pdf, acesso em abril 2010.
- SANTOS, Fabio Murici dos. “O arielismo nos escritos históricos de José Enrique Rodó”. In: Anais Eletrônicos do VII Encontros Internacionais da ANPHLAC, 2008. Acesso em janeiro de 2010.
- SANTOS, Ricardo Soares Stersi. “A integração latino-americana no século XIX: antecedentes históricos do Mercosul”. Disponível em <http://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/14953>, acesso em janeiro de 2010.
- SOUZA, Marcos Alves de. Ideologia e Política em José Enrique Rodó: liberalismo e jacobinismo no Uruguai (1895-1917). Franca: UNESP, 2006, tese de doutorado.
- WASSERMAN, Claudia. “Percursos intelectuais latino-americanos: ‘Nuestra América’, de José Martí, e ‘Ariel’, de José Enrique Rodó – As condições de produção e o processo de repercussão do pensamento identitário”. Disponível em <http://pergamum.saofrancisco.edu.br/biblioteca>. Acesso em novembro de 2007.
- ZANDANEL DE GONZÁLVEZ, Maria Antonia. “Discurso histórico/discurso ficcional: Simón Bolívar, de la visión mítico-legendaria: ¿La parodización esperpentica del Héroe?” Disponível em:

http://bdigital.uncu.edu.ar/objetos_digitales/2620/zandanelrlm30.pdf. Acesso em 22 maio 2009.

ZUM FELDE, Alberto. “Revisión de Rodó”. In: *La Pluma*. Revista mensual de Ciencias, Artes y Letras, año 2, volumen 5. Montevideo, marzo de 1928.

_____. “Rodó – significación de Ariel”. In: *Índice Crítico de la Literatura Hispanoamerica*, 1957.

ZARUR, George. “A guerra da identidade ação e mestiçagem no pensamento latino-americano”. Disponível em: <<www.georgezarur.com.br/.../a-guerra-da-identidade-raca-e-mesticage>> Acesso em 20 de janeiro de 2010.